



Espírita Ismael - Sede Própria
Avenida Henri Janor, 141 - Jaçanã
São Paulo-SP - CEP 02271-040
Telefone: (11) 2242-6747
ceismael.com.br

APOSTILA DO CURSO DE INTRODUÇÃO AO EVANGELHO

org. por Sérgio Biagi Gregório

Sumário

Introdução.....	3
Deus.....	4
A Gênese.....	8
A Bíblia.....	12
Jesus Cristo.....	15
O Evangelho.....	19
Os Discípulos.....	23
Bem-Aventurados os Pobres de Espírito.....	26
Bem-Aventurados os Aflitos.....	29
Bem-Aventurados os Misericordiosos.....	32
Casamento e Divórcio.....	35
Violência.....	38
Meios de Comunicação Social.....	41
Atos dos Apóstolos.....	46
Epístolas de Paulo.....	49
O Apocalipse de João.....	53
Parábola do Bom Samaritano.....	56
Parábola do Semeador.....	59
Parábola do Trigo e do Joio.....	63
Fé.....	66
Esperança.....	69
Caridade.....	73
Pena de Morte.....	76
Desigualdade das Riquezas.....	79
Toxicomania.....	83
Bibliografia Consultada.....	86

Introdução

O objetivo destes apontamentos é fornecer conteúdo básico para a formulação do pensamento **crítico** e **reflexivo** à luz do Evangelho e dos princípios codificados por Allan Kardec.

Deus

SUMÁRIO: 1. Introdução. 2. Conceito: 2.1. A Origem da Ideia de Deus; 2.2. Etimologia; 2.3. Significado de Deus. 3. Deus e a Divindade: Monoteísmo e Politeísmo. 4. A Revelação de Deus. 5. Provas da Existência de Deus. 6. Deus da Fé e Deus da Razão. 7. Atributos da Divindade. 8. Imagem de Deus. 9. Conclusão. 10. Bibliografia Consultada.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é buscar uma compreensão mais abrangente da idéia de Deus. Embora seja difícil não só definir Deus como também provar a sua existência, temos condições de senti-Lo e de intui-Lo em nossa mente e em nossos corações. É o que faremos neste ensaio sintético.

2. CONCEITO DE DEUS

2.1. A ORIGEM DA IDÉIA DE DEUS

A origem da ideia de Deus pode ser concebida:

1) através da antiga doutrina cristã, que afirma que Deus se revelou aos antepassados do povo de Israel por meio das comunicações pessoais que lhes deram uma noção verdadeira, porém incompleta do Deus único, infinito e eterno; depois, no decurso de sua história, foi o povo alcançando gradualmente uma ideia mais adequada e estável acerca da natureza e dos atributos de Deus;

2) como resultado de um desenvolvimento puramente natural. Enquanto o homem se manteve no nível meramente animal não houve nele a idéia de Deus, se bem que existisse uma tendência para a religião. As suas necessidades e aspirações não encontravam satisfação no Mundo ambiente; conheceu as dificuldades e a dor. Em tais circunstâncias, surgiram no seu espírito "por necessidade psicológica" a idéia de encontrar auxílio que de algures lhe viesse, bem como a de algum poder ou poderes capazes de lho ministrar. Uma vez introduzida a idéia de Deus, observa-se a tendência para a multiplicação dos deuses (e daí o politeísmo). Com o alargamento da família para a nação, a esfera de deus também ia se ampliando, e as vitórias sobre outras nações, assim como um mais largo entendimento no que concerne ao Mundo, teriam produzido enfim a idéia de um deus único além do qual todos os outros deuses seriam somente pretensos deuses, sem existência real (Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira).

2. 2. ETIMOLOGIA

Deus é um dos conceitos mais antigos e fecundos do patrimônio cultural da humanidade. Deriva do indo-europeu *deiwos* (resplandecente, luminoso), que designava originariamente os *celestes* (Sol, Lua, estrelas etc.) por oposição aos *humanos*, terrestre por natureza. *Psicologicamente* corresponde ao objeto supremo da experiência religiosa, no qual se concentram todos os caracteres do numinoso ou sagrado (Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado).

2.3. SIGNIFICADO DE DEUS

Tomou esta palavra a significação de princípio de explicação de todas as coisas, da entidade superior, imanente ou transcendente ao mundo (cosmos), ou princípio ou fim, ou princípio e fim, ser simplicíssimo, potentíssimo, único ou não, pessoal ou impessoal, consciente ou

inconsciente, fonte e origem de tudo, venerado, adorado, respeitado, amado nas religiões e nas diversas ciências. Deste modo, em toda a parte onde está o homem, em seu pensamento e em suas especulações, a idéia de Deus aflora e exige explicações. É objeto de fé ou de razão, de temor ou de amor, mas para ele se dirigem as atenções humanas, não só para afirmar a sua existência, como para negá-la (Santos, 1965).

Para o **Espiritismo**, Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.

3. DEUS E A DIVINDADE: MONOTEÍSMO E POLITEÍSMO

Os termos **monoteísmo** e **politeísmo** surgem no processo de identificação ou de distinção entre Deus e a divindade.

No **politeísmo** há uma hierarquia de deuses, de modo que não há uma identidade entre Deus e Divindade. A não observância dessa distinção acaba por confundir muitas mentes. Platão, Aristóteles e Bergson, por exemplo, são qualificados como monoteístas, quando na realidade não o são. No *Timeu* de Platão, o Demiurgo delega a outros deuses, criados por ele próprio, parte de suas funções criadoras; o Motor de Aristóteles, pressupõe a existência de outros motores menores. Em outros termos, a substância divina é participada por muitas divindades. Convém, assim, não confundir a **unidade de Deus** com um reconhecimento da **unicidade de Deus**. A unidade pressupõe a multiplicidade. Quer dizer, Deus sendo uno, ele pode multiplicar-se em vários deuses, formando uma hierarquia. Mas justamente por isso não é único: a unidade não elimina a multiplicidade, mas a recolhe em si mesma. Obviamente a multiplicidade de deuses em se multiplica e se expande a divindade, não exclui a hierarquia e a função preeminente de um deles (o Demiurgo de Platão, o Primeiro Motor de Aristóteles, o Bem de Plotino); mas o reconhecimento de uma hierarquia e de um chefe da hierarquia não significa absolutamente a coincidência de Divindade e Deus e não é, portanto, monoteísmo.

O **monoteísmo** é caracterizado não pela presença de uma hierarquia, mas pelo reconhecimento de que a divindade é possuída só por Deus e que Deus e divindade coincidem. Nas discussões Trinitárias da Idade Patrística e da Escolástica, a identidade de Deus e da divindade foi o critério dirimente para reconhecer e combater aquelas interpretações que se inclinavam para o Triteísmo. Certamente, a Trindade é apresentada constantemente como um mistério que a razão mal pode roçar. Mas o que importa relevar é que a unidade divina só é considerada abalada quando, com a distinção entre Deus e a divindade, se admite, implícita ou explicitamente, a participação da mesma divindade por dois ou mais seres individualmente distintos (Abbagnano, 1970).

Para o **Espiritismo**, Deus é o Criador do Universo. Portanto, admite a tese monoteísta. Contudo, os Espíritos por Ele criados, conforme o grau de evolução alcançado, podem ser classificados como Espíritos Co-Criadores em plano maior e Espíritos Co-Criadores em plano menor. De acordo com o Espírito André Luiz, em *Evolução em Dois Mundos*, os Espíritos Co-Criadores em plano maior "tomam o plasma divino e convertem-no em habitações cósmicas, de múltiplas expressões, radiantes e obscuras, gaseificadas ou sólidas, obedecendo a leis predeterminadas, quais moradias que perduram por milênios e milênios, mas que se desgastam e se transformam, por fim, de vez que o Espírito Criado pode formar ou co-criar, mas só Deus é o Criador de Toda a Eternidade"... "Em análogo alicerce, as Inteligências humanas que ombreiam conosco utilizam o mesmo fluido cósmico, em permanente circulação no Universo, para a Co-Criação em plano menor, assimilando os corpúsculos da matéria com a energia espiritual que lhes é própria, formando assim o veículo fisiopsicossomático em que se exprimem ou cunhando as civilizações que abrangem no mundo a Humanidade Encarnada e a Humanidade Desencarnada" (Xavier, 1977, p.20 a 23).

4. A REVELAÇÃO DE DEUS

A revelação de Deus aos homens pode ocorrer de três modos:

1) a que atribui à iniciativa do homem e ao uso das capacidades naturais de que dispõe, o conhecimento que o homem tem de Deus;

2) a que atribui à iniciativa de Deus e à sua revelação o conhecimento que o homem tem de Deus;

3) a que atribui à mescla das duas anteriores: a revelação não faz senão por concluir e levar à plenitude o esforço natural do homem de conhecer a Deus.

Desses três pontos de vista, o primeiro é o mais estritamente filosófico, os outros dois são predominantemente religiosos. O segundo ponto de vista pode ser visto em Pascal, quando afirma que "É o coração que sente a Deus, não a razão". O terceiro ponto de vista foi encarnado pela Patrística, que considerou a revelação cristã como complemento da filosofia grega (Abbagnano, 1970).

De acordo com o **Espiritismo**, o que caracteriza a revelação espírita é o ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo sua elaboração fruto do trabalho do homem. E como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental: formula hipóteses, testa-as e tira conclusões (Kardec, 1975, cap. 1, it. 13, p. 19 e 20).

5. PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS

A prova da existência pode ser encontrada no axioma que aplicamos à ciência: não há efeito sem causa. Se o efeito é inteligente, a causa também o é. Diante deste fato, surge a questão: sendo o homem finito, pode ele perscrutar o infinito? Santo Tomas de Aquino dá-nos uma explicação, que é aceita com muita propriedade. A desproporcionalidade entre causa e efeito não tira o mérito da causa. Se só percebemos parte de uma causa, nem por isso ela deixa de ser verdadeira. Allan Kardec, nas perguntas 4 a 9 de *O Livro dos Espíritos*, diz-nos que para crer em Deus é suficiente lançar os olhos às obras da Criação. O Universo existe; ele tem, portanto, uma causa. Duvidar da existência de Deus seria negar que todo o efeito tem uma causa, e avançar que o nada pode fazer alguma coisa. A harmonia que regula as forças do Universo revela combinações e fins determinados, e por isso mesmo um poder inteligente. Atribuir a formação primária ao acaso seria uma falta de senso, porque o acaso é cego e não pode produzir efeitos inteligentes. Um acaso inteligente já não seria acaso.

6. DEUS DA FÉ E DEUS DA RAZÃO

Descartes, no âmago da sua lucubração racionalista, descobre Deus através da razão. Pascal, por outro lado, fala-nos que só podemos conhecer Deus através da Fé. A dicotomia entre fé e razão sempre existiu ao longo do processo histórico. Aceitar Deus pela razão é um atitude eminentemente filosófica; enquanto aceitar Deus pela fé é uma atitude preponderantemente religiosa.

De acordo com o **Espiritismo**, a fé é inata no ser humano, ou seja, ela é um sentimento natural, que precisa, contudo, ser raciocinado. Não adianta apenas crer; é preciso saber porque se crê. É nesse sentido que Allan Kardec elaborou a codificação. Observe que junto ao título de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, o Codificador colocou uma frase lapidar: "Não há fé inabalável senão aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade". Quer dizer, nunca aceitar nada sem o crivo da razão.

7. ATRIBUTOS DA DIVINDADE

Allan Kardec, nas perguntas 10 a 13 de *O Livro dos Espíritos*, explica-nos que se ainda não compreendemos a natureza íntima de Deus, é porque nos falta um sentido. Esclarece-nos, contudo, que Deus deve ter todas as perfeições em grau supremo, pois se tivesse uma de menos, ou que não fosse de grau infinito, não seria superior a tudo, e por conseguinte não seria Deus. Assim:

DEUS É ETERNO. Se Ele tivesse tido um começo, teria saído do nada, ou, então, teria sido criado por um ser anterior. É assim que, pouco a pouco, remontamos ao infinito e à eternidade.

É IMUTÁVEL. Se Ele estivesse sujeito a mudanças as leis que regem o Universo não teriam nenhuma estabilidade.

É IMATERIAL. Quer dizer, sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria, pois de outra forma Ele não seria imutável, estando sujeito às transformações da matéria.

É ÚNICO. Se houvesse muitos Deuses, não haveria unidade de vistas nem de poder na organização da matéria.

É TODO-PODEROSO. Porque é único. Se não tivesse o poder-soberano, haveria alguma coisa mais poderosa ou tão poderosa quanto Ele, que assim não teria feito todas as coisas. E aquelas que ele não tivesse feito seriam obra de um outro Deus.

É SOBERANAMENTE JUSTO E BOM. A sabedoria providencial das leis divinas se revela nos menores como nas maiores coisas, e esta sabedoria não nos permite duvidar da sua justiça nem da sua bondade.

8. IMAGEM DE DEUS

Imaginar Deus como um velhinho de barbas brancas, sentado em um trono, é tomá-Lo como um Deus antropomórfico. Damos-Lhe a extensão de nossa visão. Quer dizer, quanto mais primitivos formos, mais associamos-Lo às coisas palpáveis, como trovão, tempestade, bosque etc. À medida que progredimos no campo da espiritualidade, damos-Lhe a conotação de energia, de criação, de infinito, de coisa indefinível etc. O homem cria Deus à sua imagem e semelhança. Não se trata de criar Deus, mas sim uma imagem de Deus à nossa imagem e semelhança. Observe que a imagem oriental é uma imagem de aniquilação. No **Espiritismo**, devemos lembrar sempre que Deus não tem forma, pois difere de tudo o que é material. Devemos, sim, intuí-Lo, simplesmente, como a causa primária de todas as coisas.

9. CONCLUSÃO

Lembremo-nos de que encontramos Deus em nossa experiência mais íntima. Quer sejamos crentes ou ateus — estamos sempre procurando transcender-nos rumo a metas cada vez mais novas e nunca completamente realizáveis. Nesse sentido, a experiência superficial é alienante. Somente num constante esforço de aprofundamento de tudo o que nos rodeia é que podemos alcançar a riqueza da vida. Desse modo, convém sempre nos dirigirmos a Deus alicerçados na humildade e simplicidade de coração, com o bom ânimo de atender primeiramente à Sua vontade e não à nossa.

10. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo, Mestre Jou, 1970.
Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa/Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, s.d. p.
KARDEC, A. *A Gênese - Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo*. 17. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1975.
KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. 8. ed., São Paulo, FEESP, 1995.
Polis - Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado.
SANTOS, M. F. dos. *Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais*. 3. ed., São Paulo, Matese, 1965.
XAVIER, F. C. e VIEIRA, W. *Evolução em Dois Mundos*, pelo Espírito André Luiz, 4. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1977.

A Gênese

SUMÁRIO: 1. Introdução. 2. Conceito. 3. Gênese: Aspectos Gerais. 4. Gênese Planetária. 5. Gênese Moisaica. 6. Gênese Orgânica. 7. Gênese Espiritual. 8. Conclusão. 9. Bibliografia Consultada.

1. INTRODUÇÃO

A inquietação do homem leva-o a perquirir sobre a origem da vida e do universo. Pergunta: o que estou fazendo aqui? De onde vim? Para onde vou? Qual a finalidade da minha vida? A Bíblia e a Ciência fornecem-lhe algumas explicações. Nosso propósito é analisá-las sob a ótica da Doutrina dos Espíritos

2. CONCEITO

Gênese - do gr *genesis*. Sistema cosmogônico; a geração; sucessão dos seres; conjunto dos fatos que concorrem para a produção de qualquer coisa. *Biol.* Formação, produção ou desenvolvimento de uma célula, um órgão, um indivíduo ou uma espécie. *Fisiol.* Modo de formação dos elementos anatômicos, de acordo com o qual se formam, mais ou menos rapidamente, corpos sólidos ou semi-sólidos, a partir das substâncias líquidas (Enciclopédia Brasileira Mérito).

3. GÊNESE: ASPECTOS GERAIS

A gênese se divide em duas partes: a história da formação do mundo material e da Humanidade considerada em seu duplo princípio, corporal e espiritual. A Ciência se tem limitado à pesquisa das leis que regem a matéria.

Mas a história do homem, considerado como ser espiritual, prende-se a uma ordem especial de idéias, que não são do domínio da Ciência propriamente dita e das quais, por esse motivo, não tem ela feito objeto de suas investigações. A filosofia, a cujas atribuições pertence, de modo mais particular, esse gênero de estudos, apenas há formulado, sobre o ponto em questão, sistemas contraditórios, que vão desde a mais pura espiritualidade, até a negação do princípio espiritual e mesmo de Deus, sem outras bases, afora as idéias pessoais de seus autores (Kardec, 1975, cap. 4, it. 11, p. 90).

4. GÊNESE PLANETÁRIA

De acordo com a Ciência, a origem do Universo pode ser descrita da seguinte forma: no princípio não havia absolutamente nada. Mas antes do Big Bang da criação, não havia sequer nenhum espaço vazio. O espaço e o tempo bem como a matéria e a energia, criaram-se nessa explosão, e não havia um "fora" para onde o Universo explodisse, pois no momento mesmo em que acabava de nascer iniciava a sua grande expansão, o Universo continha tudo, inclusive todo o espaço vazio (Gribbin, 1983, p. 5).

No que tange à origem da Terra, a coisa mais importante que sabemos é que o nosso planeta nativo se formou ao mesmo tempo que o Sol e o resto do Sistema Solar pela condensação de uma nuvem de gás no espaço interestelar (Gribbin, 1983, p. 107).

O Espiritismo, na Gênese planetária, compatibiliza-se com a Ciência, entendendo que o procedimento científico é a forma pela qual ele pode construir o conhecimento, com o acréscimo apenas de certos dados de ordem espiritual, uma vez que todos os acontecimentos são planejados, iniciados e guiados no plano extraterreno (Curti, 1980, p. 17).

Assim, segundo o Espírito Emmanuel, Jesus recebeu o orbe terrestre, desde o momento em que se desprendia da massa solar e, junto a uma legião de trabalhadores, presidiu à formação da lua, à solidificação do orbe, à formação dos oceanos, da atmosfera e à estruturação do globo nos seus aspectos básicos, estatuidos os regulamentos dos fenômenos físicos da

Terra, organizando-lhe o equilíbrio futuro na base dos corpos simples da matéria (Xavier, 1972, cap. 1).

O amor de Jesus foi o verbo da criação do princípio. "Atingido o momento, Jesus reuniu nas alturas os intérpretes divinos do seu pensamento. Viu-se, então, descer sobre a Terra, das amplidões dos espaços ilimitados, uma nuvem de forças cósmicas, que envolveu o imenso laboratório planetário em repouso. Daí a algum tempo, na crosta solidificada do planeta, como no fundo dos oceanos, podia-se observar a existência de um elemento viscoso que cobria toda a Terra.

Estavam dados os primeiros passos no caminho da vida organizada. Com essa massa gelatinosa, nascia no orbe o protoplasma e, com ele, lançara Jesus à superfície do mundo o germe sagrado dos primeiros homens" (Xavier, 1972, p. 22 e 23).

5. GÊNESE MOISAICA

Segundo a **Bíblia**, no princípio dos tempos Deus criou, simultaneamente, todas as plantas e animais superiores, a partir da matéria inerte. Deus, do pó da terra, forma o primeiro homem - Adão -, sopra-lhe as narinas e lhe dá vida. Retira-lhe uma de suas costelas e cria a Eva. Esta é tentada pela serpente e come, juntamente, com Adão o fruto proibido - a maçã. Literalmente considerada esta noção é mitológica e antropomórfica. Dá-se a impressão que Deus é um ceramista que manuseia os seres criados por Ele.

Allan Kardec, no capítulo XII de *A Gênese*, esclarece-nos com precisão a linguagem figurada da Bíblia. Adão e Eva não seria o primeiro e único casal, mas a personificação de uma raça, denominada adâmica; a serpente é o desejo da mulher de conhecer as coisas ocultas, suscitado pelo espírito de adivinhação; a maçã consubstancia os desejos materiais da humanidade.

6. GÊNESE ORGÂNICA

A Ciência ainda não sabe como a vida se originou. A hipótese mais aceita é a de que a vida evoluiu a partir da existência de matéria orgânica inerte dissolvida na água.

No início, há 5 bilhões de anos, as temperaturas eram quentes demais para permitir a existência de protoplasma, a matéria prima das células vivas. A água, um dos principais componentes do protoplasma, só estava presente como vapor, um entre muitos gases na quente e escura atmosfera. Depois de arrefecida, formou-se a água e com ela a vida.

O primeiro passo na evolução foi a formação de células vivas, o segundo foi a expansão da vida, a partir do lodo e pântano. Assim, O protoplasma evolui para as bactérias, as bactérias para os vírus, os vírus para as amebas, as amebas para as algas, as algas para as plantas, as plantas para os animais até chegar à formação do homem.

Em termos do tempo:

Há ± 4.500 milhões de anos - as mais antigas rochas conhecidas;

Há ± 4.000 milhões de anos - a água condensa-se;

Há ± 3.800 milhões de anos - aparecimento das moléculas orgânicas;

Há ± 3.500 milhões de anos - aparecimento das moléculas de polímero;

Há ± 3.300 milhões de anos - aparecimento das bactérias anaeróbias;

Há ± 2.900 milhões de anos - aparecimento das bactérias anaeróbias com fotossíntese;

Há ± 2.000 milhões de anos - aparecimento das algas, dos protozoários e das bactérias;

Há ± 800 milhões de anos - aparecimento das plantas e dos animais (Taylor, 1983, p. 18 e 19).

O surgimento do Homem (estudos fósseis)

Há ± 25 milhões de anos - o *Pliopithecus*, um pequeno primata que conseguia andar só em dois pés;

Há ± 14 milhões de anos - o *Ramapithecus*, o primeiro primata que se assemelha mais ao homem do que aos símios;

Há ± 5 milhões de anos - o *Australopithecus*, criatura de corpo muito humano semelhante ao chimpanzé na cabeça e na cara;

Há ± 750.000 anos - o *Homo erectus*.

O *Homo erectus* andou pela Terra pelo menos durante um milhão de anos fazendo descobertas tão importantes como o domínio do fogo para se aquecer e preparar alimentos. Depois deus origem ao homem moderno, o *Homo sapiens*. Alguns fósseis do homem moderno datam de há 250.000 anos. Quando o *Homo sapiens* aparece em cena, em maior número, (150.000 a 160.000 anos), não é com um só tipo mas, pelo menos, dois. O de testa mais curta destes "antigo-modernos" é o *Homo sapiens neanderthalis* ou Homem de Neanderthal. Provavelmente, desapareceu há cerca de 30.000 anos, deixando só o seu primo de fronte majestosa, o *Homo sapiens sapiens*, herdeiro da Terra (Taylor, 1983, p. 34 e 35).

Sintetizando:

o átomo evolui para a molécula simples, a molécula simples para a molécula complexa, a molécula complexa para a molécula protéica, a molécula protéica para molécula de ADN, a molécula de ADN para o organismo unicelular e o organismo unicelular para o organismo pluricelular (Enciclopédia Combi).

Há um problema não solucionado: como da evolução química se passa à evolução biológica?

Segundo o **Espiritismo**, a vida, também, é o resultado desta complexa evolução comprovada pela Ciência. Allan Kardec em *A Gênese*, André Luiz em *Evolução em Dois Mundos* e Emmanuel em *A Caminho da Luz* atestam para a formação da camada gelatinosa, depois das altas temperaturas e resfriamento pelo qual passou o nosso planeta, na época de sua constituição, há cinco bilhões de anos. Há o aparecimento do protoplasma e toda a cadeia evolutiva. A diferença entre Ciência e Espiritismo é que o segundo faz intervir a ação dos Espíritos no processo de evolução.

7. GÊNESE ESPIRITUAL

Vimos toda a cadeia evolutiva orgânica. Mas o que dá vida à matéria inerte? Allan Kardec diz-nos que o princípio inteligente é que anima a matéria.

Como entender esse raciocínio?

Deus é a causa primária de tudo. DELE vertem-se dois PRINCÍPIOS: PRINCÍPIO ESPIRITUAL E PRINCÍPIO MATERIAL. Para que possamos entender essa trilogia espírita, necessitamos incluir a noção de fluido universal, elemento primordial da matéria. Condensando-se o Fluido Universal, teremos os vários tipos de matéria: matéria bruta, corpo físico, perispírito, fluido vital etc. O Espírito, como essência, difere de tudo o que conhecemos por matéria.

Questão: como se processa a união do princípio espiritual à matéria?

No ato da concepção, o perispírito se contrai até a dimensão de uma molécula, que se liga ao PRINCÍPIO VITO-MATERIAL DO GÉRMEN. Desenvolve-se unindo molécula por molécula ao novo corpo em formação. O Espírito fica ligado não unido ao corpo físico. Somente quando a criança vem à luz é que se une por completo, quando se dá o fenômeno do esquecimento do passado e a tomada da consciência da nova existência terrena. (Kardec, 1975, cap. 9, it. 18, p. 214)

Os Espíritos, para o Espiritismo, foram criados simples e ignorantes com a determinação de se tornarem perfeitos. Para isso necessitam do contato com a matéria. André Luiz em *Evolução em Dois Mundos* cita que o princípio inteligente estagiando na ameba adquire os primeiros automatismos do **tato**; nos animais aquáticos, o **olfato**; nas plantas, o **gosto**; nos animais, a **linguagem**. Hoje somos o resultado de todos os automatismos adquiridos nos vários reinos da natureza. Assim, no reino mineral adquirimos a **atração**; no reino vegetal, a **sensação**; no reino animal, o **instinto**; no reino hominal, o **livre-arbítrio**, o **pensamento contínuo** e a **razão**. (Xavier, 1977, cap. 4)

8. CONCLUSÃO

Embora não tenhamos condições de explicar a origem do Universo e da vida, nada nos impede de reverenciar a Deus, causa primeira de tudo, pela magnanimidade de sua obra. Que os bons Espíritos possam tirar-nos o véu do orgulho, a fim de que a humildade esteja sempre presente em nossas ações.

9. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- CURTI, R. *Espiritismo e Evolução*. São Paulo, FEESP, 1980.
Enciclopédia Brasileira Mérito.
- GRIBBIN, J. *Gênese: As Origens do homem e do Universo*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983.
- KARDEC, A. *A Gênese - Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo*. 17. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1976.
- TAYLOR, R. *A Evolução*. Lisboa, Verbo, 1983.
- XAVIER, F. C. *A Caminho da Luz - História da Civilização à Luz do Espiritismo*, pelo Espírito Emmanuel. Rio de Janeiro, FEB, 1972.
- XAVIER, F. C. e VIEIRA, W. *Evolução em Dois Mundos*, pelo Espírito André Luiz, 4. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1977.

A Bíblia

SUMÁRIO: 1. Introdução. 2. Conceito. 3. Antigo Testamento: 3.1. A lei; 3.2. Deus Único; 3.3. Os Profetas; 3.4. O Messianismo. 4. Novo Testamento: 4.1. Os Quatro Evangelhos; 4.2 O Quinto Evangelho. 6. Conclusão. 7. Bibliografia Consultada

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é sintetizar, dentro da ótica espírita, a visão geral do Antigo e do Novo Testamento.

2. CONCEITO

O termo **Bíblia** provém do plural *grego ta biblia* (os livros), que, pelo menos a partir do século XII, é usada para significar o conjunto dos vários escritos do Antigo e do Novo Testamento. O uso de um singular para designar vários livros sagrados tem uma explicação teológica. Não obstante a diversidade dos autores humanos, estes livros constituem uma unidade, um livro, ou o livro por excelência, cujo autor principal é Deus (Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado).

A palavra **Testamento** tem, na Bíblia, o significado de pacto, de aliança. A figura jurídica do Testamento era desconhecida dos antigos hebreus. A herança entre eles, estava regulada pelo costume e, posteriormente, pela lei (Núm., 27, 8-11), não havendo a hipótese de herdeiros designados pelo testador. Mas nos tempos helenísticos, os rabinos introduziram a instituição jurídica dos gregos relativa ao Testamento e o termo *diatheke* que a designava. A *Vulgata*, ao traduzir a Bíblia para o latim, em vez de traduzir *diatheke* por *foedus* usou o termo *testamento*, que é uma das acepções de *diatheke*, mas não corresponde ao vocábulo original *berit* (Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura).

Antigo Testamento - conjunto dos livros dos judeus, ou história dos judeus até Jesus Cristo. Divide-se em três partes: 1.^a) *Thora*, ou Lei (compreendendo o Gênesis, o Êxodo, o Levítico, os Números e o Deuteronômio); 2.^a) *Nebium*, ou Profetas (compreendendo Josué, Juizes, Samuel, Reis etc.); 3.^a) Ketubrim, ou hagiógrafos (compreendendo os salmos e os livros históricos).

Novo Testamento - conjunto de livros dos cristãos, ou história de Jesus Cristo.

3. ANTIGO TESTAMENTO

A Bíblia, segundo os judeus e cristãos em geral, é tida como o repositório da palavra de Deus, ditada ou inspirada por Ele. "O Concílio de Trento, em 1546, proibiu por em dúvida a inspiração divina da Bíblia, inclusive o Antigo Testamento. (Challaye, 1981, p. 142)

No estudo da História, entendida como Ciência, desenvolveu-se, como método científico próprio, o que se denomina de crítica histórica. Esta, ao analisar o conteúdo bíblico, conclui que nele há a contribuição de várias escolas, acréscimos posteriores e autorias diferentes daquelas a quem são atribuídas as passagens escritas. E que, portanto, a Bíblia, como tantos outros textos religiosos, é obra humana.

O Espiritismo entende que ela é constituída de Revelações Mediúnicas, entretecidas de narrativas, interpretações e inferências humanas, revelações estas que lhe estruturam os fundamentos religiosos e morais de forma progressiva (Curti, 1981, p. 21).

3.1. A LEI

Moisés, salvo da matança pela filha do Faraó e educado na corte, após ter matado um egípcio que maltratava um judeu, refugiou-se no deserto, onde lhe apareceu Deus numa sarça ardente, incumbindo-o da missão de tirar seu povo do Egito e estabelecê-lo na "terra prometida" no país de Canaã.

Conta-se que, antes da fuga, o Anjo da Morte passa por sobre as casas dos israelitas, ferindo de morte os primogênitos dos egípcios. Pragas, passagem pelo Mar Vermelho, a submersão de carros e soldados egípcios, que perseguiram os fugitivos, sucedem-se até a chegada deles no Sinai

No monte, Moisés recebe de Deus a Lei — o Decálogo — "base de todo direito no mundo, sustentáculo de todos os códigos da justiça terrestre"

Moisés unifica as tribos num povo, fá-las adotar lavé como seu Deus, constituindo uma religião nacional, na qual o povo se une à divindade num pacto de Aliança, que constitui uma unidade étnico-religiosa, uma nação-religião (Curti, 1981, p. 24).

3.2. DEUS ÚNICO

A crença no Deus único constituiu-se uma monolatria, no sentido de que os israelitas até o século VII e VI a. C. admitiam outros deuses nacionais, além de lavé. Este era o seu deus nacional. Pouco a pouco, entendem-no de forma animista e antropomórfica, com corpo espiritual comparado ao homem e com análogo sentimentos

A fé no Deus único conduziu este povo a condenar práticas mágicas e o culto aos mortos. O próprio Moisés, no Deuteronômio, recomenda não se interrogar os mortos.

"Enquanto a civilização egípcia e os iniciados hindus criavam o politeísmo para satisfazer os imperativos da época, contemporizando com a versatilidade das multidões, o povo de Israel acreditava somente na existência de Deus Todo-Poderoso, por amor do qual aprendia a sofrer todas as injúrias e a tolerar todos os martírios"... "Todas as raças da Terra devem aos judeus esse benefício sagrado, que consiste na revelação do Deus Único, Pai de todas as criaturas e Providência de todos os seres (Xavier, 1972, p. 68 e 69).

3.3. OS PROFETAS

Moisés não penetra nas terras de Canaã; morre antes, o que, aliás, lhe teria sido dito antes por lavé. Em 1200 a. C. seu grupo o faz, guiado por Josué e, na nova terra, sob a liderança dos juízes, chefes militares, conselheiros e magistrados, induz outras tribos a aceitarem o laveísmo. Este, entretanto, se defronta com a Religião Cananéia, com as crenças dos habitantes da região, que provoca um sincretismo pelo qual lhe adotam o sistema ritual, os sítios sagrados, os santuários, a organização sacerdotal, assimilando-lhe a religião e cultura. A função dos profetas é insurgir-se contra esse sincretismo.

Elias, Amós, Oséias, Isaías etc. são esses profetas (Curti, 1981, p. 28 e 29).

3.4. O MESSIANISMO

A idéia de um messias geralmente atribuída ao Judaísmo, é historicamente anterior e encontra-se em outras crenças, entre vários povos. Ela é explicada, porém, com base na concepção de um passado remoto em que os homens teriam vivido situação melhor e que voltaria a existir pela mediação entre os homens e a divindade, de um Salvador.

Emmanuel entretanto explica que os Capelinos, ao serem recebidos por Jesus, teriam guardado as reminiscências de seu planeta de origem e das promessas do Cristo, que as fortalecera ao longo do tempo, "enviando-lhe periodicamente os seus missionários e mensageiros.

Os enviados do infinito falaram na china milenar, no Egito na Pérsia etc.

Entre os judeus a idéia do Messias Salvador surge entre os séculos IV e III a. C. pela literatura profética. É o ungido, o enviado de lavé com a missão de instaurar o reino de Deus no mundo (Curti, 1981, p. 35).

4. NOVO TESTAMENTO

Deus, no Velho Testamento, havia comunicado os seus anúncios de alegria aos patriarcas, a Moisés e aos profetas do seu povo; no Novo Testamento, dá o maior dos “anúncios”, o anúncio de Jesus. Jesus não é só conteúdo do anúncio, mas é também o primeiro portador e arauto. Ele apresenta a si mesmo e a sua obra como o “Evangelho de Deus”, isto é, a “boa-nova” que Deus envia ao mundo que espera (Battaglia, 1984, p. 21 e 22).

O Novo Testamento é composto de 4 Evangelhos, os Atos dos Apóstolos, as Epístolas e o Apocalipse de João.

4.1. OS QUATRO EVANGELHOS

Os Evangelhos começaram a ser redigidos somente cerca de quarenta anos ou cinqüenta depois dos eventos por ele narrados, embora já houvesse, além da tradição oral, textos escritos de que os Evangelistas se valeram. O Evangelho Segundo Mateus, o Evangelho Segundo Marcos e o Evangelho Segundo Lucas são classificados como Evangelhos Sinóticos, pois há muita concordância em seus escritos. O Evangelho Segundo João difere dos três anteriores pelo seu estilo, sua estrutura e seus objetivos. É mais uma interpretação teológica da vida e obra de Cristo do que uma biografia. O estilo rude do autor desenvolve um enredo progressivo e dramático dos acontecimentos. O autor utilizou-se das mesmas fontes dos sinóticos, mas desenvolveu de maneira toda própria certos acontecimentos e destacou outros em função do seu objetivo maior: anunciar a divindade e a supremacia de Jesus (Enciclopédia Mirador Internacional).

4.2 O QUINTO EVANGELHO

Os Atos dos Apóstolos e as Cartas Apostólicas dispostos cronologicamente formariam um quinto evangelho. O Nascimento de Jesus, por exemplo, poderia ser encontrado em Gl 4,4; Rm 1,4; At 3, 18-24; At 1,14. Sua atividade missionária em At 10,36; At 2,22; At 1,13; At 1, 21-22; 2 Pd 1, 16-18; 1 Jo 1, 1-3. Este mesmo exercício poderia ser feito com relação às condições de sua vida, o início da vida pública, a última ceia, a traição de Judas etc. (Battaglia, 1984, p. 32 a 36).

5. CONCLUSÃO

A leitura do Antigo e Novo Testamento deve ser feita não em função da letra, mas em função do Espírito, a fim de que possamos captar toda a simbologia que está por trás das palavras.

6. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BATTAGLIA, O. *Introdução aos Evangelhos — Um Estudo Histórico-crítico*. Rio de Janeiro, Vozes, 1984.

CHALLAYE, F. *As Grandes Religiões*. São Paulo, IBRASA, 1981.

CURTI, R. *Monoteísmo e Jesus*. São Paulo, FEESP, 1980.

Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura. Lisboa, Verbo, s. d. p.

Enciclopédia Mirador Internacional. São Paulo, Encyclopaedia Britannica, 1987.

Polis - Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado.

XAVIER, F. C. *A Caminho da Luz - História da Civilização à Luz do Espiritismo*, pelo Espírito Emmanuel. Rio de Janeiro, FEB, 1972.

Jesus Cristo

SUMÁRIO: 1. Introdução. 2. Etimologia. 3. O messias. 4. O Nascimento de Jesus Cristo. 5. A Infância de Jesus. 6. João Batista e o Batismo. 7. A Pregação. 8. Jesus e o Estado. 9. A Perspectiva da Cruz. 10. A missão de Jesus. 11. Conclusão. 12. Bibliografia Consultada.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é analisar a vida e obra de Jesus Cristo, no sentido de melhor compreender a nobre missão desse eminente Espírito reencarnado entre nós.

2. ETIMOLOGIA

Jesus Cristo (de *Jesoûs*, forma grega do hebraico *Joxuá*, contração de *Jehoxuá*, isto é, "Jeova ajuda ou é salvador", e de Cristo, do grego *Christós*, corresponde ao hebraico *Moxiá*, escolhido ou ungido).

3. O MESSIAS

A idéia de um messias geralmente atribuída ao Judaísmo, é historicamente anterior e encontra-se em outras crenças, entre vários povos. Ela é explicada, porém, com base na concepção de um passado remoto em que os homens teriam vivido situação melhor e que voltaria a existir pela mediação entre os homens e a divindade, de um Salvador.

Emmanuel entretanto explica que os Capelinos, ao serem recebidos por Jesus, teriam guardado as reminiscências de seu planeta de origem e das promessas do Cristo, que as fortalecera ao longo do tempo, "enviando-lhe periodicamente os seus missionários e mensageiros.

Os enviados do infinito falaram na china milenar, no Egito na Pérsia etc.

Entre os judeus a idéia do Messias Salvador surge entre os séculos IV e III a. C. pela literatura profética. É o ungido, o enviado de lavé com a missão de instaurar o reino de Deus no mundo (Curti, 1980, p. 35).

4. O NASCIMENTO DE JESUS CRISTO

Jesus nasceu em Belém e morreu no ano 30 de nossa era. O mês e o ano do nascimento de Jesus Cristo são incertos. A era vulgar, chamada de Cristo, foi fixada no séc. VI por Frei Dionísio, que atribui o Natal ao ano de 754 da fundação de Roma.

O texto evangélico correspondente ao seu nascimento é: "Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: estando Maria, sua mãe, prometida por esposa a José, sem que tivessem antes coabitado, achou-se grávida pelo Espírito Santo. Mas José, seu esposo, sendo justo, e não a querendo infamar, resolveu deixá-la secretamente.

Enquanto ponderava nestas coisas, eis que lhe apareceu, em sonho, um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo.

Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles.

Ora, tudo isto aconteceu, para que lhe cumprisse o que fora dito pelo senhor por intermédio do profeta: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco) (Mateus, 1, 18 a 23).

Comentário: o nascimento de Jesus por uma virgem engravidada pelo Espírito Santo, Deus na terceira pessoa, é figura mitológica, que se prende a concepções filosóficas sincreticamente associadas mais tarde à interpretação da Revelação Cristã.

A idéia de concepção por um Deus prende-se à concepção aristotélica da substância, em que qualquer substância deve derivar dela mesma. Assim, o homem deve derivar do homem, a planta da planta e o animal do animal. Assim sendo, atribuindo a Jesus, substância divina, por entenderem-no Deus, na pessoa do filho, encarnado, ele só poderia ter sido concebido por um Deus, o Espírito Santo, porque de um homem não poderia ter nascido Deus (Curti, 1980, p. 38 e 39).

5. A INFÂNCIA DE JESUS

A história de Jesus, tal como se processou sua vida, é muito difícil de se reconstituir hoje, porque os Evangelhos são praticamente a única fonte existente a fornecê-la, e eles descrevem muito mais o que Jesus vem a significar, após a sua morte para a Igreja, do que os fatos tal como aconteceram.

O Evangelho nos diz que para fugir à matança das crianças, a Sagrada Família julgou conveniente fugir para o Egito. Depois da morte de Herodes regressou do exílio e estabeleceu-se em Nazaré, na Galiléia. Aí passou Jesus a infância e a juventude, exalçando pelo exemplo, como operário na oficina de José, a dignidade do trabalho, no qual a Antigüidade vira unicamente a função própria do escravo.

Além disso, pouco ou nada se sabe acerca de sua infância. Lucas limita-se a dizer que "...crescia e se fortalecia cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre Ele". (Lucas, 2, 40) Narra-se que certa vez, na Páscoa, quando contava 12 anos, seus pais o perderam, reencontrando-o só após três dias "...assentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os. E todos que o ouviam admiravam a Sua inteligência e respostas" (Lucas, 2, 46 e 47).

6. JOÃO BATISTA E O BATISMO

"João, de fato, partiu primeiro, a fim de executar as operações iniciais para a grandiosa conquista. Vestido de peles e alimentando-se de mel selvagem, esclarecendo com energia e deixando-se degolar em testemunho à Verdade, ele precedeu a lição da misericórdia e da bondade". (Xavier, 1977, p. 24) Dizia às pessoas que deviam se arrepender porque estava próximo o reino dos céus. E todos dirigiam-se ao rio Jordão para ser batizado por ele. Dizia também: "Eu vos batizo com água, para arrependimento; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, cujas sandálias não sou digno de levar. Ele vos batizará com o Espírito Santo e com o fogo" (Mateus, 3, 11).

Lemos em Mateus, 2, 13 a 17; em Marcos, 1, 9 a 11; em Lucas, 3, 21 e 22, que Jesus foi batizado por João Batista.

A respeito do **batismo**, o Espírito Emmanuel, na pergunta 298 do livro *O Consolador*, comenta que o espiritista deve entender o batismo como o apelo do seu coração ao Pai de misericórdia para a cristianização dos filhos, no apostolado do trabalho e da dedicação.

7. A PREGAÇÃO

Contava trinta anos quando começou a pregar a "Boa Nova". Compreende a sua vida pública um pouco mais de três anos (27 a 30 da era cristã). Utilizou-se, na sua pregação, o apelo combinado à razão e ao sentimento, por meio de parábolas ilustrativas das verdades morais. As duas regiões de sua pregação:

- 1) **Galiléia** (Nazaré) - as cercanias do lago de Genesaré e as cidades por ele banhadas, e principalmente Cafarnaum, centro a atividade messiânica de Jesus;
- 2) **Jerusalém** - que visitou durante quatro vezes durante o seu apostolado e sempre por ocasião da Páscoa.

Na Galiléia, percorrendo os campos, as aldeias e as cidades, Jesus anunciava às turbas que o seguem o Reino de Deus; é aí, também, que recruta os seus doze apóstolos e os prepara para serem as suas testemunhas. Ao mesmo tempo, vai realizando milagres.

Em Jerusalém, continuamente perseguido pela hostilidade dos fariseus (seita muito considerada e muito influente, que constituía a casta douta e ortodoxa do judaísmo), ataca a hipocrisia deles e esquiva-se às suas ciladas. Como prova de sua missão divina, apresenta-lhes a cura de um cego de nascença e a ressurreição de Lázaro (Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira).

8. JESUS E O ESTADO

Rejeitando transformar-se em chefe político, conforme o desejo de muitos dos seus seguidores, Jesus, desde o início do seu ministério, teve de enfrentar a ordem estabelecida, pois o Estado contrariava as suas prédicas do Sermão do Monte. A execução de Jesus pelos romanos, sob o leiteiro Rei dos Judeus, indicava que fora legalmente condenado à morte como rebelde contra o Estado romano, isto é, como se fora um zelota. Certas afirmações suas ("não vim trazer a paz, mas a espada"), a expulsão dos vendilhões do templo, as críticas violentas à corte em geral e a Herodes pessoalmente, a que chama "raposa", pareciam colocar Jesus na linha do radicalismo político.

A esfinge da moeda não nega a realidade do poder constituído; mas o que realça, é a preeminência de Deus na vida humana. Dai "a César o que é de César e a Deus o que é de Deus" significa, antes de tudo, a recusa de dar a César o que é de Deus. Jesus parece defender não a separação das esferas de poder, mas a submissão de todos os poderes à vontade de Deus, a que também César deveria submeter-se (Enciclopédia Mirador Internacional).

9. A PERSPECTIVA DA CRUZ

Se quisermos adotar, na perspectiva da crítica histórica atual, o ponto de partida mais sólido, para o conhecimento de Jesus Cristo, teremos de escolher os acontecimentos ligados à sua prisão, julgamento e execução na cruz. Daí, tiramos conclusões *hermenêuticas* para a sua correta interpretação. Por que aquele desfecho e não outro? A terceira razão, a execução na cruz, recomenda uma *cristologia da cruz*: a cruz permite-nos entender como o significado e ministério de Jesus Cristo é salvação deste mundo através de um julgamento que abrange todos os responsáveis pela sua morte e se exerce, não pela força das armas que matam, mas pelo testemunho da verdade e do amor que leva à doação da própria vida (*martyria*) (Enciclopédia Verbo de Sociedade e Cultura).

10. A MISSÃO DE JESUS

Moisés trouxe a 1.^a revelação; Jesus a segunda. A primeira revelação dá relevância ao olho por olho e dente por dente; a segunda fala do amor incondicional, estendendo-o até ao amor ao inimigo.

"Jesus não veio destruir a lei, quer dizer, a lei de Deus; ele veio cumpri-la, quer dizer, desenvolvê-la, dar-lhe seu verdadeiro sentido, e apropriá-la ao grau de adiantamento dos homens; por isso, se encontra nessa lei o princípio dos deveres para com Deus e para com o próximo, que constituem a base de sua doutrina. Quanto às leis de Moisés propriamente ditas, ao contrário, ele as modificou profundamente, seja no fundo, seja na forma; combateu constantemente o abuso das práticas exteriores e as falsas interpretações, e não poderia fazê-las sofrer uma reforma mais radical do que as reduzindo a estas palavras: "Amar a Deus acima de todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo". E dizendo: *está aí toda a lei e os profetas*" (Kardec, 1984, cap. 1, it. 3, p. 35)

11. CONCLUSÃO

Jesus, embora não tenha deixado nada escrito, é o modelo enviado por Deus para nos ensinar a lei do amor. A sua vida de obediência ao Pai, renunciando a própria vida, deve constituir-se, para todos os cristãos, um estímulo constante à prática do bem na Terra.

12. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CURTI, R. *Monoteísmo e Jesus*. São Paulo, FEESP, 1980.

Enciclopédia Mirador Internacional. São Paulo, Encyclopaedia Britannica, 1987.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa/Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, s.d. p.

KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 39. ed., São Paulo, IDE, 1984.

Polis - Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado.

XAVIER, F. C. *Boa Nova*, pelo Espírito Humberto de Campos. 11. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1977.

O Evangelho

SUMÁRIO 1. Introdução. 2. Conceito. 3. Conotações do Termo “Evangelho”. 4. Contexto Histórico do Evangelho: 4.1. Ambiente Político-Religioso; 4.2. O Judaísmo Palestinense no Tempo de Cristo; 4.3. De Cristo a Kardec. 5. Kardec e o Evangelho Segundo o Espiritismo. 6. Evangelho e Educação. 7. Conclusão. 8. Bibliografia Consultada

1. INTRODUÇÃO

O objetivo central deste estudo é enaltecer os esforços constantes de evangelização das criaturas. Para que possamos atingir tal desideratum, preparamos o seguinte roteiro: conceito, conotações do termo “Evangelho”, Evangelho no contexto histórico, o Evangelho Segundo o Espiritismo e Evangelho e Educação.

2. CONCEITO

O uso freqüente de uma palavra pode provocar, com o tempo, a perda do seu significado original. Isto aconteceu com muitos de nós que dizemos e ouvimos pronunciar tantas vezes o termo “Evangelho”.

De acordo com Battaglia em *Introdução aos Evangelhos*, o primeiro significado lembrado pelo som desta palavra é o de um livro, um dos quatro que foram legados pela era apostólica e que contém a vida e a doutrina de Jesus. A palavra “Evangelho” suscita em muitos cristãos uma vaga idéia de respeito e solenidade ligada à liturgia da Missa dominical, quando o som deste termo faz-nos ficar todos de pé para ouvi-lo devota e respeitosa. Mas normalmente, tudo pára aí.

Evangelho é a tradução portuguesa da palavra grega *Euangelion* que foi notavelmente enriquecida de significados. Para os gregos mais antigos ela indicava a “gorjeta” que era dada a quem trazia uma boa notícia. Mais tarde passou a significar uma “boa-nova”, segundo a exata etimologia do termo.

Falava-se de “evangelho”, nas cidades gregas, quando ecoava a notícia de uma vitória militar, quando os arautos noticiavam o nascimento de um rei ou de um imperador. Ao termo estava unida a idéia de festa com cânticos, luzes e cerimônias festivas. Era, em suma, o anúncio da alegria, porque continha uma certeza de bem-estar, de paz e salvação. (1984, p. 19 e 20)

3. CONOTAÇÕES DO TERMO “EVANGELHO”

O Evangelho de Jesus – Deus, no Velho Testamento, havia comunicado os seus anúncios de alegria aos patriarcas, a Moisés e aos profetas do seu povo; no Novo Testamento, dá o maior dos “anúncios”, o anúncio de Jesus. Jesus não é só conteúdo do anúncio, mas é também o primeiro portador e arauto. Ele apresenta a si mesmo e a sua obra como o “Evangelho de Deus”, isto é, a “boa-nova” que Deus envia ao mundo que espera (Battaglia, 1984, p. 21 e 22).

O Evangelho dos Apóstolos – Desde o momento da ascensão de Jesus, a palavra “Evangelho” designou a pregação oral dos apóstolos, pregação que tinha como argumento a pessoa e atividade de seu Mestre divino (Battaglia, 1984, p. 23).

Os Quatro Evangelhos – Desde os primeiros anos do cristianismo preferiu-se falar de “Evangelho”, no singular, também quando se referia aos livros. isto porque os escritos dos apóstolos traziam todos o mesmo e idêntico “alegre anúncio” proclamado por Jesus e difundido oralmente. Quando se desejou, porém, indicar de maneira específica cada um dos quatro livros, encontrou-se uma fórmula particularmente eficaz e significativa: “Evangelho Segundo Lucas”, “Evangelho Segundo Mateus”, “Evangelho Segundo Marcos” e “Evangelho

Segundo João”. Desse momento em diante, o singular e o plural se alternam para indicar, um a identidade do anúncio, o outro a diversidade de forma e redação. Ficará, porém, sempre viva a convicção de que o Evangelho é um só: o alegre anúncio de Jesus (Battaglia, 1984, p. 25 e 26).

O Quinto Evangelho – Os Atos dos Apóstolos e as Cartas Apostólicas dispostos cronologicamente formariam um quinto evangelho. O Nascimento de Jesus, por exemplo, poderia ser encontrado em Gl 4,4; Rm 1,4; At 3, 18-24; At 1,14. Sua atividade missionária em At 10,36; At 2,22; At 1,13; At 1, 21-22; 2 Pd 1, 16-18; 1 Jo 1, 1-3. Este mesmo exercício poderia ser feito com relação às condições de sua vida, o início da vida pública, a última ceia, a traição de Judas etc. (Battaglia, 1984, p. 32 a 36).

Evangelhos Apócrifos – Muitas informações acerca de Jesus estão arroladas nos evangelhos apócrifos (escondidos) e nas ágrafas (ensino oral).

4. CONTEXTO HISTÓRICO DO EVANGELHO

4.1. AMBIENTE POLÍTICO-RELIGIOSO

O povo judeu, ao qual Jesus e os apóstolos pertenciam, fazia parte do grande império romano que estendia as asas das suas águias do Atlântico ao Índico. O jugo romano, porém, pesava de modo especial sobre a Palestina ao contrário dos outros povos.

O poder político-religioso na Palestina, naquela época, era exercido pelo procurador romano, pelo sumo sacerdote e pelo senado judeu.

O **procurador romano** era sobretudo um chefe militar, encarregado de vigiar, com 3.000 homens à sua disposição. Competia-lhe cobrar os tributos a serem enviados ao erário imperial. Administrava a justiça só nos casos em que era prevista a pena de morte, pena que o tribunal ordinário do sinédrio, ou os tribunais locais das várias regiões e cidades não podiam executar. Por esse motivo Jesus, embora tivesse sido condenado à morte pelo sinédrio, teve de comparecer diante de Pilatos para responder por delito capital.

O **sumo sacerdote** era assistido, no governo político e religioso da nação, por uma espécie de senado judeu, o sinédrio.

Pertenciam ao **sinédrio** três categorias de pessoas:

- “*príncipes dos sacerdotes*” (chefes das famílias e das classes sacerdotais e os sumos sacerdotes depostos do cargo)
- “*anciãos*” (membros das famílias nobres e ricas de Jerusalém).
- “*escribas*” ou “doutores da lei” (mestres judeus peritos na Lei e na tradição). Todos esses membros pertenciam às duas seitas principais do judaísmo: a dos saduceus e a dos fariseus (Battaglia, 1984, p. 105 a 107).

4.2. O JUDAÍSMO PALESTINENSE NO TEMPO DE CRISTO

O ambiente histórico-religioso em que o Evangelho nasceu é o do judaísmo formado e alimentado pelos livros sacros do Antigo Testamento, condicionado pelos acontecimentos históricos, pelas instituições nas quais se encontrou inserido e pelas correntes religiosas que o especificaram.

Embora o cristianismo seja uma religião revelada, diferente da judaica, apareceu historicamente como continuação e aperfeiçoamento da revelação dada por Deus ao povo de Israel. Jesus era um judeu, que nasceu e viveu na Palestina. Os apóstolos eram todos da sua gente e da sua religião.

Por isso, nos Evangelhos encontramos descrições, alusões e referências a pessoas, instituições, idéias e práticas religiosas do ambiente judaico, frente às quais Jesus e os apóstolos tomaram posição, aceitando-as ou rejeitando-as (Battaglia, 1984, p. 118).

4.3. DE CRISTO A KARDEC

A divulgação do Evangelho, desde as suas primeiras manifestações, não foi tarefa fácil. A começar pela construção desses conhecimentos — realizada sob um clima de opressão —, pois o jugo romano, como vimos anteriormente, pesava de maneira especial sobre a Palestina. As mortes dos primeiros cristãos, nos circos romanos, ainda ecoa de maneira indelével em nossos ouvidos. Além disso, tivemos que assistir à ingerência política em muitas questões de conteúdo estritamente religioso. Fomos desfigurando o Cristianismo do Cristo para aceitarmos o Cristianismo dos vigários, como disse o Padre Alta. A fé, o principal alimento da alma, torna-se dogmática nas mãos de políticos e religiosos inescrupulosos. Para ganhar os céus, tínhamos que confessar as nossas culpas, pagar as indulgências e obedecermos aos inúmeros dogmas criados pela Igreja. É dentro desse quadro de fé dogmática que surge o Espiritismo, dando à fé uma direção racional, no sentido de iluminar a vida espiritual de toda a humanidade.

5. KARDEC E O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

O Evangelho Segundo o Espiritismo é o 3.º Livro da Codificação. *O Livro dos Espíritos* surgiu em 18/04/1857, seguido pelo *O Livro dos Médiuns*, em 1861. Somente em 1864 Kardec publicou *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Isso para não chocar a crença católica da penas eternas.

Allan Kardec na Introdução de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* diz que as matérias contidas nos Evangelhos podem ser divididas em cinco partes: *os atos comuns da vida de Cristo, os milagres, as profecias, as palavras que serviram para o estabelecimento dos dogmas da Igreja e o ensinamento moral*. Se as quatro primeiras partes foram objeto de controvérsia, a última manteve-se inatacável. Este é o terreno onde todas as crenças podem se reencontrar, porque não é motivo de disputas, mas sim regras de conduta abrangendo todas as circunstâncias da vida, pública e privada.

Kardec, para evitar os inconvenientes da interpretação, reuniu nesta obra os artigos que podem constituir, propriamente falando, um código de moral universal, sem distinção de culto. Nas citações conservou tudo o que era útil ao desenvolvimento do pensamento, não eliminando senão as coisas estranhas ao assunto. Como complemento de cada preceito, ajuntou algumas instruções escolhidas entre as que foram ditadas pelos Espíritos em diversos países, e por intermédio de diferentes médiuns.

Cabe lembrar que o Espiritismo não tem nacionalidade, está fora de todos os cultos particulares e não foi imposto por nenhuma classe social, uma vez que cada um pode receber instruções de seus parentes e de seus amigos de além-túmulo. Ele veio dar uma nova luz à moral do Cristo (1984, Introdução, p. 8 a 12).

6. EVANGELHO E EDUCAÇÃO

No âmbito do Espiritismo, o Evangelho deixou de ser apenas a fonte de meditação e oração para a ligação do homem com um Deus antropomórfico, no insulamento, para transformar-se num instrumento de aperfeiçoamento do indivíduo, de renovação íntima constante e continuada; de adequação, adaptação à vida, no torvelinho de suas modalidades, na incessante variação de suas manifestações. Em síntese, o objetivo do Espiritismo é transformar o Evangelho de crença em conhecimento – conhecimento das leis que governam o Espírito.

Com o Evangelho, a idéia de Educação se transforma. Ela continua sendo a transmissão de cultura de uma geração a outra, mas com a finalidade de estimular a criatividade, de adaptar o indivíduo à vida, de conduzi-lo à integração na sociedade, através do trabalho produtivo, das realizações conjuntas, de forma ordenada e pacífica (Curti, 1983, p. 85 a 87).

A vinda do Mestre modificou o cenário do mundo. Emmanuel em *Roteiro* diz-nos que antes de Cristo, a educação demorava-se em lamentável pobreza, o cativo era consagrado por lei, a mulher aviltada qual alimária, os pais podiam vender os filhos etc. Com Jesus, entretanto, começa uma era nova para o sentimento. Iluminados pela Divina influência, os discípulos do

Mestre consagram-se ao serviço dos semelhantes; Simão Pedro e os companheiros dedicam-se aos doentes e infortunados; instituem-se casas de socorro para os necessitados e escolas de evangelização para o espírito popular etc. (Xavier, 1980, cap. 21).

Emmanuel diz ainda em *Emmanuel* que “O Evangelho do Divino Mestre ainda encontrará, por algum tempo, a resistência das trevas. A má-fé, a ignorância, a simonia, o império da força conspirarão contra ele, mas tempo virá em que a sua ascendência será reconhecida. Nos dias de flagelo e de provações coletivas, é para a sua luz eterna que a Humanidade se voltará, tomada de esperança” (Xavier, 1981, p. 28).

7. CONCLUSÃO

O Evangelho (segundo o Espiritismo) deixa de ser fonte de meditação e oração e passa a ser um instrumento de aperfeiçoamento do indivíduo. É um guia insubstituível para a adaptação do homem às crescentes formas de vida. Refletindo sobre os seus conteúdos morais, o homem começa a evangelizar-se, ou seja, começa a criar novos hábitos e atitudes, a tornar operante a sua fé, a exercitar mais e mais vezes a paciência.

Adquire, assim, uma nova postura com relação à vida e ao seu próximo, porque aprendeu que o único evangelho vivo é aquele em que os outros o observam.

8. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BATTAGLIA, O. *Introdução aos Evangelhos — Um Estudo Histórico-crítico*. Rio de Janeiro, Vozes, 1984.

CURTI, R. *Espiritismo e Questão Social (Problemas da Atualidade I)*. São Paulo, FEESP, 1983.

KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 39. ed., São Paulo, IDE, 1984.

XAVIER, F. C. *Emmanuel (Dissertações Mediúnicas)*, pelo Espírito Emmanuel. 9 ed., Rio de Janeiro, FEB, 1981.

XAVIER, F. C. *Roteiro*, pelo Espírito Emmanuel. 5. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1980.

Os Discípulos

SUMÁRIO: 1. Introdução; 2. Conceito. 3. Escolha dos Doze Apóstolos. 4. O Relacionamento entre Jesus e os Apóstolos. 5. As Instruções para os Doze: 5.1. As Admoestações; 5.2. Os Estímulos; 5.3. As Dificuldades; 5.4. As Recompensas. 6. O Financiamento da Pregação. 7. A fidelidade a Deus. 8. Conclusão. 9. Bibliografia Consultada

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é analisar a relação entre Jesus e seus discípulos no tempo de seu apostolado e suas repercussões ao longo do tempo, inclusive nos dias de hoje.

2. CONCEITO

Discípulo - Aquele que, com um mestre, aprende alguma ciência ou arte, dele recebe os conhecimentos de uma doutrina etc. O que segue, que adotou certos princípios, sentimentos, idéias, e por eles atua, ainda que não conheça o seu autor: seguidor, partidário, sectário: os *discípulos* de Platão.

Discípulos do Senhor - Os Evangelhos chamam discípulos aqueles que seguiam de perto a Cristo: em primeiro lugar, os 12 Apóstolos; depois, os outros 72 que mandava adiante de si aos lugares onde tencionava pregar (Luc., 10). Em sentido geral, também eram chamados discípulos os que acreditavam em Cristo e se propunham seguir sua doutrina, instruídos por ele ou pelos apóstolos e evangelistas (Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira).

3. ESCOLHA DOS DOZE APÓSTOLOS

"Ora, os nomes dos doze apóstolos são estes: primeiro, Simão, por sobrenome Pedro, e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; Felipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; Simão o Zelote, e Judas Iscariotes, que foi também quem o traiu" (Mateus, 10, 2 a 4). Jesus Recrutou-os entre os que ouviam as pregações de João Batista.

"Freqüentemente era nas proximidades de Cafarnaum que o Mestre reunia grande comunidade dos seus seguidores. Numerosas pessoas o aguardavam ao longo do caminho, ansiosas por lhe ouvirem a palavra instrutiva. Não tardou, porém que ele compusesse o seu reduzido colégio de discípulos.

Depois de uma pregação do novo reino, chamou os 12 companheiros que, desde então, seriam os intérpretes de suas ações e de seus ensinamentos. Eram eles os homens mais humildes e simples de lago de Genesaré" (Xavier, 1977, p. 38).

4. O RELACIONAMENTO ENTRE JESUS E OS APÓSTOLOS

Em muitos aspectos, a relação entre Jesus e seus discípulos era semelhante às relações entre o rabino hebreu e seus discípulos. Os rabinos ou doutores da Lei reuniam em torno de si muitos discípulos, aos quais transmitiam a sua doutrina. Esses discípulos, por seu turno, podiam tornar-se rabinos e continuar a tradição que tinham recebido. Os hebreus consideravam o próprio Jesus como um rabino que tinha os seus discípulos.

As relações entre Jesus e seus discípulos não eram exatamente iguais às relações que havia entre um rabino e seus discípulos. Jesus pedia uma adesão pessoal mais completa do que aquela que era pedida pelos rabinos. O seu discípulo deveria estar disposto a abandonar pai, mãe, filho e filha, a tomar a sua cruz e dar a vida no seguimento de Jesus. Como seu mestre, os discípulos deveriam abandonar suas casas, ficando sem ter onde repousar a cabeça (Mackenzie, 1984).

5. AS INSTRUÇÕES PARA OS DOZE

"A estes doze enviou Jesus, dando-lhes as seguintes instruções: Não tomeis rumo aos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos; mas, de preferência, procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel; e, à medida que seguirdes, pregai que está próximo o reino dos céus. Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, purificai leprosos, repeli demônios; de graça recebestes, de graça dai. Não vos proveireis de ouro, nem de prata, nem de cobre nos vossos cintos; nem de alforje para o caminho, nem de duas túnicas, nem de sandálias, nem de bordão: porque digno é o trabalhador do seu alimento. E em qualquer cidade ou povoado em que entrardes, indagai quem neles é digno; e aí ficai até vos retirardes. Ao entrardes na casa, saudai-a; se, com efeito, a casa for digna, venha sobre ela a vossa paz; se, porém, não o for, torne para vós outros a vossa paz. Se alguém não vos receber, nem ouvir as vossas palavras, ao sairdes daquela casa ou daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés" (Mateus, 10, 5 a 14).

5.1. AS ADMOESTAÇÕES

"Eis que eu vos envio como ovelhas para o meio de lobos; sede, portanto, prudentes como as serpentes e simples como as pombas... Sereis odiados de todos por causa do meu nome; aquele, porém, que perseverar até ao fim, esse será salvo. Quando, porém, vos perseguirem numa cidade, fugi para outra; porque em verdade vos digo que não acabareis de percorrer as cidades de Israel, até que venha o Filho do homem" Mateus, 10, 16 a 23).

5.2. OS ESTÍMULOS

"O discípulo não está acima do seu mestre, nem o servo acima do seu senhor. Basta ao discípulo ser como seu mestre, e ao servo como o seu senhor. Se chamaram Belzebu ao dono da casa, quanto mais aos seus domésticos? Portanto, não os temais: pois nada há encoberto, que não venha a ser revelado; nem oculto, que não venha a ser reconhecido. O que vos digo às escuras, dissei-o a plena luz; o que se vos diz ao ouvido, proclamai-o sobre os telhados; não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei antes aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo. Não se vendem dois pardais por um asse? E nenhum deles cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai. E quanto a vós outros, até os cabelos todos da cabeça estão contados. Não temais pois! Bem mais valeis vós do que muitos pardais. Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai que está nos céus; mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai que está nos céus" (Mateus, 10, 24 a 33).

5.3. AS DIFICULDADES

"Não penseis que eu vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada. Pois vim causar divisão entre o homem e seu pai; entre a filha e sua mãe e entre a nora e sua sogra. Assim os inimigos do homem serão os da sua própria casa. Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim, não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim, não é digno de mim; e quem não toma a sua cruz, e vem após mim, não é digno de mim. Quem acha a sua vida, perdê-la-á; quem, todavia, perde a vida por minha causa, achá-la-á" (Mateus, 10, 34 a 39).

5.4. AS RECOMPENSAS

"Quem vos recebe, a mim me recebe; e quem me recebe, recebe aquele que me enviou. Quem recebe um profeta, no caráter de profeta, receberá o galardão de profeta; quem recebe um justo, no caráter de justo, receberá o galardão de justo. E quem der a beber ainda que seja um copo de água fria, a um destes pequeninos, por ser este meu discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão" (Mateus, 10, 40 a 42).

6. O FINANCIAMENTO DA PREGAÇÃO

Judas, depois de ouvir todas essas recomendações do Mestre, indaga: "Senhor, os vossos planos são justos e preciosos; entretanto, é razoável considerarmos que nada poderemos edificar sem a contribuição de algum dinheiro".

"Jesus contemplou-o serenamente e redargüiu:

Será que Deus precisou das riquezas precárias para contribuir as belezas do mundo? Em mãos que saibam dominá-lo, o dinheiro é um instrumento útil, mas nunca será tudo, porque, acima dos tesouros perecíveis, está o amor com os seus infinitos recursos.

Em meio da surpresa geral, Jesus, depois de uma pausa, continuou:

No entanto, Judas, embora eu não tenha qualquer moeda no mundo, não posso desprezar o primeiro alvitre dos que contribuirão comigo para a edificação do reino de meu Pai no espírito das criaturas. Põe em prática a tua lembrança, mas tem cuidado com a tentação das posses materiais. Organiza a tua bolsa de cooperação e guarda-a contigo; nunca, porém, procures o que ultrapasse o necessário" (Xavier, 1977, p. 43).

7. A FIDELIDADE A DEUS

Na causa de Deus, a fidelidade deve ser uma das primeiras virtudes. Sua dedicação nos cerca os espíritos, desde o primeiro dia. Ainda não o conhecíamos e já ele nos amava. Tudo na vida tem o preço que lhe corresponde. Se vacilamos receosos ante as bênçãos do sacrifício e as alegrias do trabalho, meditemos nos tributos que a fidelidade ao mundo exige. O prazer não costuma cobrar do homem um imposto alto e doloroso? Quanto pagarão, em flagelações íntimas, o vaidoso e o avarento? Qual o preço que o mundo reclama ao gozador e ao mentiroso?

Mas se escolhermos o caminho reto, a porta estreita, também teremos percalços, contudo o resultado é diferente. Nesse sentido não devemos pensar no Deus que concede, mas no Pai que educa; não no Deus que recompensa, sim no Pai que aperfeiçoa. Daí se segue que nossa batalha pela redenção tem de ser perseverante e sem trégua (Xavier, 1977, cap. 6).

8. CONCLUSÃO

O discípulo deve crer na misericórdia infinita de Deus. Sem essa confiança no Divino Poder do amor nada conseguirá na escalada evolutiva, porque sempre estará defendendo os seus interesses particulares em detrimento dos interesses do Criador.

9. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa/Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, s.d. p.

MACKENZIE, J. L. (S. J.) *Dicionário Bíblico*. São Paulo, Edições Paulinas, 1984.

XAVIER, F. C. *Boa Nova*, pelo Espírito Humberto de Campos. 11. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1977.

Bem-Aventurados os Pobres de Espírito

SUMÁRIO: 1. Introdução. 2. Conceito. 3. Os Pobres de Espírito. 4. Simplicidade de Coração. 5. Mistérios Ocultos aos Sábios. 5. Missão do Homem Inteligente. 6. A Lei do Trabalho. 7. Conclusão. 8. Bibliografia Consultada

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é analisar, segundo a ótica espírita, os "pobres de espírito", a primeira bem-aventurança do Sermão do Monte, no sentido de captar a real mensagem que Jesus dirigiu aos seus seguidores.

2. CONCEITO

Sermão do Monte - Também chamado Sermão da Montanha ou Sermão das Bem-Aventuranças, foi pronunciado por Jesus na fralda de um de um monte, em Cafarnaum, dirigindo-se a todas as pessoas que o seguiam. Nele Jesus faz uma síntese das leis morais que regem a humanidade (Vários Autores, 2000).

Bem-Aventurança - Termo técnico para indicar uma forma literária que se encontra quer no Antigo quer no Novo Testamento. A Bem-Aventurança é uma declaração de bênção com base em uma virtude ou na boa sorte. A fórmula se inicia com "bem-aventurado aquele..." Com Jesus toma a forma de um paradoxo: a bem-aventurança não é proclamada em virtude de uma boa sorte, mas exatamente em virtude de uma má sorte: pobreza, fome, dor, perseguição (Mackenzie, 1984).

Pobreza - Do lat. **paupertas** - significa falta do necessário à vida. Confunde-se, em geral, com **miséria**, em que há falta até do essencial. Na pobreza, há carência do relativamente supérfluo. Diz-se relativamente porque a pobreza em um estado pode ser miséria em outro, e o que é supérfluo a uns pode ser já o necessário para outro (Santos, 1965).

Pobres de Espírito - O sentido de "pobres de espírito" ou "pobres em espírito" é muito discutido. Não significa desapego, mas refere-se às classes humildes, cujo espírito é oprimido pela necessidade e pelo abatimento. Ela substitui a maldição da pobreza e a bem-aventurança consiste no reino do céu, que excede toda riqueza. O termo não significa que somente os pobres entram no reino dos céus, mas também os pobres (Mackenzie, 1984).

3. OS POBRES DE ESPÍRITO

Por pobres de espírito Jesus não entende os homens desprovidos de inteligência, mas os humildes: ele disse que o reino dos céus é deles e não dos orgulhosos. Os homens de ciência, compenetrados de si mesmos, elevam-se de tal maneira que acabam por negar a divindade; e os que admit-na, contestam-lhe a ação providencial sobre as coisas deste mundo, persuadidos de que só eles bastam para governá-lo. A negação divindade é muito mais fruto do orgulho do que da convicção: isto poderia fazê-los descer do pedestal em que se encontram.

"Em dizendo que o reino dos céus é para os simples, Jesus quer dizer que ninguém é nele admitido sem a *simplicidade de coração* e a *humildade de espírito*; que o ignorante que possui essas qualidades será preferido ao sábio que crê mais em si do que em Deus" (Kardec, 1984, cap. 7, it. 2, p. 101 e 102)

4. SIMPLICIDADE DE CORAÇÃO

"Nesse mesmo tempo, os discípulos se aproximaram de Jesus e Lhe disseram: Quem é o maior no reino dos céus? Jesus, tendo chamado uma criança, colocou-a no meio deles e Lhes disse: eu vos digo em verdade que se não vos converterdes, e se não vos tornardes crianças, não entrareis no reinos dos céus. Todo aquele, pois, que se humilhar e se tornar pequeno como esta criança será o maior no reino dos céus, e todo aquele que recebem em meu nome uma criança, tal como acabo de dizer é a mim que recebe". (Mateus, 18, 1 a 5)

O símbolo da criança diz respeito àquele que não tem nenhuma pretensão de superioridade e de infalibilidade. Quando se compara a *simplicidade de coração* à criança, é porque esta, sem defesas pessoais, não age com segundas intenções. Esse mesmo pensamento fundamental encontra-se nessa outra máxima: "*Todo aquele que se rebaixa será elevado, e todo aquele que se eleva será rebaixado*". É uma dura lição para os orgulhosos, que pensam ser os donos da verdade e do mundo, fazendo e desfazendo ao seu belo prazer. (Kardec, 1984, cap. 7, it. 3 a 6, p. 102 a 104)

5. MISTÉRIOS OCULTOS AOS SÁBIOS

"Então Jesus disse essas palavras: Eu vos rendo glória, meu Pai, Senhor do céu e da Terra, por haverdes ocultado essas coisas aos sábios e aos prudentes, e por as haver revelado aos simples e aos pequenos" (Mateus, 11, 25).

Nessa passagem Jesus está querendo realçar a importância da humildade. Quer dizer, aquele que se humilha diante do Deus descobre as coisas da alma; quem se orgulha, dificulta esse conhecimento superior.

"O poder de Deus brilha nas pequenas como nas grandes coisas; ele não coloca a luz sob o alqueire, uma vez que a derrama com abundância por toda parte; cegos, pois, aqueles que não a vêem. *Deus não quer Lhes abrir os olhos à força, uma vez que Lhes apraz tê-los fechados*. Sua vez virá, mas é preciso primeiro que sintam as angústias das trevas e reconheçam Deus, e não o acaso, na mão que atinge o seu orgulho" (Kardec, 1984, cap. 7, it. 9, p. 105).

6. MISSÃO DO HOMEM INTELIGENTE

Não nos orgulhemos do que sabemos. Se Deus, nos seus desígnios, nos fez nascer num meio onde pudéssemos desenvolver a inteligência, é porque Ele quer ajudemos as inteligências retardatárias.

"A inteligência é rica de méritos para o futuro, mas com a condição de ser bem empregada; se todos os homens dotados, se servissem dela segundo os desígnios de Deus, a tarefa dos Espíritos seria fácil para fazer a Humanidade avançar; infelizmente, muitos fazem dela um instrumento de orgulho e perdição para si mesmos. O homem abusa da inteligência como de todas as outras faculdades e, entretanto, não Lhe faltam lições para adverti-lo de que uma poderosa mão pode Lhe retirar aquilo que ela mesma Lhe deu" (Kardec, 1984, cap. 7, it. 13, p. 111 e 112).

7. A LEI DO TRABALHO

Na Antigüidade o trabalho era considerado uma punição. O pobre deveria trabalhar enquanto as classes políticas e religiosas usufruíam da sua produção. Era contra esse falso conceito de trabalho que Jesus pregava, ou seja, contra essa idéia que o apresenta como castigo, punição, exaltando a contemplação.

"Bem-Aventurados os pobres de espírito, os deserdados da sorte, porque compelidos ao trabalho. Enquanto vós, aproveitadores de toda a espécie, estais a regalar-vos com os produtos dos humildes, estes estão a desenvolver em si a inteligência, a capacidade de subsistir; estão aprendendo a dominar a natureza e a própria inferioridade; a conhecer os meios de obter riquezas, de dominar a arte, a ciência, as forças que têm dentro de si e que os fará crescer na eternidade" (Curti, 1982, p. 26).

8. CONCLUSÃO

Humilhem-nos diante de Deus. Por pior que seja a nossa situação, mantenhamos acesa a luz da esperança, a fim de que possamos trilhar o verdadeiro caminho de nossa evolução espiritual.

9. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- CURTI, R. *Bem-Aventuranças e Parábolas*. São Paulo, FEESP, 1982.
KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 39. ed., São Paulo, IDE, 1984.
MACKENZIE, J. L. (S. J.) *Dicionário Bíblico*. São Paulo, Edições Paulinas, 1984.
SANTOS, M. F. dos. *Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais*. 3. ed., São Paulo, Matese, 1965.

Bem-Aventurados os Aflitos

SUMÁRIO: 1. Introdução. 2. Conceito. 3. Causa das Aflições. 4. Fatos Geradores de Dor e Sofrimento. 5. Estados da Alma. 6. O Problema da Dor. 7. Bem-Aventura na Dor. 8. Conclusão. 9. Bibliografia Consultada

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é analisar a dor e o sofrimento, tanto na forma de expiação como de evolução, tendo em vista um caminho mais consciente para os nossos Espíritos.

2. CONCEITO

Aflição - do latim *afflictione*. 1. Agonia, atribulação, angústia, sofrimento. 2. Tristeza, mágoa, pesar, dor. 3. Cuidado, preocupação, inquietação, ansiedade. 4. Padecimento físico; tormento, tortura (Dicionário Aurélio).

Aflição, na essência, é o reflexo intangível do mal forjado pela criatura que o experimenta, e todo mal representa vírus de alma suscetível de alastrar-se ao modo de epidemia mental devastadora (Equipe FEB, 1997).

Freqüentemente, **aflição** é a nossa própria ansiedade, respeitável mas inútil, projetada no futuro, mentalizando ocorrências menos felizes que, em muitos casos, não se verificam como supomos e, por vezes, nem chegam a surgir (Equipe FEB, 1997).

3. CAUSA DAS AFLIÇÕES

As causas das aflições devem ser procuradas tanto no presente (atual encarnação) como numa existência passada. Devemos partir do princípio de que elas são justas. Se assim não pensarmos, poderemos cair no erro de jogar a culpa nos outros ou em Deus. Quer dizer, tudo o que se nos acontece tem um motivo, embora nem sempre o saibamos explicar com clareza. Assim sendo, toda vicissitude pode ser vista sob dois ângulos:

1) em vista da encarnação atual — Aqui devemos refletir sobre o sofrimento que nos visita, fazendo algumas indagações a respeito. Em caso de anemia — será que me descuidei da alimentação? No caso do filho escolher o caminho do vício — dei-lhe a devida educação, os cuidados necessários? No caso de uma querela familiar — será que não fui injusto para com tal pessoa?

"Que todos aqueles que são atingidos no coração pelas vicissitudes e decepções da vida, interroguem friamente sua consciência; que remontem progressivamente à fonte dos males que os afligem, e verão se, o mais freqüentemente, não podem dizer: *Se eu tivesse, ou não tivesse, feito tal coisa eu não estaria em tal situação*" (Kardec, 1984, cap. 5, it. 4, p. 72).

2) em vista de uma encarnação passada — Não encontrando uma resposta satisfatória na presente encarnação, devemos nos reportar à encarnação passada. "Os sofrimentos por causas anteriores são, freqüentemente, como o das causas atuais, a consequência natural da falta cometida; quer dizer, por uma justiça distributiva rigorosa, o homem suporta o que fez os outros suportarem; se foi duro e desumano, ele poderá ser, a seu turno, tratado duramente e com desumanidade; se foi orgulhoso, poderá nascer em uma condição humilhante; se foi avarento, egoísta, ou se fez mal uso da fortuna, poderá ser privado do necessário; se foi mal filho, poderá sofrer com os próprios filhos etc." (Kardec, 1984, cap. 5, it. 7, p. 74).

4. FATOS GERADORES DE DOR E SOFRIMENTO

Suicídio e loucura — cujas causas estão no descontentamento com relação à vida. Os maiores excitantes ao suicídio são a incredulidade, a simples dúvida sobre o futuro e as idéias materialistas. Ao contrário, a calma e a resignação, hauridas na maneira de encarar a vida terrestre, e na fé no futuro, dão ao Espírito uma serenidade que é o melhor preservativo contra a loucura e o suicídio (Kardec, 1984, cap. 5, it. 14 a 17, p. 79 a 81).

Mortes prematuras — ao morrer um jovem e não um velho, dizemos que Deus é injusto, e nos revoltamos contra Ele. Esquecemo-nos de que a morte é preferível aos desregramentos vergonhosos que desolam as família honradas, partem o coração da mãe, e fazem, antes do tempo, branquear os cabelos dos pais (Kardec, 1984, cap. 5, it. p. 85 a 87).

Demos esses dois exemplos, mas poderíamos arrolar muitos outros, como por exemplo, as doenças prolongadas, as tuberculoses, a Aids etc.

5. Estados da Alma

Melancolia — Por que uma vaga tristeza se apodera de nossos corações e achamos a vida tão amarga? É que o nosso Espírito aspira à felicidade e à liberdade e que, preso ao corpo que lhe serve de prisão, se extenua em vão esforços para dele sair. Mas vendo que são inúteis, cai no desencorajamento e na languidez (Kardec, 1984, cap. 5, it. 25, p. 90).

Infelicidade — Vemo-la na miséria, no fogão sem lume, no credor ameaçador... Mas a infelicidade é a alegria, é o prazer, é a fama, é a agitação vã, é a louca satisfação da vaidade, que fazem calar a consciência (Kardec, 1984, cap. 5, it. 24, p. 88 e 89).

Além desses dois estados, podemos acrescentar: remorso, tormentos, apatia...

6. O PROBLEMA DA DOR

Dor e Sofrimento — a simples reflexão sobre a dor e o sofrimento basta para evidenciar que eles têm uma razão de ser muito profunda. A **dor** é um alerta da natureza, que anuncia algum mal que está nos atingindo e que precisamos enfrentar. Se não fosse a dor sucumbiríamos a muitas doenças sem sequer nos dar conta do perigo. O **sofrimento**, mais profundo do que a simples dor sensível e que afeta toda a existência, também tem a sua razão de ser. É através dele que o homem se insere na vida mística e religiosa (Idígoras, 1983).

O processo de crescimento espiritual está associado à dor e ao sofrimento. De acordo com o Espírito André Luiz, a dor pode ser vista sob três aspectos:

1) **Dor-expição** — que vem de dentro para fora, marcando a criatura no caminho dos séculos, detendo-a em complicados labirintos de aflição, para regenerá-la, perante a justiça. É conseqüência de nosso desequilíbrio mental, ou proceder desviado da rota ascensional do espírito. Podemos associá-la às encarnações passadas. Muitas vezes é o resgate devido ao mau uso de nosso livre-arbítrio.

2) **Dor-evolução** — que atua de fora para dentro, aprimorando o ser, sem a qual não existiria progresso. Na dor-expição estão associados o remorso, o arrependimento, o sentimento de culpa etc. Na dor-evolução estão associados o esforço e a resistência ao meio hostil. Enquanto a primeira é conseqüência de uma ato mau, a segunda é um fortalecimento para o futuro.

3) **Dor-Auxílio** — são as prolongadas e dolorosas enfermidades no envoltório físico, seja para evitar-nos a queda no abismo da criminalidade, seja, mais freqüentemente, para o serviço preparatório da desencarnação, a fim de que não sejamos colhidos por surpresas arrasadoras, na transição para a morte. O enfarte, a trombose, a hemiplegia, o câncer

penosamente suportado, a senilidade prematura e outras calamidades da vida orgânica constituem, por vezes, dores-auxílio, para que a alma se recupere de certos enganos em que haja incorrido na existência do corpo denso, habilitando-se, através de longas reflexões e benéficas disciplinas, para o ingresso respeitável na vida espiritual (Xavier, 1976, p. 261 e 262).

7. BEM-AVENTURANÇA NA DOR

A dor não é castigo: é contingência inerente à vida, cuja atuação visa a restauração e o progresso.

A dor-expição é cármica, de restauração, é libertação de carga que nos entrava a caminhada; é reajuste perante a vida, reposição da alma no roteiro certo. Passageira, nunca perene.

A dor-evolução, tem existência permanente, embora variável segundo as experiências vividas pelo espírito. Ela acompanha o desenvolvimento, é sua indicação, é sinal de dinamização, inevitável manifestação de crescimento. É a dor, na sua essência, uma vez que as outras são passageiras e evitáveis, mesmo que o Espírito se envolva em suas malhas, por séculos, às vezes.

Jesus, quando falava de dor, sede e fome, referia-se à dor-evolução, à dor insita no crescimento do Espírito impulsionado pela fome de aprender e pela sede de saber (Curti, 1982, p. 39).

8. CONCLUSÃO

"Saibamos sofrer e sofreremos menos". Eis o dístico que devemos nos lembrar em todos os estados depressivos de nossa alma, a fim de nos fortalecermos para o futuro.

9. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CURTI, R. *Bem-Aventuranças e Parábolas*. São Paulo, FEESP, 1982.

EQUIPE DA FEB. *O Espiritismo de A a Z*. Rio de Janeiro, FEB, 1995.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s/d/p.

IDÍGORAS, J. L. *Vocabulário Teológico para a América Latina*. São Paulo, Edições Paulinas, 1983.

KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 39. ed., São Paulo, IDE, 1984.

XAVIER, F. C. *Ação e Reação*, pelo Espírito André Luiz. 5. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1976.

Bem-Aventurados os Misericordiosos

SUMÁRIO: 1. Introdução. 2. Conceito. 3. Histórico sobre o Perdão. 3. Os Inimigos: 3.1. O Perdão de Deus; 3.2. Reconciliar-se com os Adversários; 3.3. Não Julgueis para não Serdes Julgados. 4. O Problema da Ofensa. 5. Esquecimento da Ofensa. 6. Ação e Reação. 7. As Leis da Vitória. 8. Conclusão. 9. Bibliografia Consultada

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo, baseado no capítulo X de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, é analisar o perdão e suas consequências para a nossa vida de relação em sociedade.

2. CONCEITO

Misericórdia - do lat. *miseriordia*. 1. Compaixão suscitada pela miséria alheia. 2. Indulgência, graça, perdão.

Misericordioso - Aquele que perdoa as ofensas que lhe fazem. (Dicionário Aurélio)

Perdoar - do lat. med. **perdonare** significa “desculpar”, “absolver”, “evitar”. É o **estado de ânimo**, em que se encontra alguém, agravado por outrem, seu agressor, e sente-se desagravado. O **pecado**, na Religião, é um agravo a Deus, e o **perdão** consiste em não considerar-se Deus agravado; ou seja, desagravado (Santos, 1965).

Ofensa - do lat. **offensa** significa injúria, agravo, ultraje, afronta, lesão, dano. Causar mal físico a; ferir suscetibilidades.

3. HISTÓRICO SOBRE O PERDÃO

Na antiguidade clássica grega pouco se escreveu acerca do perdão. Entende-se que esses filósofos estavam mais preocupados com a questão do conhecimento racional e da prática de conduta. Contudo, nas entrelinhas das filosofias de Sócrates e de Platão, considerados os precursores do Cristianismo e das ideias espíritas, encontramos muitas acepções sobre as virtudes, a questão do bem e do mal, a justiça etc. “Não é preciso jamais retribuir injustiça por injustiça, nem fazer o mal a ninguém, qualquer mal que se nos tenha feito. *Poucas pessoas, entretanto, admitirão este princípio, e as pessoas que estão divididas não devem senão se desprezar umas às outras*”. “Não está aí o princípio da caridade, que nos ensina a não retribuir o mal com o mal, e de perdoar aos inimigos?” (Kardec, 1984, p. 29).

É lugar comum no AT que **lahweh** é perdão, entendido em termos antropomórficos. As orações para obter o perdão são comuns, embora desprovidas de razão explícita. O caráter misericordioso de **lahweh** é suficiente para conceder o perdão. Há dizeres referentes à confissão do perdão, à conversão do pecador e ao pedido de perdão (Mackenzie, 1984).

João Batista pregava o Batismo do arrependimento para a remissão dos pecados. Jesus mesmo reivindicava e exercia o poder de perdoar pecados. O perdão da pecadora. O Cristão conhece a salvação através do perdão dos pecados. A diferença entre o VT e NT é que neste último o perdão vem através do Cristo. Todos os pecados vos serão perdoados menos o cometido contra o Espírito Santo.

4. OS INIMIGOS

4.1. O PERDÃO DE DEUS

"Se vós perdoardes aos homens as faltas que eles fazem contra vós, vosso Pai celestial vos perdoará também vossos pecados, mas se vós não perdoardes aos homens quando eles vos ofendam, vosso Pai, também, não vos perdoará os pecados" (Mateus, 6, 14 e 15).

Deus perdoa? Como?

Deus não derroga as suas leis. "A oportunidade de resgatar a culpa já constitui em si mesma, um ato de misericórdia divina, e, daí o considerarmos o trabalho e o esforço próprio como a luz maravilhosa da vida" (Xavier, 1977, pergunta 336).

É por isso que Jesus recomenda-nos perdoar não sete mas setenta vezes sete vezes. E recomenda-nos, porque sabe que vivemos num mundo de provas e expiações, sujeitos aos mesmos erros cometidos pelos outros. Perdoar os outros é perdoar a nós mesmos.

4.2. RECONCILIAR-SE COM OS ADVERSÁRIOS

Reconciliai-vos, o mais depressa, com vosso adversário, enquanto estais com ele a caminho, a fim de que vosso adversário não vos entregue ao juiz, e que o juiz não vos entregue ao ministro da justiça, e que não sejais aprisionado. Eu vos digo, em verdade, que não saireis de lá, enquanto não houverdes pago até o último ceutil (Mateus, 5, 25 e 26).

A orientação de nos reconciliarmos com o adversário enquanto estivermos a caminho é porque no perdão, além do efeito moral, há também um efeito material, ou seja, mesmo depois da sua morte, o Espírito continua vivo. Caso tenha partido com o coração cheio de mágoa contra nós, as suas vibrações de ódio atingir-nos-ão com mais facilidade, devido à sua invisibilidade.

4.3. NÃO JULGUEIS PARA NÃO SERDES JULGADOS

"Não julgueis para não serdes; porque vós sereis julgados segundo tiverdes julgado os outros; e se servirá para convosco da mesma medida da qual vos servistes para com eles" (Mateus, 7, 1 e 2).

Nesta passagem evangélica, Jesus não está nos exortando à passividade enquanto o mal cresce; recomenda-nos o dever da indulgência, porque não há ninguém que dela não tenha necessidade para si mesmo. A mulher pega em adultério é um nobre exemplo: quando todos queriam apedrejá-la, Jesus diz "Aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra". O Evangelista João conta que depois de ouvirem esta admoestação as pessoas foram se retirando uma após a outra, as velhas saindo primeiro; e assim Jesus permaneceu só com a mulher e disse-lhe: Mulher, onde estão os vossos acusadores? Ninguém vos condenou? Ela lhe disse: Não, Senhor. Jesus lhe respondeu: Eu também não vos condenarei. Ide, e, no futuro, não pequeis mais (João, 8, 3 a 11).

5. O PROBLEMA DA OFENSA

A ofensa é algo que nos machuca. Diz-se, inclusive, que a ofensa de um amigo fere mais do que a do inimigo. Contudo, ela depende muito mais de nosso estado de espírito do que dela objetivamente. Ghandi, no fim de sua vida, pôde responder à pergunta se perdoou todas as ofensas recebidas com a declaração sincera: "Nada tenho que perdoar a ninguém, porque nunca ninguém me ofendeu". Ego é ofensor e ofendido. Mas quando o ego humano é substituído pelo Eu divino, não pode mais haver ofensor nem ofendido (Rohden, 1982, p. 160). A Ofensa é objetiva, considerar-se ofendido ou não subjetivo. Ghandi simplesmente não considerou a ofensa como ofensa.

Aquele que tiver suportado o maior dos ultrajes, além das recompensas celestes da outra vida, terá a paz de coração nesta e uma alegria incompreensível por haver duas vezes respeitado a obra de Deus.

6. ESQUECIMENTO DA OFENSA

Há esquecimento da ofensa? O que significa esquecer o ultraje? Em nosso modo de entender, significa não lhe dar guarida em nosso pensamento. O pensamento é como uma bola de neve. Quanto mais pensamos mais ficamos enovelados em nosso modo de ser. É uma fixação mental que precisa ser extinta com o auxílio da vigilância e da prece.

As explicações do Mestre Jesus no livro Boa Nova complementam as nossas idéias. Ele diz: "Não será vaidade exigirmos que toda a gente faça de nossa personalidade elevado conceito? ... Pedro, o perdão não exclui a necessidade de vigilância, como o amor não prescinde da verdade" (Xavier, 1977, p. 61 e 62).

7. AÇÃO E REAÇÃO

Nosso destino é a perfeição; nossa caminhada é a evolução em sentido positivo. Determinismo e Livre- Arbítrio são as faces do mesmo plano que nos sustenta a caminhada. o Livre-Arbítrio consiste na liberdade que temos de poder dar impulso às nossas ações contra ou a favor das leis divinas.

Não nos esqueçamos de que a lei do progresso é inexorável. O que fizermos de mal tem que ser refeito. Quem sabe se a pessoa que nos ofende não será aquela mesma que ensinamos a atirar uma pedra? Se praticarmos atos bons, o resultado será atos bons; se praticarmos atos maus, o resultado será os atos maus, mas com o condicionante de que teremos de recapitular a ação, quer nesta ou em outras encarnações, para transformá-la em um ato bom.

8. AS LEIS DA VITÓRIA

"Quando Jesus nos pede cultivar a misericórdia, o perdão das ofensas, o não julgar, o focalizar as virtudes em nosso semelhante, não nos incita à passividade diante do mal contra o benefício coletivo. Inclusive dá demonstração de energia benéfica, quando exprobra o comercialismo que humilha o tempo, quando profliga os erros de sua época" (Curti, 1982, p. 64).

Como a ofensa está ligada ao ofensor e ao ofendido, a vitória sobre o perdão implica num conhecimento de nós mesmos. Tomando consciência de nossos defeitos e de nossas potencialidades, conseguiremos aquilatar o quanto somos imunes em ofender e em sermos ofendidos. Tornando um hábito essa reflexão, aguçaremos a nossa percepção e evitaremos muitos desagrvos na sociedade.

9. CONCLUSÃO

Estamos sempre querendo vencer o mundo, ou seja, sobressair nos afazeres materiais. É ser o primeiro em determinado esporte, o melhor em determinada arte. Mas como precisar a vitória sobre nós, a capacidade de perdoarmos àqueles que foram colocados ao nosso redor para serem motivos de nossa melhoria interior?

Humilhemo-nos, dobremo-nos, mortifiquemo-nos. Renunciarmo-nos à nossa própria personalidade, é culparmo-nos antes de culparmos o nosso próximo, é suportarmos as injunções do destino, sem reclamações e sem outro móvel que não seja a obediência aos ditames do Deus, criador do mundo e das coisas que nos cercam.

10. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s/d/p.
KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 39. ed., São Paulo, IDE, 1984.
MACKENZIE, J. L. (S. J.) *Dicionário Bíblico*. São Paulo, Edições Paulinas, 1984.
ROHDEN, H. *Mahatma Gandhi - Idéias e Ideais de um Político Místico*. 6. Ed., São Paulo, Alvorada, 1982
SANTOS, M. F. dos. *Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais*. 3. ed., São Paulo, Matese, 1965.
XAVIER, F. C. *Boa Nova*, pelo Espírito Humberto de Campos. 11. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1977.
XAVIER, F. C. *O Consolador*, pelo Espírito Emmanuel. 7. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1977.

Casamento e Divórcio

SUMÁRIO: 1. Introdução. 2. Conceito. 3. Histórico: 3.1. Casamento; 3.2. Divórcio. 4. Casamento e Divórcio: Estatística. 5. Casamento e Divórcio sob a Ótica Espírita: 5.1. A Indissolubilidade do Casamento; 5.2. O Divórcio. 5.3. A Desagregação Familiar: Comentário. 6. Conclusão. 7. Bibliografia Consultada.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é analisar a desagregação familiar, ocorrida ao longo do tempo, e a instituição "casamento e divórcio", sob a ótica espírita.

2. CONCEITO

Casamento - do lat. medieval *casamentu*. Ato solene de união entre duas pessoas de sexos diferentes, capazes e habilitadas, com legitimação religiosa e/ou civil (Dicionário Aurélio).

Divórcio - esta palavra tem origem no verbo latino *dīvertere*, separar-se. Quando aplicada ao matrimônio, significa separação dos cônjuges, com extinção do vínculo jurídico que os unia. Este divórcio-facto, porém, só é possível nas sociedades modernas quando existe nas respectivas legislações o divórcio-instituição legal (Enciclopédia Verbo de Sociedade e Estado).

3. HISTÓRICO

3.1. CASAMENTO

O Cristianismo, vigente desde a fundação do reino, atribuiu ao casamento um caráter religioso, embora os costumes e as tradições populares conservassem, com mais ou menos fidelidade, os simbolismos das primitivas formas do casamento romano: o *usus*; a *coemptio*; a *confarreatio*. O certo, porém, é que oficialmente — digamos assim — a Igreja, colocando o matrimônio entre os sacramentos, a si própria se atribuiu o direito de regular as condições de existência desta instituição. Durante muito tempo pode dizer-se que à Igreja competiu exclusivamente a função de unir homem e a mulher para constituírem a família, e os seus sacerdotes coube o papel de nos domínios canônico e civil, dar a essa união o caráter de sagração religiosa e de legalidade perante o Estado. Hoje, a teoria da sacramentalidade estabelecida no Direito canônico é rejeitada, quase unanimemente, pelo Direito moderno (Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira).

3.2. DIVÓRCIO

a) Divórcio na Época Pré-Cristã

A Lei de Hamurabi, segundo, provavelmente, as tradições do Direito sumério, autoriza o Divórcio, embora em casos bastantes restritos. Entre estes casos está, por exemplo, a esterilidade da mulher. Mas a iniciativa do Divórcio pode também pertencer à mulher, no caso de o marido fugir, abandonando a casa, ou tratar muito mal a esposa. No povo judaico, a Lei de Moisés (Deut. 24, 1) diz "Quando um homem tomar uma mulher, e se casar com ela, então será que, se não achar graça em seus olhos, por nela achar coisa feia, ele lhe fará escrito de repúdio, e lho dará na sua mão, e a despedirá da sua casa". Há, também, informações sobre o divórcio no Egito, na Grécia e em outros países.

b) Divórcio na Doutrina Cristã

Mateus, no capítulo 19 de seu Evangelho, trata do divórcio, estabelecendo que ao homem só seria permitido repudiar a mulher em caso de prostituição. São Paulo, depois, fazendo-se pregoeiro desta doutrina, escreve aos cristãos de Corinto (I Cor. 7, 10,11) "Aos casados mando-vos — não eu, mas o Senhor — que a mulher se não separe do marido. Se, porém, se separar, que não torne a se casar, ou que se reconcilie com o marido; e que o marido não repudie a mulher".

Cristo quer repor a ordem primitiva. E, de fato, a nova ordem matrimonial apesar da "dureza de coração" dos judeus, da degradação dos costumes pagãos e da resistência do poder civil dos Romanos, à medida que o Evangelho se expande, vai-se instaurando, com firmeza, por toda parte onde surgem as comunidades cristãs.

O Concílio de Trento (1546) rejeita, definitivamente a possibilidade do divórcio, mesmo nos casos de adultério.

Mas os protestantes, contudo, não recuaram e à doutrina deles vem juntar-se o pensamento de vários filósofos do séc. XVIII, como Voltaire, Helvetius, Holbach. E assim, em 1792, a lei do divórcio é introduzida em França, juntamente com o casamento civil obrigatório.

Veiculada pelo Código napoleônico, que serviu de modelo, para boa parte dos códigos dos países da Europa e da América do Sul, a instituição do divórcio, a partir de então jamais deixou de se propagar (Enciclopédia Verbo de Sociedade e do Estado).

4. CASAMENTO E DIVÓRCIO: ESTATÍSTICA

O Fenômeno da desagregação familiar é mundial. Nos Estados Unidos, para cada dois casamentos há um divórcio.

No Brasil, em 1990, de acordo com os dados do I. B. G. E., havia 38 milhões de famílias, com a média de 1,9 filhos, sendo que 18% das mulheres chefiavam os seus lares, com renda média de 0,5 a 5 salários mínimos. Os dados mostraram um aumento razoável do número de divórcios e de famílias unicelulares e uma queda acentuada do número de registros de casamentos, passando dos um milhão, em 1985 para os 777 mil, em 1990.

O que explica a queda do número de casamentos e o aumento do número de divórcios e famílias unicelulares? Na visão dos psicólogos, há inúmeras razões, entre as quais, citam a ascendência da mulher no mercado de trabalho. Até então o núcleo familiar tinha o homem como o centro das decisões. Com o aumento da renda, gerado pelo trabalho feminino, a ordem do pátrio poder desestrutura-se. Surgem, a partir daí, os diversos conflitos, os quais não resolvidos satisfatoriamente, implicaram em separações.

Dizem ainda que a **crise do casamento não é só financeira**. Lembremo-nos das dificuldades de relacionamento entre os membros de um lar. Quando as pessoas não conseguem comunicar os seus sentimentos, as suas aspirações e a sua maneira de ser há um vácuo de entendimento, levando, em muitos casos, à ruptura dessas relações. O princípio da ação também pesa muito. Quando esse princípio é fortemente apoiado em um único fator, a crise é mais acentuada. Observe aqueles que se casam somente pela atração física. Ao surgirem as responsabilidades naturais que a união encerra, fogem atemorizados (Jornal da Tarde).

5. CASAMENTO E DIVÓRCIO NA VISÃO ESPÍRITA

5.1. A INDISSOLUBILIDADE DO CASAMENTO

Allan Kardec, com relação à passagem bíblica em que Moisés permitia ao homem repudiar a mulher, diz: "No casamento, o que é de ordem divina é a união dos sexos para operar a renovação dos seres que morrem; mas as condições que regulam essa união são de ordem tão humana, que não há no mundo inteiro, e mesmo na cristandade, dois países em que elas sejam absolutamente iguais... Mas na união dos sexos, ao lado da lei divina material, comum a todos os seres vivos, há uma outra lei divina, imutável, como todas as leis de Deus, exclusivamente mora que é a lei de amor...

Mas, nem a lei civil, nem os compromissos que ela faz contrair, podem suprir a lei do amor se esta lei não preside a união; disso resulta que, frequentemente, *o que se une à força, se separa por si mesmo*" (1984, cap. 22, it. 2 e 3, p. 269 e 270).

5.2. O DIVÓRCIO

Espírito André Luiz diz-nos que o divórcio não deve ser facilitado ou estimulado entre os homens, "porque não existem na Terra uniões conjugais, legalizadas ou não, sem vínculos graves no princípio da responsabilidade assumida em comum. Mal saídos do regime poligâmico, os homens e as mulheres sofrem-lhe ainda as sugestões animalizantes e, por isso mesmo, nas primeiras dificuldades da tarefa a que foram chamados, costumam desertar dos postos de serviço em que a vida os situa, alegando imaginárias incompatibilidades e supostos embaraços, quase sempre simplesmente atribuíveis ao desregrado narcisismo de que são portadores.

É imperioso, assim, que a sociedade humana estabeleça regulamentos severos a benefício dos nossos irmãos contumazes na infidelidade aos compromissos assumidos consigo próprios, a benefício deles, para que se não agreguem a maior desgoverno, e a benefício de si mesma, a fim de que não regresse à promiscuidade aviltante das tabas obscuras, em que o princípio e a dignidade da família ainda são plenamente desconhecidos" (Xavier, 1977, cap. 8, p. 186 e 187).

5.3. A DESAGREGAÇÃO FAMILIAR: COMENTÁRIO

A desagregação familiar que as estatísticas mostram não é de estarrecer. Ela é fruto de uma mensagem eminentemente materialista, transmitida pelos vários níveis de comunicação de massa. Quando a indução ao consumismo, desde os produtos mais elementares até àqueles que incentivam as fantasias sexuais, é extremamente valorizada, o sentimento religioso, a fé, a esperança perdem terreno, diminuindo sensivelmente a nossa capacidade de suportar o sofrimento.

O Espiritismo fornece-nos meios para uma reflexão mais profunda. Em primeiro lugar, não podemos descartar os resgates familiares, pois a maioria dos casamentos ainda é, na atualidade, uma tentativa de solucionar problemas não resolvidas em outras encarnações. Em segundo lugar, como resgatar, se ao primeiro contratempo, dispersamo-nos com a separação? É por essa razão que o divórcio não deve ser facilitado, pois estaremos sempre desperdiçando uma excelente oportunidade de redenção e crescimento espiritual.

6. CONCLUSÃO

Higienizemos o nosso reduto doméstico com o teor vibratório dos nossos pensamentos elevados. Não nos esqueçamos, porém, de pedir forças suplementares para vencermos galhardamente as dificuldades que se nos apresentarem.

7. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s/d/p. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa/Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, s.d. p. *Jornal da Tarde*, 06/03/94, pág. 11.
- KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 39. ed., São Paulo, IDE, 1984.
- Polis - Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado*. Lisboa/São Paulo, Verbo, 1986.
- XAVIER, F. C. e VIEIRA, W. *Evolução em Dois Mundos*, pelo Espírito André Luiz, 4. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1977.

Violência

SUMÁRIO: 1. Introdução. 2. Conceito. 3. Histórico. 4. Violência Manifesta e Violência Oculta. 5. Raiz da Violência. 6. Injúrias e Violências. 7. Exercício para nos libertarmos da violência: 7.1. Obediência e Resignação; 7.2. Paciência. 8. Conclusão. 9. Bibliografia Consultada.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é analisar a violência, tanto material quanto moral, e a possibilidade de nos libertarmos desse cancro que se tornou universal.

2. CONCEITO

Violência vem do latim *violentia*, que significa violência, caráter violento ou bravo, força. O verbo *violare* significa trotar com violência, profanar, transgredir. Tais termos devem ser referidos a *vis*, que quer dizer, força, vigor, potência. Mais profundamente, a palavra *vis* significa a força em ação, o recurso de um corpo para exercer a sua força e portanto a potência, o valor, a força vital.

O sociólogo H. L. Nieburg define a violência como "uma ação direta ou indireta, destinada a limitar, ferir ou destruir as pessoas ou os bens" (Michaud, 1989).

3. HISTÓRICO

Os antigos gregos concebiam o mundo fundamentalmente com ordem, harmonia, cosmos. Cada ser tinha um lugar destinado e tudo se resumia a manter a hierarquia dos valores e a localização de cada um na totalidade. Essa concepção não implica em luta e violência. No entanto, mesmo entre os próprios gregos surgiu a concepção do mundo como luta de contrários. *Heráclito* proclamou que a guerra é a mãe de todas as coisas. Em vez de ordem, *trata-se de um mundo por fazer e que se "faz" precisamente no conflito entre as forças contrárias*, do qual brota o novo.

Foi este segundo esquema que se impôs nos tempos modernos. Hegel concebeu toda a história como uma luta de contrários em constante auto-superação. Darwin colocou como motor da evolução a seleção natural na luta pela vida. E o marxismo aplicou esses esquemas ao progresso social, que, a seu ver, se realiza através da luta de classes, que dinamiza a história. Hobbes formula a idéia dizendo que o "homem é o lobo do próprio homem". Marx estimula a luta de classes, o capitalismo a luta pelo dinheiro e pelo poder. A guerra faz parte da condição do homem frente a natureza.

Em termos da Bíblia, o Antigo Testamento destaca uma das raízes fundamentais da violência: o *ódio*. Esse ódio nos apresentado como fruto do pecado, sendo, por conseguinte, condenado por Deus (Gn. 4, 1). Coloca as pessoas em posição de opressão. Assim, os justos respondem com ódio ao ódio dos opressores. Amar os ímpios significa trair a causa de *lahweh*. O Novo Testamento surgiu em mundo sacudido pelo ódio e pela violência. O ideal evangélico pareceu oposto à própria luta pela vida, que, como já vimos, exige a competição e a rivalidade, voltadas para metas sempre difíceis (Idígoras, 1983).

4. VIOLÊNCIA MANIFESTA E VIOLÊNCIA OCULTA

O ato da criação narrado na Bíblia é um ato de violência, embora não seja um ato manifesto. Observe que Adão e Eva são expulsos do paraíso por desobedecerem a Lei de Deus; não houve, por parte do Criador, nenhum perdão. Além do mais, tanto Adão quanto Eva tiveram que provar o mal para conhecer o bem.

O ato violento se insinua, freqüentemente, como um ato natural, cuja essência passa despercebida. Perceber um ato como violência demanda do homem um esforço para superar a sua aparência de ato rotineiro, natural e como que inscrito na ordem das coisas.

A guerra, por exemplo, é um ato violento, o mais violento de todos. Contudo, dependendo das razões levantadas (defesa da pátria), torna-se um ato heróico.

Matar em defesa da honra, qualquer que seja essa honra, em muitas sociedades e grupos sociais, deixa de ser um ato de violência para se converter em ato normal — quando não moral — de preservação de valores que são julgados acima do respeito à vida humana (Odalía, 1991, p. 22 e 23).

5. RAIZ DA VIOLÊNCIA

Podemos enumerar vários tipos de violência: violência agressiva, violência do espírito de competição, violência dos que querem tornar-se "importantes", dos que procuram disciplinar-se segundo um padrão para alcançarem "posição", dos que se reprimem, tiranizam e embrutecem a si próprios, a fim de se tornarem "não-violentos". Os santos, por exemplo, são violentos porque querem disciplinar-se a si mesmos.

Onde está a fonte, a raiz da violência?

Segundo Krishnamurti, "a fonte da violência é o "eu", o "ego", que se expressa de muitos e vários modos — dividindo, lutando para tornar-se ou ser importante etc.; que se divide em "eu" e "não eu", em consciente e inconsciente; que se identifica, ou não, com a família, a comunidade etc. (1976, p. 67).

6. INJÚRIAS E VIOLÊNCIAS

"Haveis aprendido o que foi dito aos Antigos: Vós não matareis, e todo aquele que matar merecerá ser condenado pelo julgamento. Mas eu vos digo que todo aquele que se encolerizar contra seu irmão merecerá ser condenado pelo julgamento; que aquele que disser a seu irmão Racca, merecerá ser condenado pelo conselho; e que aquele que lhe disser: Vós sois louco, merecerá ser condenado ao fogo do inferno" (Mateus, 21 e 22).

"Por essas máximas, Jesus faz da doçura, da moderação, da mansuetude, da afabilidade e da paciência uma lei: condena, por conseguinte, a violência, a cólera e mesmo toda expressão descortês com respeito ao semelhante" (Kardec, 1984, cap. 9, it. 4, p. 125).

7. EXERCÍCIO PARA NOS LIBERTARMOS DA VIOLÊNCIA

7.1. OBEDIÊNCIA E RESIGNAÇÃO

A **obediência**, que é o consentimento da razão, e a **resignação**, que é o consentimento do coração são bons auxiliares no processo de libertação da violência. Essas duas virtudes são companheiras da **doçura** e muito ativas, e a maioria dos homens confundem-nas com a inércia. Muito pelo contrário, há que se ter muita força interior para resistir aos desejos, às paixões ou à revolta ante uma ofensa. O verdadeiro resignado chega até a renunciar ao direito de queixa.

Religiosamente considerada, a obediência é submetermo-nos primeiramente à vontade de Deus e, depois, à vontade dos homens, desde que postos hierarquicamente por Deus. O "pecado" surge pela desobediência às leis divinas. Nesse sentido, a resignação é a aceitação serena das conseqüências advindas das infrações cometidas com relação a tais leis.

Jesus Cristo é o modelo da perfeita obediência. Obedeceu a Deus, aos pais terrestres e aos seus superiores. Contudo, não foi conivente com a corrupção do povo de sua época. Forneceu-nos o exemplo da humildade, da paciência e da renúncia, a fim de atender aos desígnios do Alto. Sua resignação ante o Pai fê-lo morrer na cruz. Ainda aí não arredou o pé, preferindo o martírio, no sentido de enaltecer a verdade e com isso iluminar os nossos corações endurecidos (Kardec, 1984, cap. 9, it. 8, p. 128).

7.2. PACIÊNCIA

Talvez queiramos guerrear com o nosso vizinho, chamar-lhe a atenção e dizer-lhe muitos impropérios. Contudo, se soubermos esperar o momento oportuno para uma observação, um pedido, uma repreensão, o quadro que era de ódio e de rancor modifica-se instantaneamente. Agindo dessa forma, é possível que os outros nos taxem de tolos, de covardes. Não importa; o que conta é termos a consciência tranqüila ante o dever cumprido; só assim conquistaremos a felicidade que sempre dura. Além do mais, o exercício constante da paciência propicia-nos a fortaleza de ânimo. A vida compõe-se de mil nadas que acabam por nos ferir: ofensas, desentendimento e recusa são, dentre muitos, os problemas que temos de enfrentar. Nesse sentido, lembremo-nos de que nossa evolução não se processa através de facilidades, mas pelas dificuldades que tivermos vencido. Paciência é a virtude por excelência, pois sem ela facilmente sucumbiríamos ante as pedras do caminho. Saibamos confiar em Deus, aguardando no trabalho, a realização de sua eterna Vontade (Kardec, 1984, cap. 9, it. 7, p. 127).

8. CONCLUSÃO

Saibamos ponderar os esforços para a erradicação da violência. Quem sabe não estamos nos violentando a pretexto de eliminar a violência que há dentro de nós?

9. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 39. ed., São Paulo, IDE, 1984.
IDÍGORAS, J. L. *Vocabulário Teológico para a América Latina*. São Paulo, Edições Paulinas, 1983.
KRISHNAMURTI, J. *Fora da Violência*. São Paulo, Cultrix, 1976.
MICHAUD, Y. *A Violência*. São Paulo, Ática, 1989.
ODALIA, N. *O Que é a Violência*. 6. ed., São Paulo, Brasiliense, 1991 (Coleção Primeiros Passos, n.º 85)

Meios de Comunicação Social

SUMÁRIO: 1. Introdução. 2. Conceito. 3. Histórico. 4. Mecanismo da Comunicação. 5. Ruídos. 6. Sistemas de Defesa. 7. Meios de Comunicação Social: 7.1. Crítica da TV; 7.2. Dados Estatísticos. 8. Informação e Espiritualidade. 9. Divulgação Doutrinária e Proselitismo. 10. Conclusão. 11. Bibliografia Consultada.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é estudar comunicação e os meios de comunicação social (jornais, revistas, rádio, TV etc.) e sua influência sobre nossa vivência espiritual. Esperamos, com isso, contribuir para a melhoria de nossa atenção, concentração e meditação espiritual.

2. CONCEITO

COMUNICAÇÃO - Do lat. *communicatio* de *communis* = *comum* significa a ação de tornar algo comum a muitos. É o estabelecimento de uma corrente de pensamento ou mensagem, dirigida de um indivíduo a outro, com o fim de informar, persuadir, ou divertir (Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo).

COMUM - Diz-se que é **comum** o que pertence a todos ou a muitos igualmente. Vem do latim *cum* e *munus*, que significa cargo, ofício, função, dever, propriedade. Assim, o centro de um círculo é comum a seus raios, pois todos os raios têm o mesmo centro. A atração é comum a todos os corpos, porque todos dela sofrem (Santos, 1965).

COMUNICAÇÃO SOCIAL (MEIOS DE) - A expressão corresponde aos termos ingleses de *mass media* (meios de massa) e designa os sistemas mecanizados e eletrônicos que permit. a difusão de uma mesma mensagem para vastos públicos dispersos e heterogêneos, nomeadamente, a imprensa de grande tiragem (jornais e revistas ilustradas), o cinema, o rádio e a televisão. Ser-lhe-ia preferível usar o termo MDC (meios de difusão coletiva) (Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado).

3. HISTÓRICO

Na Antigüidade, a comunicação era verbal, ou seja, mensagem era transmitida de homem a homem;

A partir de 500 a. C., os gregos acrescentaram-lhe a retórica e a mensagem passa a ser veiculada a um grupo;

Por volta de 1.500 d. C., a invenção da imprensa propiciou que a mensagem pudesse chegar aos leitores longínquos;

Posteriormente, nos fins do século XIX, com o aparecimento da rotativa, a mensagem chega às massas;

No século XX, com o surgimento do rádio, da TV e do computador, a mensagem tem um alcance planetário (Combi Visual).

4. MECANISMO DA COMUNICAÇÃO

O homem - animal social - dispõe de um complexo mecanismo para a comunicação de mensagens. O olho e o ouvido funcionam como órgãos receptores e o cérebro como "estação de enlace" para a recepção e a emissão dos impulsos. A boca e as mãos são órgãos de comunicações do homem. No princípio, comunicava-se por sons e por gestos; mais tarde; compôs-se um sistema de símbolos, a linguagem, cujo veículo expressivo são a palavra e a escrita (Combi Visual).

No processo da comunicação, há quatro elementos a serem considerados:

- 1.º) A **Fonte**, constituída por um indivíduo (falando, desenhando, escrevendo, gesticulando), ou uma organização especializada (jornal, rádio, TV, cinema);
- 2.º) a **Mensagem**, que pode ser transmitida através de símbolos visuais, auditivos, táteis e outros capazes de serem captados pelos sentidos humanos;
- 3.º) o **Canal** ou **Veículo**, que são os livros, as revistas, o jornal etc.;
- 4.º) o **Receptor**, que pode ser um indivíduo, ou um grupo de pessoas ou uma grande massa humana.

Uma mensagem para ser bem transmitida e bem recebida precisa apresentar os seguintes requisitos:

- 1 - estar ajustada ao destinatário;
- 2 - possuir conteúdo significativo (palavras sem nexos não constituem mensagem);
- 3 - apresentar sentido claro (muitas vezes as mesmas palavras oferecem sentido diverso para pessoas diferentes);
- 4 - estar completa;
- 5 - ser objetiva (inserir na realidade);
- 6 - ser oportuna (Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo).

5. RUÍDOS

Ruído é tudo o que interfere na comunicação, prejudicando-a.

Pode ser um som sem harmonia, um emissor ou receptor fora de sintonia, falta de empatia ou habilidade para colocar-se no lugar de terceiros, falta de atenção do receptor etc.

Os recursos usados para anular ruídos são:

a) redundância: é todo o elemento da mensagem que não traz nenhuma informação nova. É um recurso utilizado para chamar à atenção e eliminar possíveis ruídos. Nesse sentido, deve-se repetir frases e informações julgadas essenciais à compreensão do receptor;

b) feedback: conjunto de sinais perceptíveis que permit. conhecer o resultado da mensagem; para isso, fazer perguntas e obter as respostas, a fim de verificar se a mensagem foi recebida ou não.

6. SISTEMAS DE DEFESA

Sempre que se nos apresenta uma situação incômoda, dissimulamos para nos defendermos. É a "blindagem" do caráter de que nos falam os psicólogos. Quer dizer, numa situação de prazer, liberamos o nosso eu; porém, no desprazer, fechamo-nos como uma redoma.

Entre as inúmeras causas da defesa na comunicação, citamos:

- a) **timidez** - os tímidos e aqueles que se sentem rejeitados têm tendência para se retrairerem diante dos outros, criando uma barreira para a comunicação. Muitos escritores, cientistas, estadistas e pregadores religiosos foram levemente tímidos, sem que isso prejudique na tarefa de servir ao bem comum. É o excesso de timidez que dificulta a autenticidade de uma boa comunicação, pois colocando-nos na defensiva, perdemos a essência da comunicação verbal.
- b) **egoísmo** - é o principal responsável pela estrutura de defesa de uma personalidade. Querendo nos defender para não cairmos no ridículo, acabamos nos isolando dos nossos instrutores.

c) **insegurança** - é um ruído nem sempre perceptível à primeira vista. Uma pessoa que está desempregada, por exemplo, pode sentir-se inútil e, por isso, fugir ao contato humano ou quando em sociedade, dificulta a autenticidade da comunicação (Batista, 1971).

7. MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Os Meios de Comunicação Social são uma criação do século XX.

"Comunicar" - trocar pensamentos, idéias, transmitir sentimentos - é uma necessidade humana primária. Mas o desejo de levar uma mensagem às multidões, de exercer *influência sobre as massas*, marcou, particularmente, dois campos da sociedade: o mundo dos negócios e o mundo da política.

Todos os modernos meios de comunicação social são empregados com *fins comerciais e políticos* para oferecer produtos e idéias. A capacidade do impacto direto e o efeito na *formação de opinião* dos meios de comunicação social são muito grandes (Combi Visual).

7.1. CRÍTICA DA TV

Os perigos da "Babá eletrônica" estão precisamente na sua incapacidade dialogal, pois a ausência do feedback (comunicação de retorno) em qualquer processo comunicativo acarreta uma absorção compulsória de mensagens que se acumulam, e cristalizam no receptor uma atitude acrítica, mecanicista e unilateral, nem sempre passível de ser neutralizada rapidamente.

Os recursos audiovisuais parecem estar destinados antes ao embotamento que ao aperfeiçoamento do cérebro humano. A TV e outros meios de "mensagem" fabricam condutas cada vez menos interiorizadas. A propaganda cerca a reflexão por todos os lados, oferecendo soluções para qualquer problema (Melo, 1981).

A TV oferece tudo acabado dispensando o espectador de pensar. Obstrui às crianças saídas interiores para a reflexão. Invade as casas, separa os pais dos filhos e cria o seu escravo: o teledependente. A TV criou para os educadores uma nova tarefa quase impossível: ensinar a viver no mundo da televisão, sem ser seu escravo (Melo, 1981, p. 11-21).

7.2. DADOS ESTATÍSTICOS

- 80% da população brasileira assiste diariamente à TV. A maior parte destas pessoas faz dela sua principal - ou única fonte de informação.

- Uma pesquisa da USP, em 1990, revelou que um espectador que acompanhasse a programação de TV, por duas horas, no horário definido como "acessível" a crianças e adolescente, assistiria em um ano a:

1.168 piadas sobre sexo;

7.746 cenas de nudez;

12.600 estampidos de tiros. (Estado de São Paulo, 28/11/93, pág. 3 A)

- Pesquisa do Inform/Estado (final de 1994) mostrou que, sem TV, 22% dos brasileiros não sabem o que fazer da vida.

- 83 deputados e 13 senadores detêm concessão de rádio ou TV. Significa dizer que 1 em cada 6 congressistas são detentores de meios de comunicação.

- National TV Turnoff Week - 24 a 30/04/1995. Proposta do grupo TV-Free America (América Livre de TV) para os americanos, visto:

crianças passarem 40h/semana em frente à tela;

adultos (trabalhadores) 4h/dia (Folha de São Paulo, 20/03/95, p. C2).

8. INFORMAÇÃO E ESPIRITUALIDADE

o apóstolo Paulo mandava ler de tudo e ficar com o que for bom.

Léon Denis, no livro *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*, no capítulo que trata da disciplina do pensamento e a reforma do caráter, lembra-nos à sua página 358, do cuidado com as leituras frívolas, especialmente os jornais. Acha que o excesso dessa leitura ocasiona uma anemia intelectual.

Assistir excessivamente à novela, ao futebol e aos filmes rouba-nos a oportunidade de estudarmos a Doutrina Espírita, escrevermos algo, meditarmos sobre alguma questão de melhoria interior, refletirmos sobre nossas ações etc.

Evitando-se a ocasião, evitar-se-ão as emoções que daí decorrem. Por exemplo: será que conseguimos medir o estoque de energia que se gasta acompanhando a partida final de um campeonato de futebol?

9. DIVULGAÇÃO DOUTRINÁRIA E PROSELITISMO

Temos medo de nos tornarmos público por causa da pecha de estarmos fazendo proselitismo. É correta tal atitude? Proselitismo é fazer adeptos (congregar). Divulgar é expor os princípios fundamentais do Espiritismo.

O Espírito André Luiz diz-nos em *Conduta Espírita*:

“A matéria radiofonizada deve obedecer ao critério da simplicidade e do respeito, em correlação com fatos comuns e atuais, clareando-se os temas obscuros ou que exijam maior esforço de compreensão”;

“Usar com prudência ou substituir toda expressão verbal que indique costumes, práticas, idéias políticas, sociais ou religiosas, contrárias ao pensamento espírita, quais sejam *sorte, acaso, sobrenatural, milagre* e outras, preferindo-se, em qualquer circunstância, o uso da terminologia doutrinária pura”;

“Calar qualquer propósito de destaque, silenciando exposições de conhecimentos, e ajustar-se à Inspiração Superior, comentando as lições sem fugir ao assunto em pauta, usando simplicidade e precatando-se contra a formação da dúvida nos ouvintes”;

“Escrever com simplicidade e clareza, concisão e objetividade, esforçando-se pela revisão severa e incessante, quanto ao fundo e à forma, de originais que devam ser entregues ao público” (Vieira, 1981, pág. 57 a 67).

O Espírito Irmão X, no capítulo 12 do livro *Cartas e Crônicas*, retrata a responsabilidade de não se divulgar o raciocínio espírita. Diz-nos que Mota e Licínio eram dois amigos inseparáveis. Licínio desencarna primeiro. Vem, depois de algum tempo por insistência de Mota, comunicar as suas impressões do plano espiritual. Começa então a falar das vidas sucessivas, de que morte não existe. Todas as informações que dava o amigo Mota dizia saber daquilo. Até que Licínio fica furioso e diz: “Fora daqui, embusteiro, fora daqui ... Se ele conhecesse as realidades que você confirma, jamais me teria deixado no suplício da ignorância... Meu amigo Joaquim Mota é como eu, enganado nas sombras do mundo... Ele foi sempre o meu melhor irmão!... Nunca, nunca, permitiria que eu chegasse aqui, mergulhado em trevas!...” (1974).

Por isso, há muita propriedade no anexo: “Aquele que sabe e cala-se é como o avarento que amalha tesouros”.

10. CONCLUSÃO

Vivemos num mundo em que a mídia eletrônica forja caracteres. É um fato e não pode ser negado. Porém, podemos tranquilamente seguir o conselho de Paulo: “Ver de tudo e ficar com o que for bom”.

O espírita sincero deve responsabilizar-se pelo que conhece. Nesse sentido, sempre que houver oportunidade de divulgar os princípios da Doutrina, ele deve fazê-lo com acuidade e precisão, a fim de ganhar o maior número de almas para o apostolado do Cristo.

11. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ÁVILA, F. B. de S.J. *Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo*. Rio de Janeiro, M.E.C., 1967.

BATISTA, A. *Tempo, Comunicação e Liberdade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.
DENIS, L. *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*. 18. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1995.
Enciclopédia Combi Visual. Barcelona (Espanha), Ediciones Danae, 1974.
Estado de São Paulo, 28/11/93, pág. 3 A.
Folha de São Paulo, 20/03/95, pág. C2.
MELO, J. M. de. *Telemânia, Anestésico Social*. São Paulo, Loyola, 1981. (Série Comunicação, 13)
Polis - Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado. Lisboa/São Paulo, Verbo, 1986.
SANTOS, M. F. dos. *Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais*. 3. ed., São Paulo, Matese, 1965.
VIEIRA, W. *Conduta Espírita* (pelo Espírito André Luiz). 8. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1981.
XAVIER, F. C. *Cartas e Crônicas* (pelo Espírito Irmão X). 3 ed., Rio de Janeiro, FEB, 1974.

Atos dos Apóstolos

SUMÁRIO: 1. Introdução. 2. Atos dos Apóstolos: Visão Geral. 3. Saulo de Tarso. 4. A Conversão de Saulo. 5. Preparação para a Pregação. 6. A Pregação de Paulo. 7. Conclusão. 8. Bibliografia Consultada

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é conhecer sinteticamente a vida e obra de Paulo, o apóstolo dos gentios, a fim de que possamos tirar de seus exemplos inspirações para as nossas lutas e tribulações dia-a-dia.

2. ATOS DOS APÓSTOLOS: VISÃO GERAL

O *Atos dos Apóstolos* é um livro do Novo Testamento, que vem logo depois de O Evangelho Segundo João. Nele estão inseridos a escolha de Matias no lugar de Judas, a descida do Espírito Santo, o discurso de Pedro no dia de Pentecostes, as primeiras conversões, a cura de um coxo, o discurso de Pedro no templo, Pedro e João perante o Sinédrio, a comunidade de bens entre os primeiros cristãos, a instituição dos diáconos, Estêvão, o primeiro mártir, Filipe e o Eunuco... e várias passagens da vida de Paulo.

Deter-nos-emos na figura de Paulo

3. SAULO DE TARSO

Saulo de Tarso, Doutor da Lei em Israel, era famoso pela sua oratória e acurado conhecimento das escrituras. Convidado por Sadoc, vai à "Casa do Caminho", para ouvir as pregações de Estêvão.

Estêvão, naquele dia, em seu discurso oratório, expressa-se nesses termos:

— "Meus caros, eis que chegados são os tempos em que o Pastor vem reunir as ovelhas em torno do seu zelo sem limites. Éramos escravos das imposições pelos raciocínios, mas hoje somos livres pelo Evangelho do Cristo Jesus. Nossa raça guardou, de épocas imemoriais, a luz do Tabernáculo e Deus enviou seu Filho sem mácula. Onde estão, em Israel, os que ainda não ouviram as mensagens da Boa-Nova? Onde os que ainda não se felicitaram com as alegrias da nova fé? Deus enviou sua resposta divina aos anseios milenários, a revelação dos céus aclara os nossos caminhos. Consoante as promessas da profecia de todos quantos choraram e sofreram por amor ao Eterno, o Emissário Divino veio até ao antro de nossas dores amargas e justas, para iluminar a noite de nossas almas impenitentes, para que se nos desdobrassem os horizontes da redenção..." (Xavier, 1963, p. 87).

Saulo, que era um ardoroso defensor da Lei, confunde-se com as novas prédicas do Evangelho. Vislumbrou, de relance, o perigo que os novos ensinamentos acarretavam para judaísmo dominante. Parte para a defesa da Lei, mas Estêvão responde sempre à altura, que o Doutor da Lei fica sem saída. Por fim, Paulo diz: "Recorrerei ao Sinédrio para vos julgar e punir. O Sinédrio tem autoridade para desfazer vossas condenáveis alucinações" (Xavier, 1963, p. 95).

Estêvão é levado ao Sinédrio, onde é acusado de blasfemo, caluniador e feiticeiro. Morre na prisão.

4. A CONVERSÃO DE SAULO

Saulo tornara-se um perseguidor dos cristãos, sob o pretexto de defender a Lei. Saíra ao encontro de Ananias, suposto conhecedor do Evangelho, a fim de castigá-lo devidamente. No caminho de Damasco fazia reflexões sobre a sua infância, e todo o seu passado vinha-lhe à mente. Dentre todas as lembranças, a de Abigail e de Estêvão destacavam-se. Abigail (irmã de Estêvão e sua noiva) e Estêvão (quem prendeu e deixou morrer na prisão).

"Em dado instante, todavia, quando mal despertara das angustiosas cogitações, sente-se envolvido por luzes diferentes de tonalidade solar. Tem a impressão de que o ar se fende como uma cortina, sob pressão invisível e poderosa. Intimamente, considera-se presa de inesperada vertigem após o esforço mental, persistente e doloroso. Quer voltar-se, pedir o socorro dos companheiros, mas não os vê, apesar da possibilidade de suplicar o auxílio.

— Jacob!... Demétrio!... Socorram-me!... — grita desesperadamente.

Mas a confusão dos sentidos lhe tira a noção de equilíbrio e tomba do animal, ao desamparo, sobre a areia ardente. A visão, no entanto, parece dilatar-se ao infinito. Outra luz lhe banha os olhos deslumbrados, e no caminho, que atmosfera rasgada lhe desvenda, vê surgir a figura de um homem de majestática beleza, dando-lhe a impressão de que descia do céu ao seu encontro. Sua túnica era feita de pontos luminosos, os cabelos tocavam nos ombros, à nazarena, os olhos magnéticos, imanados de simpatia e de amor, iluminando a fisionomia grave e terna, onde pairava um divina tristeza.

O doutor de Tarso contemplava-o com espanto profundo, e foi quando, numa inflexão de vos inesquecível, o desconhecido se fez ouvir:

— Saulo!... Saulo!... por que me persegues?" (Xavier, 1963, p. 197).

Vai ter, depois, com Ananias, que lhe cura. A partir daí passa de perseguidor a ser perseguido. Ver Atos 9.

5. PREPARAÇÃO PARA A PREGAÇÃO

Saulo, depois de professar a sua visão de Damasco, é ridicularizado pelos de sua classe. Procura o apoio dos homens do caminho, com intenção de pregar a boa nova. Procura a companhia de Ananias e lhe diz: "Vejo-me cercado de enormes dificuldades — dizia Saulo um tanto perturbado. — Sinto-me no dever de espalhar a nova doutrina, felicitando os nosso semelhantes; Jesus encheu-me o coração de energias inesperadas, mas a segura dos homens é de amedrontar os mais fortes".... Depois de ouvi-lo, Ananias diz: "Um homem de vida pura e reta, sem os erros da própria boa-intenção, está sempre pronto a plantar o bem e a justiça no roteiro que perlustra; mas aquele que já se enganou, ou que guarda alguma culpa, tem necessidade de testemunhar no sofrimento próprio antes de ensinar. Os que não forem integralmente puros, ou nada sofreram no caminho, jamais são bem compreendidos por quem lhes ouve simplesmente a palavra. Contra os seus ensinamentos estão suas próprias vidas. Além do mais, tudo o que é de Deus reclama grande paz e profunda compreensão. No teu caso, deves pensar na lição de Jesus permanecendo trinta anos entre nós, preparando-se para suportar a nossa presença durante apenas três. Para receber uma tarefa do Céu, David conviveu com a Natureza apascentando rebanhos; para desbravar as estradas do Salvador, João Batista meditou muito tempo nos ásperos desertos da Judéia" (Xavier, 1963, p. 225).

Retoma, assim, durante três anos, a sua profissão de tecelão junto a Áquila e Prisca.

6. A PREGAÇÃO DE PAULO

Lendo atentamente o capítulo sobre os Atos dos Apóstolos, teremos uma idéia de todas as cidades e as pessoas que acompanharam Paulo em sua pregação. Assim, nas suas várias viagens pregou em Atenas, Corinto, Éfeso, Macedônia, Chipre, Icônio, Listra, Derbe etc.

No começo não foi nada fácil. "A palavra, tão fácil noutros tempos, parecia retrair-se-lhe na garganta. Compreendeu que era justo padecer as torturas do reinício, em virtude da oportunidade que não soube valorizar" (Xavier, 1963, p. 315). Por esse motivo, foi afastado discretamente da pregação e aproveitado noutros misteres.

Retorna-a depois com bastante ímpeto e torna-se o apóstolo dos gentios, porque os foi procurar fora de Jerusalém.

7. CONCLUSÃO

Paulo foi um desses Espíritos luminares que nos trouxe um exemplo memorável, ou seja, mostrou-nos, que apesar do progresso ser lento, podemos mudar o nosso destino radicalmente. Observe que ele, sendo doutor da lei, depois de cair em si, toma o outro rumo e defende-o com o mesmo ímpeto que tinha com relação à Lei. Isso só foi possível devido ao seu caráter forte, que não esmoreceu em nenhum instante da luta. Além disso, exercitou plenamente a humildade, obedecendo aos homens do caminho, e principalmente a Ananias

8. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

XAVIER, F. C. *Paulo e Estêvão*, pelo Espírito Emmanuel. Rio de Janeiro, FEB, 1963.

Epístolas de Paulo

SUMÁRIO: 1. Introdução. 2. Origem das Epístolas. 3. As Epístolas de Paulo. 4. Conteúdo das Epístolas. 5. Epístolas e o Evangelho Segundo o Espiritismo. 5.1. Necessidade de Caridade Segundo Paulo; 5.2. Preces Inteligíveis. 6. Epístolas e Emmanuel. 7. Conclusão. 8. Bibliografia Consultada.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é encaminhar o nosso pensamento para uma compreensão sintética dos ensinamentos contidos nas epístolas de Paulo. Tencionamos, também, situar alguns desses pensamentos, que foram comentados pelo Espírito Emmanuel e por Allan Kardec.

2. ORIGEM DAS EPÍSTOLAS

Instaurando-se em Corinto, funda aí uma Igreja, que começou a produzir os frutos mais ricos da espiritualidade. Em torno do Apóstolo formou-se um pequeno colégio de seguidores. Contudo, dado a sua noção de responsabilidade, compreendeu que não bastava enviar emissários. De todas as partes recebia pedidos de providências para as Igrejas que ele havia fundado.

"Sentindo-se incapaz de atender a todas as necessidades ao mesmo tempo, o abnegado discípulo do Evangelho, valendo-se, um dia, do silêncio da noite, quando a Igreja se encontrava deserta, rogou a Jesus, com lágrimas nos olhos, não lhe faltasse com os socorros necessários ao cumprimento integral da tarefa.

Terminada a oração, sentiu-se envolvido em branda claridade. Teve a impressão nítida de que recebia a visita do Senhor. Genuflexo, experimentando indizível comoção, ouviu uma advertência serena e carinhosa:

Não temas — dizia a voz —, prossegue ensinando a verdade e não te cales, porque estou contigo.

... Não te atormentes com as necessidades do serviço. É natural que não possas assistir pessoalmente a todos, ao mesmo tempo... Poderás resolver o problema escrevendo a todos os irmãos em meu nome; os de boa vontade saberão compreender, porque o valor da tarefa não está na presença pessoal do missionário, mas no conteúdo espiritual do seu verbo, da sua exemplificação e da sua vida. Doravante, Estêvão permanecerá mais conchegado a ti, transmitindo-te meus pensamentos, e o trabalho de evangelização poderá ampliar-se em benefício dos sofrimentos e das necessidades do mundo...

... Assim começou o movimento dessas cartas imortais, cuja essência espiritual provinha da esfera do Cristo, através da contribuição amorosa de Estêvão — companheiro abnegado e fiel daquele que se havia arvorado, na mocidade, em primeiro perseguidor do Cristianismo" (Xavier, 1963, p. 424 a 426).

3. AS EPÍSTOLAS DE PAULO

As epístolas, atribuídas a Paulo, no Novo Testamento, são quatorze, e segundo alguns, a ordem cronológica que melhor parece estabelecida é:

- 1.º e 2.º Epístolas aos Tessalonicenses,
- 1.º e 2.º Epístolas aos Coríntios,
 - Epístola aos Galátas,
 - Epístola aos Romanos,
 - Epístola aos Efésios,
 - Epístola aos Colossenses,
 - Epístola a Filemon,
 - Epístola aos Filipenses,
 - Epístola aos Hebreus,

- 1.º Epístola a Timóteo,
Epístola a Tito,
- 2.º Epístola a Timóteo.

Renan, em São Paulo, diz que os escritos de S. Paulo foram numerosos, restando apenas uma pequena parte, o que aliás, é confirmado por Emmanuel (Curti, 1983, p. 27).

4. CONTEÚDO DAS EPÍSTOLAS

Folheando essas 14 epístolas, verificamos que Paulo está preocupado na divulgação da sua doutrina do Cristo. Assim:

- combate a idolatria, a circuncisão, o pecado, a luxúria etc.;
- exalta a justiça pela fé, a humildade, a caridade, a fidelidade a Deus, a submissão à autoridade, a tolerância para com os fracos da fé etc.;
- dá orientações de como a mulher deve portar-se na Igreja;
- responde às perguntas sobre o casamento;
- fala de seus sofrimentos na luta pela implantação da "Boa-Nova";
- diz que a Lei é impotente para salvar, mas conduz a Cristo e à fé;
- descreve acerca da diversidade dos dons espirituais.

5. EPÍSTOLAS E O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

5.1. NECESSIDADE DE CARIDADE SEGUNDO PAULO

"Ainda que eu falasse todas as línguas do homens, e mesmo a língua dos anjos, se não tivesse caridade não seria senão como um bronze sonante, e um címbalo retumbante; e quando eu tivesse o dom da profecia, penetrasse todos os mistérios, e tivesse uma perfeita ciência de todas as coisas; quando tivesse ainda toda a fé possível, até transportar montanhas, se não tivesse caridade eu nada seria. E quando tivesse distribuído meus bens para alimentar os pobres, e tivesse entregue meu corpo para ser queimado, se não tivesse caridade, tudo isso não me serviria de nada.

A caridade é paciente; é doce e benfazeja; a caridade não é invejosa; não é temerária e precipitada; não se enche de orgulho; não é desdenhosa; não procura seus próprios interesses; não se melindra e não se irrita com nada; não suspeita mal; não se regozija com a injustiça, mas se regozija com a verdade; tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre. Agora, essas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade permanecem; mas, entre elas, a mais excelente é a caridade" (São Paulo, 1.ª Epístola aos Coríntios, cap. 13, 1 a 7 e 13).

Allan Kardec comentando essa passagem evangélica diz que Paulo compreendeu tão bem essa verdade que "coloca a caridade acima mesmo da fé, porque a caridade está ao alcance de todo o mundo, do ignorante e do sábio, do rico e do pobre, e porque independe de toda crença particular". (1984, cap. 15, it. 7, p. 201)

5.2. PRECES INTELIGÍVEIS

"Se não entendo o que significam as palavras, eu serei bárbaro para aquele com quem falo, e aquele que me fala será para mim bárbaro. Se oro numa língua que não entendo, meu coração ora, mas minha inteligência está sem fruto. — Se não louvais a Deus senão de coração, como um homem, entre aqueles que não entendem senão sua própria língua, responderá amém, ao final da vossa ação de graças, uma vez que ele não entende o que dizeis? Não é que vossa ação não seja boa, mas os outros dela não estão edificados (São Paulo, 1.ª Epístola aos Coríntios, cap. 14, 11, 14, 16 e 17).

Comentário de Allan Kardec: "A prece não tem valor senão pelo pensamento ao qual se liga; ora, é impossível ligar um pensamento ao que não se compreende, porque o que não se compreende, não toca o coração" (1984, cap. 27, it. 17, p. 310).

6. EPÍSTOLAS E EMMANUEL

No final do livro *Fonte Viva*, de Emmanuel, há um índice, por capítulos e versículos, das obras *Caminho Verdade e Vida*, *Pão Nosso*, *Vinha de Luz* e *Fonte Viva* em que são comentados, pelo Espírito Emmanuel, alguns versículos do Novo Testamento. Em relação às Epístolas de Paulo, há mais de 250 mensagens. Assim, para uma melhor compreensão destas epístolas, convém procurarmos nas referidas obras os comentários desse Espírito luminar.

Escolhemos, como exemplo, o capítulo 156:

Parentes

"Mas se alguém não tem cuidado dos seus e principalmente dos da sua família, negou a fé e é pior do que infiel" — Paulo. (I Timóteo, 5, 8).

Mensagem de Emmanuel:

"A causalidade não se encontra nos laços da parentela
Princípios sutis da Lei funcionam nas ligações consangüíneas.
Impelidos pelas causas do passado a reunir-nos no presente, é indispensável pagar com alegria os débitos que nos imanam a alguns corações, a fim de que venhamos a solver nossas dívidas com a Humanidade.
Inútil é a fuga dos credores que respiram conosco sob o mesmo teto, porque o tempo no aguardará implacável, constringendo-nos à liquidação de todos os compromissos.
Temos companheiros de voz adocicada e edificante na propaganda salvacionista, que se fazem verdadeiros trovões de intolerância na atmosfera caseira, acumulando energias desequilibradas em torno das próprias tarefas.
Sem dúvida, a equipe familiar no mundo nem sempre é um jardim de flores. Por vezes, é um espinheiro de preocupações e de angústias, reclamando-nos sacrifício. Contudo, embora necessitemos de firmeza nas atitudes para temperar a afetividade que nos é própria, jamais conseguiremos sanar as feridas do nosso ambiente particular com o chicote da violência ou com o emplastro do desleixo.
Consoante a advertência do Apóstolo, se nos falha o cuidado para com a própria família, estaremos negando a fé.
Os parentes são obras de amor que o Pai Compassivo nos deu a realizar. Ajudem-nos, através da cooperação e do carinho, atendendo aos desígnios da verdadeira fraternidade. Somente adestrando paciência e compreensão,

tolerância e bondade, na praia estreita do lar, é que nos habilitaremos a servir com vitória, no mar alto das grandes experiências" (Xavier, s.d.p.).

7. CONCLUSÃO

Os ensinamentos de Paulo, contidos nas Epístolas, são extremamente úteis para a nossa vivência nos dias que correm. Contudo, é preciso que a nossa visão alcance horizontes mais vastos, a fim de captar a verdadeira mensagem espiritual dessas cartas apostólicas.

8. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CURTI, R. *As Epístolas de Paulo e o Apocalipse de João (Segundo o Espiritismo)*. São Paulo, FEESP, 1983.

KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 39. ed., São Paulo, IDE, 1984.

XAVIER, F. C. *Fonte Viva*, pelo Espírito Emmanuel. Rio de Janeiro, FEB, s.d.p.

XAVIER, F. C. *Paulo e Estêvão*, pelo Espírito Emmanuel. Rio de Janeiro, FEB, 1963.

O Apocalipse de João

SUMÁRIO: 1. Introdução. 2. Conceito. 3. Quem Era João? 4. Conteúdo das Profecias. 5. Profetismo e Conhecimento. 6. O Apocalipse de João e o Espiritismo. 7. Cataclismos Futuros. 8. Conclusão. 9. Bibliografia Consultada

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é analisar o conteúdo narrado por João, em seu livro o Apocalipse, confrontando-o com os princípios codificados por Allan Kardec.

2. CONCEITO

Apocalipse - do gr. *apokalypsis* significa revelação.

Apocalipse de João - constitui o fim do Novo Testamento, e consiste da revelação tida por João, o Evangelista, na Ilha de Patmos, acerca dos futuros acontecimentos que envolverão o planeta e a humanidade.

3. QUEM ERA JOÃO?

"João era médium, clarividente, profeta, possuidor de várias formas de mediunidade, em alto grau. Mas era, também, iniciado no conhecimento da época, quer da cultura grega, como da lei e da ritualística judaica. Por isto, autor de um dos evangelhos, uma versão sapiencial ou gnóstica. Nele se tem a primeira aproximação com a contemporânea filosofia do Neo-Platonismo grego e a ligação à literatura judaica de Filão, também contemporânea, que completa a tarefa de interpretar a Bíblia, segundo a filosofia grega" (Curti, 1983, p. 144).

4. CONTEÚDO DAS PROFECIAS

O Apocalipse de João, o último livro do Novo Testamento, consta de 22 capítulos, em que Jesus aparece a João na Ilha de Patmos e ordena-lhe que escreva o que viu e o participe à Humanidade.

Assim:

- escreve sete cartas a várias Igrejas;
- relata a visão do trono da majestade divina;
- diz que somente o Cordeiro é digno de abrir o livro dos sete selos;
- fala da besta que subiu do mar e da terra;
- discorre sobre a queda da Babilônia, enumerando a visão da grande prostituta assentada sobre a besta, as lamentações sobre a terra, a alegria e triunfo nos céus e as vitórias de Cristo sobre a besta e sobre o falso profeta;
- vaticina sobre o juízo final, enaltecendo os novos céus, a nova terra e a nova Jerusalém;
- por fim, faz algumas admoestações e conclui com as promessas finais.

5. PROFETISMO E CONHECIMENTO

O conhecimento forma-se lentamente, começando pelas formas arcaicas de concepção tais como o totemismo, o animismo e a mitologia. O dogmatismo surge nesse processo histórico baseando-se apenas na teoria. Na seqüência surge o **simbolismo**, retratado por Pitágoras, ao conceber o mundo como uma unidade.

Hoje, o que vale é o conhecimento teórico-experimental, ou seja, o conhecimento pela comprovação das hipóteses.

"Assim sendo, o profetismo, existente de todas as épocas, do qual o apocalipse é um fato, um exemplo, ele próprio é um fenômeno que deve ser abordado com método científico, e explicado na sua verdadeira essência.

Que ele seja um fenômeno perfeitamente caracterizável, o atesta a história. Existe, prevê o futuro, e suas previsões são constatadas, em grande parte, pelos acontecimentos subsequentes à sua manifestação. O próprio apocalipse de João é uma previsão de sucedimentos, em sua maioria já acontecidos, constatáveis na própria história.

As profecias, que conhecemos, dizem respeito a previsões passadas e foram efetuadas em eras, em que o conhecimento era de outra natureza, diferente do nosso, cuja existência iniciou-se há dois ou três séculos.

Sua formulação, por isto, é eivada de símbolos, de analogias, de pressupostos que já não são dos nossos dias, não são mais cultivados e, portanto, já escapam ao nosso conhecimento, o que torna sua interpretação, muitas vezes, totalmente obscura" (Curti, 1983, p. 151).

6. O APOCALIPSE DE JOÃO E O ESPIRITISMO

Emmanuel, comentando o apocalipse de João, em *A Caminho da Luz*, diz que "O Divino Mestre chama aos Espaços o Espírito João, que ainda se encontrava preso nos liames da Terra, e o Apóstolo, atônito e aflito, lê a linguagem simbólica invisível.

Recomenda-lhe o Senhor que entregue os seus conhecimentos ao planeta como advertência a todas as nações e a todos os povos da Terra, e o Velho Apóstolo de Patmos transmite aos seus discípulos as advertências extraordinárias do Apocalipse.

Todos os fatos posteriores à existência de João estão ali previstos. É verdade que freqüentemente a descrição apostólica penetra o terreno mais obscuro; vê-se que a sua expressão humana não pode copiar fielmente a expressão divina das suas visões de palpitante interesse para a história da Humanidade. As guerras, as nações futuras, os tormentos porvindouros, o comercialismo, as lutas ideológicas da civilização ocidental, estão ali pormenorizadamente entrevistados. E a figura mais dolorosa, ali relacionada, que ainda hoje se oferece à visão do mundo moderno, é bem aquela da igreja transviada de Roma, simbolizada na besta vestida de púrpura e embriagada com o sangue dos santos" (Xavier, 1972, p. 126 e 127).

Identifica a besta como sendo o papado e o número 666 como sendo o "Sumo- Pontífice da igreja romana quem usa os títulos de "VICARIVS GENERALIS DEL IN TERRIS", VICARIVS FILII DEI" e "DVX CLERI" que significam "Vigário-Geral de Deus na Terra", "Vigário do Filho de Deus" e Príncipe do Clero". Bastará ao estudioso um pequeno jogo de paciência, somando os algarismos romanos encontrados em cada título papal, a fim de encontrar mesma equação de 666, em cada um deles" (Xavier, 1972, p. 128).

7. CATACLISMOS FUTUROS

Com relação ao juízo final e à desolação do Planeta Terra, Allan Kardec diz que "A Terra adquiriu uma estabilidade que, sem ser absolutamente invariável, coloca doravante o gênero humano ao abrigo de perturbações gerais, a menos que intervenham causas desconhecidas, a ela estranhas e que de modo nenhum se possam prever". (1975, cap. IX, it. 11, p. 185)

Mais para frente diz: "Fisicamente, a Terra teve as convulsões da sua infância; entrou agora num período de relativa estabilidade: na do progresso pacífico, que se efetua pelo regular retorno dos mesmos fenômenos físicos e pelo concurso inteligente do homem. *Está, porém, ainda, em pleno trabalho de gestação do progresso moral.* Aí residirá a causa das suas

maiores comoções. *Até que a Humanidade se haja avantajado suficientemente em perfeição, pela inteligência e pela observância das leis divinas, as maiores perturbações ainda serão causadas pelos homens, mais do que pela Natureza, isto é, serão antes morais e sociais do que físicas*" (1975, cap. 9, it. 14, p. 187).

8. CONCLUSÃO

O apocalipse de João é uma exortação à mediunidade, a maior ferramenta da revelação divina. João, possuidor de vários tipos de mediunidade, pode se desdobrar, ir ao futuro, e nos trazer essas informações. Assim, se excluirmos a mediunidade em nossas interpretações, ficaremos apenas com o simbolismo da letra, que mais confunde do que ajuda a elucidação científica da profecia.

9. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CURTI, R. *As Epístolas de Paulo e o Apocalipse de João (Segundo o Espiritismo)*. São Paulo, FEESP, 1983.

KARDEC, A. *A Gênese - Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo*. 17. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1975.

XAVIER, F. C. *A Caminho da Luz - História da Civilização à Luz do Espiritismo*, pelo Espírito Emmanuel. Rio de Janeiro, FEB, 1972.

Parábola do Bom Samaritano

SUMÁRIO: 1. Introdução. 2. Conceito. 3. O Texto Bíblico. 4. Cairbal Schutel e o Samaritano. 5. Allan Kardec e o Samaritano. 6. Parábola Moderna. 7. Bibliografia Consultada

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é refletir sobre as dificuldades que as convenções sociais impõem à prática da caridade.

2. CONCEITO

Parábola - do gr. *parabole* significa narrativa curta, não raro identificada com o apólogo e a fábula. Vizinha da alegoria, ou seja, consiste num discurso que faz entender outro.

Sinteticamente: narração alegórica na qual o conjunto dos elementos evoca, por comparação, outras realidades de ordem superior.

Samaritano - Depois do cisma das dez tribos, Samaria tornou-se a capital do reino dissidente de Israel. Destruída e reconstruídas por várias vezes, ela foi, sob os Romanos, a sede de Samaria, uma das quatro divisões da Palestina.

"Os Samaritanos estiveram, quase sempre, em guerra com os reis de Judá; uma aversão profunda, datando da separação, perpetuou-se entre os dois povos, que afastavam todas as relações recíprocas. Os Samaritanos, para tornar a cisão mais profunda e não ter que ir a Jerusalém na celebração das festas religiosas, construíram um templo particular, e adotaram certas reformas. Eles não admitiam senão o Pentateuco contendo a lei de Moisés, rejeitando todos os livros que lhe foram anexados depois. Seus livros sagrados eram escritos em caracteres hebreus da mais alta antiguidade. Aos olhos dos Judeus ortodoxos, eles eram heréticos, e, por isso mesmo, desprezados, anatematizados e perseguidos. O antagonismo das duas nações tinha, pois, por único princípio a divergência das opiniões religiosas, embora suas crenças tivessem a mesma origem; eram os *Protestantes* daquela época" (Kardec, 1984, Intr., p. 18e 19).

3. O TEXTO BÍBLICO

"E eis que se levantou um certo doutor da lei, tentando-o, e dizendo: Mestre, o que é preciso que eu faça para possuir a vida eterna? Jesus lhes respondeu: Que está escrito na lei? Que ledes nela? Ele lhe respondeu: Amareis o Senhor vosso Deus de todo o vosso coração, de toda a vossa alma, de todas as vossas forças e de todo o vosso espírito, e vosso próximo coma a vós mesmos. Jesus lhe disse: Respondeste muito bem; fazei isso e viverás.

Mas esse homem, querendo parecer que era justo, disse a Jesus: E quem é o meu próximo? E Jesus tomando a palavra, lhe disse:

Um homem, que descia de Jerusalém para Jericó, caiu nas mãos de ladrões que o despojaram, cobriram-no de feridas e se foram, deixando-o semi-morto. Aconteceu, em seguida, que um sacerdote descia pelo mesmo caminho e tendo-o percebido passou do outro lado. Um levita, que veio também para o mesmo lugar, tendo-o considerado, passou ainda do outro lado. Mas um Samaritano que viajava, chegando ao lugar onde estava esse homem, e tendo-o visto, foi tocado de compaixão por ele. Aproximou-se, pois, dele, derramou óleo e vinho em suas feridas e as enfaixou; e tendo-o colocado sobre seu cavalo, conduziu-o a uma hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte, tirou duas moedas e as deu ao hospedeiro, dizendo: Tende bastante cuidado com este homem, e tudo o que despenderes a mais, eu vos restituirei no meu regresso.

Qual desses três vos parece ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos ladrões? O doutor lhe respondeu: Aquele que exerceu a misericórdia para com ele. Ide pois, lhe disse Jesus, e fazei o mesmo" (São Lucas, cap. 10, 25 a 37).

4. CAIRBAL SCHUTEL E O SAMARITANO

Cairbal Schutel, no livro *Parábolas e Ensinos de Jesus*, retrata a didática do discurso de Jesus em que o Mestre não perdia a oportunidade para enaltecer os pobres, os deserdados, os repudiados pelas seitas dominantes. Tanto nesta, como nas demais parábolas, o objetivo não muda, ou seja, aproveita-se de uma realidade material para evocar as realidades de cunho moral e espiritual. No caso específico desta parábola, Jesus escolhe o Samaritano, considerado desprezado e herético pelos judeus ortodoxos. O interessante, ainda, é que a referida parábola foi proposta a um Doutor da Lei, a um judeu da alta sociedade que, para tentar o Mestre, foi inquiri-lo sobre a vida eterna. O judeu doutor não ignorava os mandamentos, mas não os punha em prática. Do mesmo modo pode-se falar dos sacerdotes, que conheciam perfeitamente a Lei, mas não a punha também em prática. Por fim, diz que o viajante ferido pode ser comparada a Humanidade saqueada de seus bens espirituais e de sua liberdade, pelos poderosos do mundo (1979, p. 74 a 77).

5. ALLAN KARDEC E O SAMARITANO

No quadro desta parábola é preciso separar a figura da alegoria. A homens que estavam ainda na infância da espiritualidade, Jesus precisou utilizar-se de imagens materiais, surpreendentes e capazes de impressionar. Mas ao lado dessa parte acessória e figurada do quadro, há uma idéia dominante: a da felicidade que espera o justo e da infelicidade reservada ao mau. Jesus não fala das convenções externas da religião; simplesmente quer exaltar a caridade, o único meio de salvação da alma. É por essa razão que Jesus coloca o Samaritano, considerado herético, acima do ortodoxo que falta com a caridade (Kardec, 1984, cap. 15, it. 2 e 3, p. 198 a 201).

6. PARÁBOLA MODERNA

O Irmão X, em *Lázaro Redivivo*, conta-nos esta versão da parábola do Bom Samaritano: "E eis que, em plena assembléia de espiritualidade, se levantou um certo companheiro intelectualizado e dirigiu-se ao Amigo Sábio Benevolente, que se comunicava através da organização mediúnica, perguntando, para tentá-lo:

— Benfeitor da Humanidade, que devo fazer para alcançar a vida eterna? Como agir para entrar na posse da verdadeira luz?

Respondeu-lhe o orientador:

— Que te aconselha a doutrina? Como lês o ensinamento do Cristo?

O consulente pensou um minuto e replicou:

— Amarás o Senhor teu Deus, com todo o coração, com toda a alma, com todas as forças, com todo o entendimento e a teu próximo como a ti mesmo.

O Sábio Espiritual sorriu e observou:

— Respondeste bem. Faze isso e alcançarás a vida eterna.

Contudo, o intelectualista, apresentando justificativa e desejando destacar-se no círculo dos irmãos, interrogou ainda:

— Como reconhecerei o meu próximo?

O comunicante assumiu atitude paternal e narrou" (Xavier, 1978, p. 243 e 244) a passagem, comparando o espiritista ao materialista, a qual iremos resumir:

Situação 1: pessoas ignorantes que reclamavam o ensino.

Atitude do Espiritista: passou de largo dizendo que aquilo não era Espiritismo.

Atitude do Materialista: distribui palavras conforto e de encorajamento.

Situação 2: miserável mulher, exibindo terríveis sinais de sífilis.

Atitude do Espiritista: passou de largo, com medo de ser visto na casa de prazeres menos dignos, dizendo que aquilo não era Espiritismo.

Atitude do Materialista: amparou a pobre criatura, providenciando que fosse asilada em hospital próximo e colaborou no pagamento das despesas.

Situação 3: grupo de trabalhadores, filiado às Igrejas evangélicas, solicitando dinheiro para as pessoas carentes.

Atitude do Espiritista: como expressavam interpretações diferentes das do Espiritismo, diz que aquilo não era Espiritismo.

Atitude do Materialista: conversou, inteirou-se do propósito e deu-lhe uma soma de dinheiro para a obra benemérita.

Por fim diz: Quem aprendeu a reconhecer próximo, prestando-lhe serviços?

7. CONCLUSÃO

Vemos, por esta simples parábola, a grande dificuldade de colocarmos em prática a verdadeira caridade. A maioria de nós ainda é católico, espírita ou protestante de fachada. Esquecemo-nos de que a salvação da alma não depende da religião que professamos, mas sim, e, unicamente, da caridade que prestarmos ao nosso próximo.

8. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 39. ed., São Paulo, IDE, 1984.

SCHUTEL, C. *Parábolas e Ensinos de Jesus*. 11. ed., São Paulo, O Clarim, 1979.

XAVIER, F. C. *Lázaro Redivivo*, pelo Espírito Irmão X. 6. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1978.

Parábola do Semeador

SUMÁRIO: 1. Introdução. 2. Falar por Parábolas. 3. O Texto Bíblico. 4. A Palavra de Deus. 5. A Casa Mental. 6. Análise das Sementes: 6.1. Semente Atirada ao Longo do Caminho; 6.2. Semente que Cai nos Pedregais e nos Espinheiros; 6.3. Semente que Cai em Terreno Fértil. 7. A Semente e o Espírita. 8. Conclusão. 9. Bibliografia Consultada

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é buscar a essência de cada uma das sementes, narradas pelo evangelista, no sentido de verificar em que grau está a nossa semeadura.

2. FALAR POR PARÁBOLAS

Jesus falava por parábolas para introduzir alguém em novo assunto. Falava exotericamente, de modo obscuro, somente com relação aos aspectos mais abstratos de sua doutrina; quanto à caridade, falava claramente. Com os apóstolos, mais aptos a compreender o alcance de sua doutrina, falava mais abertamente. E, mesmo com estes, não disse tudo.

Por que não dizia toda a verdade, já que era o Mestre dos Mestres?

"Jesus, com sua afirmação, estabelecia o princípio universal que só em nossos dias seria compreendido, de que a Verdade, em qualquer campo que nos situemos, não é tarefa construtiva, mas sim conquista evolutiva. Ele apenas se colocava na posição de Mestre, de quem ensina. E quem ensina não pode ofertar o conhecimento da forma que o possui. Deve, porém, apoiar-se nas intuições de quem o escuta, para, em desenvolvendo os argumentos, trazê-lo paulatina e progressivamente, através da explicação e do exercício, até o ponto que se situa" (Curti, 1982, p. 111).

3. O TEXTO BÍBLICO

"Naquele mesmo dia, Jesus, tendo saído de casa, sentou-se perto do mar; e se reuniu ao seu redor uma grande multidão do povo; por isso ele subiu num barco, onde se sentou, todo o povo estando na margem; e lhes disse muitas coisas por parábolas, falando-lhes desta maneira:

Aquele que semeia, saiu a semear; e, enquanto semeava, uma parte da semente caiu ao longo do caminho, e vindo os pássaros do céu a comeram.

Outra caiu nos lugares pedregosos onde não havia muita terra; e logo nasceu porque a terra onde estava não tinha profundidade. Mas o Sol tendo se erguido em seguida, a queimou; e, como não tinha raízes, secou.

Outra caiu nos espinheiros, e os espinhos, vindo a crescer, a sufocaram.

Outra, enfim, caiu em boa terra, e deu frutos, alguns grãos rendendo cento por um, outros sessenta e outros trinta.

Que ouça aquele que tem ouvidos para ouvir" (Mateus, cap. 13, 1 a 9).

"Escutai vós, pois, a parábola do semeador.

Todo aquele que escuta a palavra do reino e não lhe dá atenção, o espírito maligno vem e arrebatou o que havia sido semeado em seu coração; é aquele que recebeu a semente ao longo do caminho.

Aquele que recebeu a semente no meio das pedras, é o que escuta a palavra, e que a recebe na hora mesmo com alegria; mas não tem em si raízes, e não está senão por um tempo; e quando sobrevêm os obstáculos e as perseguições por causa da palavra, a toma logo como um objeto de escândalo e de queda.

Aquele que recebe a semente entre os espinhos, é o que ouve a palavra; mas em seguida, os cuidados deste século e a ilusão das riquezas sufocam em se essa palavra, e a tornam infrutífera.

Mas aquele que recebe a semente numa boa terra, é aquele que escuta a palavra, que lhe presta atenção e que dá fruto, e rende cento, ou sessenta, ou trinta por um" (Mateus, cap. 12, 18 a 23).

4. A PALAVRA DE DEUS

"A Parábola do Semeador é a parábola das parábolas: sintetiza os caracteres predominantes em todas as almas, ao mesmo tempo que nos ensina a distingui-las pela boa ou má vontade com que recebem as novas espirituais...

A semente é a palavra de Deus, a Lei do Amor, que abrange a Religião e a Ciência, a Filosofia e a Moral, inclusive os "Profetas" e se resume no ditame cristão: "Adora a Deus e faz o bem até aos teus próprios inimigos...

A Palavra de Deus, a "semente", é uma só, quer dizer, é sempre a mesma que tem sido apregoada em toda parte, desde que o homem se achou em condições de recebê-la. E se ela não atua com a mesma eficácia em todos, deriva esse fato da variedade e da desigualdade de Espíritos existentes na Terra; uns mais adiantados, outros mais atrasados; uns propensos ao bem, à caridade, à liberalidade, à fraternidade; outros propensos ao mal, ao egoísmo, ao orgulho, apegados aos bens terrenos, às diversões passageiras" (Schutel, 1979, p. 1 e 2).

5. A CASA MENTAL

Para que possamos melhor entender o alcance desta parábola, convém lembrarmos que o nosso cérebro é dividido em três regiões distintas. Tomemo-lo como se fosse um castelo de três andares:

subconsciente: 1.º andar, onde situamos a residência de nossos impulsos automáticos, simbolizando o sumário vivo dos serviços realizados - **hábitos e automatismos**;

consciente: 2.º andar, localizamos o "domínio das conquistas atuais", onde se erguem e se consolidam as qualidades nobres que estamos edificando - **esforço e vontade**;

superconsciente: 3.º andar, temos a "casa das noções superiores", indicando as eminências que nos cumpre atingir - **ideal e meta superiores** (Xavier, 1977, p. 47).

6. ANÁLISE DAS SEMENTES

6.1. SEMENTE ATIRADA AO LONGO DO CAMINHO

"Em virtude da evolução, o sistema nervoso guarda os elementos que serviram ao seu desenvolvimento. Quando acomodados, entregues ao ócio, ao relaxamento, ao livre curso de nossos impulsos automáticos, a mente opera somente sobre o subconsciente, podendo-nos redespertar forças inferiores, típicas de um estágio mais animalizado. É aí que surgem os vícios, as expressões de violência, de revolta, de cólera, ódio, vingança. As radiações que emitimos são também de poder mais baixo, o que nos estabelece intercâmbio com outras mentes em faixa vibratória correspondente...

A parte da semente jogada ao pé do caminho, que é comida pelas aves, representa a Palavra do Plano Maior recebida, sem que nos modifique, ou sem que nos desperte a ação" (Curti, 1982, p. 103).

6.2. SEMENTE QUE CAI NOS PEDREGAIS E NOS ESPINHEIROS

O pedregal e o espinheiro representam a pouca base de nosso vaso interior para a assimilação da palavra divina. Podemos comparar-nos ao aluno na escola: quando não temos base, não conseguimos acompanhar o restante da classe. A semente, no caso da parábola, está relacionada com a questão intrínseca de *ser* religioso e *ter* uma religião. Ter uma religião é seguir o que o pastor diz, o que o padre prega e o que os tribunos falam. Ser religioso é modificar-se interiormente para as novas verdades. Nesse sentido, o apontamento de Emmanuel é assaz pertinaz, pois diz que "Nas experiências religiosas não é aconselhável repousar alguém sobre a firmeza espiritual dos outros; enquanto o imprevidente descansa em bases estranhas, provavelmente estará tranqüilo, mas, se não possui raízes de segurança em si mesmo, desviar-se-á nas épocas difíceis, com a finalidade de procurar alicerces alheios" (Xavier, 1973, cap. 124).

O Irmão X, em *Pontos e Contos*, conta a história cujo título é o "Semeador Incompleto". Tratava-se de um pregador que ensinava, mas sentia-se incompreendido. Aos poucos foi perdendo o brilho da palavra. Desencarna. Vai ao mundo espiritual como o pregador incompreendido. Depois de algum tempo, recebe a presença do Senhor. Este lhe diz: "Se atiraste tantas sementes a esmo, que fazias do solo? Acreditas que o Supremo Criador conferiu eternidade ao pântano e ao espinheiro? Que dizer do lavrador que planta desordenadamente, que não retira as pedras do campo, nem socorre o brejo infeliz? É fácil espalhar sementes porque os princípios sublimes da vida procedem originariamente da Providência Divina. A preparação do solo, porém, exige cooperação direta do servo disposto a contribuir com o próprio suor" (Xavier, 1978, cap. 22).

6.3. SEMENTE QUE CAI EM TERRENO FÉRTIL

A imagem relativa à semente que caindo no solo fértil produzirá dando frutos: um a cem, outro a sessenta e outro a trinta, no que nos concerne, diz respeito àquela palavra que, em nos encontrando atentos e receptivos, se assenta em fundamentos que nos são próprios, sólidos e bem estruturados.

A semente que cai em terreno fértil pode, também, ser comparada à expansão do nosso "eu", ou seja, quanto mais pessoas comungam com os nossos ideais do bem, tanto mais a semente cresce em fortaleza.

7. A SEMENTE E O ESPÍRITA

Allan Kardec comentando a parábola do semeador diz: "Ela encontra uma aplicação, não menos justa, nas diferentes categorias de espíritas. Não é o emblema daqueles que se apegam senão aos fenômenos materiais, e deles não tiram nenhuma consequência, porque vêem neles senão um objeto de curiosidade? Daqueles que não procuram senão o brilho das comunicações dos Espíritos, e não se interessam por elas senão quando satisfazem sua imaginação, mas que, depois de as ter ouvido, são tão frios e indiferentes quanto antes? Que acham os conselhos muito bons e os admiram, mas deles fazem aplicação nos outros e não em si mesmos? Dos que, enfim, para quem essas instruções são como a semente caída na boa terra e produzem frutos?" (1984, cap. 17, it. 6, p. 226).

8. CONCLUSÃO

Os ensinamentos contidos nesta parábola fazem-nos refletir sobre a função primordial de cada um de nós na potencialização do outro. Assim, se arrotearmos o campo mental daqueles que nos ouvem, estaremos edificando em terra firme, e a palavra divina produzirá a cento por um.

9. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CURTI, R. *Bem-Aventuranças e Parábolas*. São Paulo, FEESP, 1982.
KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 39. ed., São Paulo, IDE, 1984.
SCHUTEL, C. *Parábolas e Ensinos de Jesus*. 11. ed., São Paulo, O Clarim, 1979.
XAVIER, F. C. *Caminho, Verdade e Vida*, pelo Espírito Emmanuel. 6. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1973.
XAVIER, F. C. *No Mundo Maior*, pelo Espírito André Luiz. 7. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1977.
XAVIER, F. C. *Pontos e Contos*, pelo Espírito Irmão X. 4. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1978.

Parábola do Trigo e do Joio

SUMÁRIO: 1. Introdução. 2. O Texto Bíblico. 3. A Semente e o Campo. 4. Vigilância. 5. Deixar o Joio Crescer junto com o Trigo. 6. Explicação da Parábola (por Mateus) sob a Ótica Espírita. 7. A Influência Espiritual. 8. Conclusão. 9. Bibliografia Consultada

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é, com o auxílio da literatura espírita, ampliar a nossa capacidade de interpretar o texto desta parábola, influenciada pelo simbolismo e interposição da dogmática católica.

2. O TEXTO BÍBLICO

"Propôs-lhe outra parábola, dizendo: o reino dos céus é semelhante ao homem que semeia boa semente no seu campo;

mas, dormindo os homens, veio o seu inimigo, e semeou joio no meio do trigo, e retirou-se.

E quando a erva cresceu e frutificou, apareceu também o joio.

E os servos do pai de família, indo ter com ele, disseram-lhe: Senhor, não semeaste tu no teu campo boa semente? Por que tem então joio?

E ele lhes disse: um inimigo é quem fez isso. E os servos disseram: queres pois que vamos arrancá-lo?

Porém ele lhes disse: Não; para que ao colher o joio não arranques também o trigo com ele.

Deixai crescer ambos juntos até à ceifa; e, por ocasião da ceifa, direi aos ceifeiros: colhei primeiro o joio, e atai-o em molhos para o queimar; mas o trigo ajuntai-o no meu celeiro" (Mateus, 13, 24 a 30).

Explicação da Parábola do Joio

"Então, tendo despedido a multidão, foi Jesus para casa. E chegaram ao pé dele os seus discípulos, dizendo: Explica-nos a parábola do joio no campo.

E ele, respondendo, disse-lhes: o que semeia a boa semente é o filho do homem;

O campo é o mundo; e a boa semente são os filhos do reino; e o joio são os filhos do maligno;

O inimigo, que o semeou, é o diabo; e a ceifa é o fim do mundo; e os ceifeiros são os anjos.

Assim como o joio é colhido e queimado no fogo, assim será na consumação deste mundo

Mandarà o filho do homem os seus anjos, e eles colherão do seu reino tudo o que causa escândalo, e os que cometem iniquidade.

E lançá-los-ão na fornalha de fogo; ali haverá pranto e ranger de dentes.

Então os justos resplandecerão como o sol, no reino de seu Pai. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça" (Mateus, 13, 36 a 43).

3. A SEMENTE E O CAMPO

Jesus utilizava-se de uma figura material conhecida para despertar algum conhecimento de ordem moral. O campo mencionado é a Humanidade. O semeador terá de arrotar o campo para que a semente possa frutificar, ou seja, deverá em primeiro lugar preparar coração daquele que depois irá ouvir a palavra divina. O Espírito Irmão X, em *Boa nova*, oferece-nos alguns subsídios para um melhor entendimento. Ele diz: "O discípulo da Boa Nova tem de servir a Deus, servindo à sua obra neste mundo. Ele sabe que se acha a laborar com muito esforço num grande campo, propriedade do Pai, que o observa com carinho e atenta com amor nos seus trabalhos. Imaginemos que esse campo estivesse cheio de inimigos: por toda a parte, vermes asquerosos, víboras peçonhentas, tratos de terra improdutiva. É certo que as forças destruidoras reclamarão a indiferença e a submissão do filho de Deus; mas o filho de

coração fiel a seu Pai se lança ao trabalho com perseverança e boa-vontade. Entrará em luta silenciosa com o meio, sofrer-lhe-á os tormentos com heroísmo espiritual, por amor do reino que traz no coração plantará uma flor onde haja espinho, abrirá uma senda, embora estreita, onde estejam em confusão os parasitos da Terra; cavará pacientemente, buscando as entranhas do solo, para que surja uma gota d'água onde queime um deserto" (Xavier, 1977, p. 47).

Emmanuel, em *Fonte Viva*, tece alguns comentários sobre a noção de campo. Ele nos diz: "Transferindo a imagem para o solo do Espírito, em que tantos imperativos de renovação convidam os obreiros da boa vontade à santificante lavoura da elevação, somos levados a reconhecer que o servidor do Evangelho é compelido a sair de si próprio, a fim de beneficiar corações alheios.

É necessário desintegrar o velho cárcere do "ponto de vista" para nos devotarmos ao serviço do próximo.

Aprendendo a ciência de nos retirarmos da escura cadeia do "eu", excursionaremos através do grande continente denominado "interesse geral". E, na infinita extensão dele, encontraremos a "terra das almas", sufocada de espinheiros, ralada de pobreza, revestida de pedras ou intoxicada de pântanos, oferecendo-nos a divina oportunidade de agir a benefício de todos" (Xavier, cap. 64, s.d.p.).

4. VIGILÂNCIA

Diz a parábola que dormindo os homens, o inimigo se apodera do campo. Aqui é um chamamento à vigilância. E precisamos dela em todos os instantes de nossa vida. É pelo descuido do lavrador que a colheita se perde, é pelo descuido do professor que o aluno se torna ocioso, é pelo descuido da educação que os delinquentes juvenis surgem. Assim, para que o bem se conserve e se dilate haverá necessidade de esforço constante.

"É verdade indiscutível que marchamos todos para a fraternidade universal, para a realização concreta dos ensinamentos cristãos; todavia, enquanto não atingirmos a época em que o Evangelho se materializará na Terra, não será justo entregar ao mal, à desordem ou à perturbação a parte de serviço que nos compete.

Para defender-se de intempéries, de rigores climáticos, o homem edificou o lar e vestiu-se, convenientemente. Semelhante lei de preservação vigora em toda esfera de trabalho do mundo. E no serviço de construção cristã do mundo futuro, é indispensável vigiar o campo que nos compete.

O apostolado é de Jesus; a obra pertence-lhe. Ele virá, no momento oportuno, a todos os departamentos de serviço, orientando as particularidades do ministério de purificação e sublimação da vida, contudo, ninguém se esqueça de que o Senhor não prescinde da colaboração de sentinelas" (Xavier, 1972, cap. 132).

Consultar também o capítulo 21, do livro *Boa Nova*, psicografado por F. C. Xavier.

5. DEIXAR O JOIO CRESCER JUNTO COM O TRIGO

"Quando Jesus recomendou o crescimento simultâneo do joio e do trigo, não quis senão demonstrar a sublime tolerância celeste, no quadro das experiências da vida.

O Mestre nunca subtraiu as oportunidades de crescimento e santificação do homem e, nesse sentido, o próprio mal, oriundo das paixões menos dignas, é pacientemente examinado por seu infinito amor, sem ser destruído de pronto.

Importa considerar, portanto, que o joio não cresce por relaxamento do Lavrador Divino, mas sim porque o otimismo do Celeste Semeador nunca perde a esperança na vitória final do bem...

... O joio surge ameaçando o serviço...

... Jesus, porém, manda aplicar processos defensivos com base na iluminação e na misericórdia. O tempo e a bênção do Senhor agem devagarinho e os propósitos inferiores se transubstanciam.

O homem comum ainda não dispõe de visão adequada para identificar a obra renovadora. Muitas plantas espinhosas ou estéreis são modificadas em sua natureza essencial pelos filtros amorosos do Administrador da Seara, que usa afeições novas, situações diferentes, estímulos inesperados ou responsabilidades ternas que falem ao coração; entretanto, se chega a época da ceifa, depois do tempo de expectativa e observação, faz-se então necessária a eliminação do joio em molhos...

... E, em vista do joio ser atado, aos molhos, uma dor nunca vem sozinha..." (Xavier, 1972, cap. 107).

6. EXPLICAÇÃO DA PARÁBOLA (POR MATEUS) SOB A ÓTICA ESPÍRITA

Na explicação da parábola, o apóstolo Mateus usa as palavras "Anjo", "diabo", "fornalha de fogo" e "ranger de dentes". São termos da teologia dogmática que precisam ser reexaminados sob o ângulo do Espiritismo. Na dogmática católica há alusão ao Céu, ao Inferno e ao Purgatório. Estes termos, de acordo com o Espiritismo, não são lugares circunscritos, uma região fixa no Espaço, mas estados da alma. Nesse sentido, toda e qualquer situação em que nos encontramos podemos estar no céu ou no inferno, pois depende de nossa percepção interior daquilo que se nos apresenta.

Para maiores informações, consultar o livro *Céu e Inferno*, de Allan Kardec.

7. A INFLUÊNCIA ESPIRITUAL

A predominância do maligno faz-nos refletir sobre a influência espiritual de que somos partícipes. Assim:

Vingança, desespero, paixões e desânimo são algumas das causas da fixação mental. Nosso cérebro funciona à semelhança de um dínamo. Dado o primeiro estímulo, interno ou externo, o que passa a contar é a manutenção de nosso pensamento num mesmo teor de idéia. Quanto mais tempo permaneceremos num assunto, mais as imagens do tema se cristalizarão em nosso halo mental.

O **fenômeno da sugestão mental** é oportuno. Emitindo uma idéia, passamos a refletir as que se lhe assemelha. Nesse sentido, somos herdeiros dos reflexos de nossas experiências anteriores, porém, com a capacidade de alterar-lhe a direção. Acionando a alavanca da vontade, poderemos traçar novos rumos para a libertação de nosso espírito.

8. CONCLUSÃO

Vigilância e oração atenuam as investidas do maligno. Através delas, pomo-nos em sintonia conosco mesmos, tornando-nos cada dia mais auto-conscientes. Percebendo claramente nossas reações do cotidiano, criamos condições para arrancar o joio sem prejudicar a colheita do trigo.

9. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

XAVIER, F. C. *Boa Nova*, pelo Espírito Humberto de Campos. 11. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1977.

XAVIER, F. C. *Vinha de Luz*, pelo Espírito Emmanuel. 3. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1972.

XAVIER, F. C. *Fonte Viva*, pelo Espírito Emmanuel. Rio de Janeiro, FEB, s.d.p.

Fé

SUMÁRIO: 1. Introdução. 2. Conceito 3. O Fundamento da Fé. 4. Fideísmo. 5. Razão e Fé. 6. Poder da Fé. 7. Fé Cega ou Raciocinada. 8. Fé Divina e Humana. 9. Fé e Incerteza. 10. Conclusão. 11. Bibliografia Consultada

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é buscar uma compreensão mais ampla da fé, esse sentimento inato que nos pertence e que precisa ser exercitado.

2. CONCEITO

Fé - do latim *fides*. O termo é empregado em muitas acepções que poderiam ser divididas em profanas e religiosas. No *sentido profano*, significa dar crédito na existência do fato, fazer bom juízo sobre alguém, expressar sinceridade no modo de agir etc. Quando o testemunho no qual se baseia a confiança absoluta é a revelação divina, fala-se de Fé no seu *sentido religioso*. A Fé, neste sentido, não é um ato irracional. Com efeito, o espírito humano só pode aderir incondicionalmente a um objeto quando possui a certeza de que é verdadeiro (Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo).

"Ter **fé** é guardar no coração a luminosa certeza em Deus, certeza que ultrapassou o âmbito da crença religiosa, fazendo o coração repousar numa energia constante de realização divina da personalidade. Conseguir a fé é alcançar a possibilidade de não mais dizer "eu creio", mas afirmar: "eu sei", com todos os valores da razão tocados pela luz do sentimento" (Xavier, 1977, pergunta 354).

3. O FUNDAMENTO DA FÉ

A fé não é nem anti-racional e nem a-racional, não desconhece nem renega o saber; funda-se em razões tais que a razão, uma vez consultada, desdobra-se num atestado de confiança de que seria ridículo, e até odioso, estabelecer as provas através de um raciocínio formal. "Não se prova que se deve ser amado expondo por ordem as causas do amor; seria ridículo" como observou Pascal. Mas este amor, fundado na razão, ainda que não sobre raciocínios, é o único que pode realizar em nós a realidade concreta de um ser espiritual, de um ser ele próprio capaz de conhecer e de amar. Eis porque a fé desemboca no mais realista dos saberes (Lalande, 1993).

4. FIDEÍSMO

Teológico - O homem dispõe de um só princípio de conhecimento para as verdades da religião natural: a revelação divina manifestada ao homem através da Tradição; fora desta, a razão humana é apenas fraqueza e erro. Para os protestantes franceses é o dogma da salvação pela fé, independentemente não só das obras como de crenças determinadas.

Filosófico - Os filósofos fideístas são os que fundamentam todo o conhecimento humano numa "fé" mais ou menos sentimental. Só a fé pode apreender a essência das coisas (JERPHAGNON, 1982).

5. RAZÃO E FÉ

A Razão e a Fé pertencem à essência da natureza humana. São, pois, atributos potenciais do Espírito, que se atualizam e se desenvolvem no decurso da Vida, em etapas sucessivas, desde a indiferenciação primitiva até as formas mais bem definidas da consciência, no rumo certo da **entelequia** aristotélica.

"Razão e Fé constituem, portanto, elementos essenciais do Espírito, conjugados em torno de um eixo que é a Vontade. Esta, a Vontade, se representa pelo livre-arbítrio, o princípio da liberdade, sem o qual a Razão de nada serviria e a Fé não teria sentido. Vê-se claramente a natureza sintética do Espiritismo. Todas as antinomias, todas as contradições se resolvem numa visão mais ampla do problema universal. O racionalismo e o empirismo, o positivismo e o idealismo, o materialismo e o espiritualismo, o ontologismo e o existencialismo, e assim por diante encontram o seu delta comum numa visão *gestáltica* ou global do Universo. Não há motivo para as intermináveis disputas a respeito de Razão e Fé, pois ambas pertencem à própria substância do ser, que desprovido de uma delas já não poderia ser.

Fé e Razão estão implícitas na própria destinação dos seres e a Razão se desenvolve, ao mesmo tempo, apoiada na Fé e buscando a Fé. Vice-versa, a Fé serve de apoio à Razão e nela encontra o meio de desenvolver" (Pires, 1983, p. 47).

6. PODER DA FÉ

"O poder da Fé recebe uma aplicação direta e especial na ação magnética; por ela o homem age sobre o fluido, agente universal, lhe modifica as qualidades e lhe dá uma impulsão, por assim dizer, irresistível. Por isso aquele que, a um grande poder fluídico normal junta uma Fé ardente pode, apenas pela vontade dirigida para o bem, operar esses fenômenos estranhos de cura e outros que, outrora, passariam por prodígios e que não são, todavia, senão as conseqüências de uma lei natural. Tal o motivo pelo qual Jesus disse aos apóstolos: se não haveis curado é que não tínheis fé" (Kardec, 1984, cap. 19, it. 5, p. 245).

7. FÉ CEGA OU RACIOCINADA

A Fé é um sentimento inato no indivíduo. A direção desse sentimento pode ser cego ou raciocinado. A Fé cega, não examinando nada, aceita sem controle o falso como o verdadeiro, e se choca, a cada passo, contra a evidência e a razão; levado ao excesso produz o fanatismo. A Fé raciocinada, a que se apoia sobre os fatos e a lógica, não deixa atrás de si nenhuma obscuridade; crê-se porque se está certo, e não se está certo senão quando se compreendeu; eis porque ela não se dobra; porque não há Fé inabalável senão aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da humanidade (Kardec, 1984, cap. 19, it. 6, p. 246).

8. FÉ DIVINA E HUMANA

A Fé é humana e divina. É o sentimento inato, no homem, de sua destinação futura, cujo germe foi depositado nele, primeiro em estado latente, o qual deve crescer por sua vontade ativa. Assim, unindo sua força humana à Vontade Divina poderá realizar os "prodígios" e que não é senão o desenvolvimento das faculdades humanas (Kardec, 1984, cap. 19, it. 12, p. 250).

9. FÉ E INCERTEZA

A dificuldade maior na questão da fé é esperar algo que é incerto. Temos a intuição de que este é o caminho, mas a demora na obtenção do necessário incrusta-nos o desespero. A intuição afirma que devemos perseverar, contudo a espera é difícil. De qualquer forma, temos de continuar, pois desistir no meio do combate, é ficar sem ponto de apoio e sem perspectiva de um futuro mais promissor.

A fé é o nosso grande sustentáculo. Que seria de nossa incerteza, de nossas tribulações sem esse ponto de apoio para sermos reconfortados? Aquele que tem fé vigorosa aceita de

bom grado qualquer extremo, pois, embora esteja no meio da incerteza momentânea, espera que o tempo, o grande arquiteto do universo, possa oferecer as oportunidades para que os seus ideais sejam concretizados.

10. CONCLUSÃO

Não nos esmoreçamos ante a dor do caminho. Se Deus é por nós quem será contra nós? Perseveremos um pouco mais. Quem sabe, se naquele momento em que nos achamos abatidos e desiludidos, não seria o momento oportuno que a divindade escolheu para a mudança de nossa rota na vida?

11. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ÁVILA, F. B. de S.J. *Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo*. Rio de Janeiro, M.E.C., 1967.
JERPHAGNON, L. *Dicionário das Grandes Filosofias*. Lisboa, Edições 70, 1982.
KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 39. ed., São Paulo, IDE, 1984.
LALANDE, A. *Vocabulário Técnico e Crítico de Filosofia*. [tradução de Fátima Sá Correia ... et al.]. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
PIRES, J. H. *Introdução à Filosofia Espírita*. São Paulo, Paidéia, 1983.
XAVIER, F. C. *O Consolador, pelo Espírito Emmanuel*. 7. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1977.

Esperança

SUMÁRIO: 1. Introdução. 2. Conceito de Esperança. 3. Pequeno Escorço Histórico. 4. Abordagens Filosóficas e Religiosas: 4.1. Niilismo; 4.2. Desespero e Presunção; 4.3. Perspectiva do Espiritismo. 5. Virtudes: 5.1. Virtudes Cardeais; 5.2. Virtudes Teológicas. 6. Fé: Mãe da Esperança e da Caridade. 7. Paulo e a Esperança. 8. Conclusão. 9. Bibliografia Consultada

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é mostrar que todo o ser humano, mesmo estando na descrença, na dúvida, na lágrima ou na dilaceração, possui dentro de si uma luz, que lhe indica o futuro, e lhe dá forças para prosseguir a sua jornada terrena.

2. CONCEITO DE ESPERANÇA

Do latim *sperare*. Sentimento que leva o homem a olhar para o futuro, considerando-o portador de condições melhores que as oferecidas pelo presente, de tal sorte que a luta pela vida e os sofrimentos são enfrentados como contingências passageiras, na marcha para um fim mais alto e de maior valor. Do ponto de vista teológico, a Esperança é uma virtude sobrenatural, que leva o homem a desejar Deus, como bem supremo (Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo).

Genericamente, a **esperança** é toda a tendência para um bem futuro e possível, mas incerto. Psicologicamente, tensão própria de quem se sente privado de um bem ardentemente desejado (imperfeições), mas que julga poder alcançar por si mesmo ou por outrem. A esperança diz respeito aos bens árduos e difíceis, porque não dependem apenas da vontade de quem os espera, mas também de circunstâncias ou vontades alheias, e que, por isso, a tornam de algum modo, incerta e falível. Justaposta às esperanças do dia-a-dia, há a grande esperança, ou seja, um vínculo permanente entre a espécie e o seu criador (Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado).

3. PEQUENO ESCORÇO HISTÓRICO

No **pensamento grego**, a palavra *ελπιδ* designava tanto o momento feliz ou infeliz de quem espera. Com Platão, já designa “a grande e bela esperança” num além depois da morte.

No **pensamento romano**, a palavra *spes* designava somente o momento feliz.

Tanto a *ελπιδ* grega como a *spes* romana, mesmo nas suas mais elevadas expressões, jamais atingiram a certeza de um futuro feliz.

Foi a **revelação judaico-cristã** que, ao dar como termo das tensões a posse gratuita e inadmissível do próprio Deus, elevou-a à categoria de uma virtude fundamental da vida cristã. São de assinalar os contributos de Paulo de Tarso, Santo Agostinho, Pedro Abelardo e Duns Escoto para a compreensão do tema.

Porém, foi São Tomás de Aquino, na sua *Summa Teológica*, quem dedicou-lhe exaustivas páginas no sentido de explicar os fundamentos da Esperança e de sua relação com a Fé e a Caridade.

No âmbito da **filosofia moderna**, toda centrada na exploração da subjetividade, o tema foi relegado ao campo das paixões e das emoções. É que diante do domínio racionalista, a fé cristã vê-se amputada dos grandes objetivos de sua dimensão escatológica, de modo que a *spes quae* acaba por ficar reduzida aos aspectos formais do ato de esperar (*spes qua*). As filosofias existencialistas, marxistas e materialistas roubam as expectativas da fé com relação à vida após a morte (Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado).

4. ABORDAGENS FILOSÓFICAS E RELIGIOSAS

4.1. NIILISMO

Na Filosofia Moderna, as injunções dos pensamentos, a busca pela racionalidade e a supremacia da razão levam os indivíduos a decretar a morte de Deus. É a doutrina do nada além desta miserável vida. Esse sistema mata toda a Esperança. Como esperar algo se nada há o que se esperar? É por isso que Paul Sartre falava da náusea e do desespero, antíteses da esperança.

4.2. DESESPERO E PRESUNÇÃO

Santo Tomás de Aquino classifica o desespero e a presunção como pecado, e por isso, o oposto da esperança. O desespero é a pouca confiança em Deus, o amor próprio, o orgulho pessoal. A presunção é achar-se alguém digno de uma posição religiosa vantajosa, sem de fato o ser. Tanto um quanto o outro é contrário ou opõem-se à esperança. Acrescenta ainda que as causas do desespero são os nossos vícios, os quais nos obnubilam. A presunção, por outro lado, está ligada à vaidade. Por fim, diz que a esperança não é uma atitude passiva, mas cheia de vitalidade e de amor (Lain Entralgo, 1984).

4.3. PERSPECTIVA DO ESPIRITISMO

Na perspectiva do Espiritismo — que nos fornece uma dimensão realista da vida futura —, a esperança torna-se uma força inovadora. A expectativa de que a vida continua além-túmulo e que não seremos levados nem para o céu e nem para o inferno, porém, conduzidos de acordo com o peso específico de nosso perispírito, dá-nos confiança sem limite na infinita bondade de Deus. Esta crença induz-nos a estudar com mais afinco, a fim de que possamos servir a Deus com mais conhecimento de causa.

Assim, o Espiritismo dá-nos subsídios para melhor compreender a esperança. Não a esperança beatífica do *dolce far niente*, mas a certeza de que seremos recompensados ou punidos de acordo com o bem ou o mal que fizemos ao nosso próximo. Nesse sentido, todas as nossas dores, os nossos sofrimentos, as nossas renúncias ficam gravadas em nosso subconsciente e servirão como ponto de apoio para o julgamento de nossa própria consciência.

5. VIRTUDES

As **Virtudes** — potências racionais que inclinam o homem para o bem, quer como indivíduo, quer como espécie, quer pessoalmente, quer coletivamente, podem ser divididas em:

5.1. VIRTUDES CARDEAIS

A **virtude moral** predispõe o indivíduo à prática do bem. Há duas ordens de moralidade, a natural e a infusa. Por isso, temos duas espécies de virtudes: adquiridas e infusas. Entre as **virtudes adquiridas**, distinguem-se principalmente quatro: **prudência, justiça, fortaleza e temperança**. Cognominadas de **cardeais** (de **cardo**, gonzo), por ser em redor delas que giram todas as outras, tais como a paciência, a tolerância, a brandura etc.

5.2. VIRTUDES TEOLOGAIS

Entre as **virtudes infusas** estão a **fé**, a **esperança** e a **caridade**, cognominadas de **teologais**, porque não são o produto de uma prática, mas um dom infuso de Deus nos seus filhos.

Assim, a **Esperança** não é o produto de nossa vontade, mas de uma espontaneidade, cujas raízes nos escapam, porque não é ela genuinamente uma manifestação do homem, mas algo que se manifesta pelo homem, porque não encontramos na estrutura da nossa vida biológica, nem da nossa vida intelectual, uma razão que a explique (Santos, 1965).

6. FÉ: MÃE DA ESPERANÇA E DA CARIDADE

A **fé** é um sentimento inato no indivíduo. A direção dada a esse sentimento pode ser cega ou raciocinada. A **fé cega**, não examinando nada, aceita sem controle o falso como verdadeiro, e se choca, a cada passo, contra a evidência e a razão; levada ao excesso produz o **fanatismo**. A **fé raciocinada**, a que se apoia sobre os fatos e a lógica, não deixa atrás de si nenhuma obscuridade; crê-se porque houve

A fé, mãe da **esperança** e da caridade, é filha do sentimento e da razão. Quer dizer, a fé, ao ser movida pelo livre-arbítrio, tem o suporte do sentimento e da razão, que lhe dão garantia de obter o esperado, desde que aja caritativamente. Nesse sentido, o Espírito Emmanuel diz-nos: "A fé é guardar no coração a certeza iluminada de Deus, com todos os valores da razão tocados pelo perfume do sentimento".

A **esperança** e a caridade, como vimos, são filhas da fé. Esta deve velar pelas filhas que tem. Para isso, convém construir a base do edifício em fundações sólidas. A nossa fé tem de ser mais forte do que os sofismas e as zombarias dos incrédulos, porque a fé que não afronta o ridículo dos homens não é a verdadeira fé. Além disso, para que a fé seja proveitosa, deve ser ativa, ou seja, não deve-se entorpecer (Kardec, 1984, cap. 19, it. 11, p. 249).

7. PAULO E A ESPERANÇA

Eis algumas passagens tiradas das Epístolas de Paulo:

"Porque tudo que dantes foi escrito, para nosso ensino foi escrito, para que pela paciência e consolação das Escrituras tenhamos esperança" (Romanos, 15, 4);

"Ora o Deus de esperança vos encha de todo o gozo e paz em crença, para que abundeis em esperança pela virtude do Espírito Santo" (Romanos, 15, 13);

"Tendo por capacete a esperança na salvação" (I Tessalonicenses, 5, 8);

"E assim, esperando com paciência, alcançou a promessa" (Hebreus, 6, 15);

Em I Coríntios 13, Paulo discorre sobre a suprema excelência da caridade. Depois de tecer comentários sobre a parte e o todo, ele diz: "Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e a caridade, estas três, mas a maior destas é a caridade" (I Coríntios, 13, 13)

O Espírito Emmanuel, nos livros *Vinha de Luz*, *Fonte Viva* e outros do gênero, comenta vários desses versículos. Dos seus comentários, anotamos:

1) "Nem todos têm o vô da fé, nem todos podem oferecer o pão do corpo, mas ninguém está impedido de espalhar os benefícios da esperança" (Vinha de Luz, 75);

2) "A ignorância pede instrutores, a dor reclama enfermeiros, o desespero suplica orientadores. Se algemamos o coração ao modo de trabalhar em benefício coletivo, como encontrar serviço feito que tranqüilize e ajude a nós mesmos?" (Vinha de Luz, 31);

3) "Jesus espera por nós. É preciso evitar o pessimismo crônico e renovar atitudes mentais na obra a que fomos chamados, aprendendo a confiar no Divino Poder que nos dirige" (Vinha de Luz, 86);

4) "Quando pois te encontrares em luta imensa, recorda que o Senhor te conduziu a semelhante posição de sacrifício, considerando a probabilidade de tua exaltação, e não te esqueças de que toda a crise é fonte sublime de espírito renovador para os que sabem ter esperança" (Vinha de Luz, 58);

4) "O capacete é a defesa da cabeça em que a vida situa a sede de manifestação do pensamento e Paulo não podia lembrar outro símbolo mais adequado à vestidura do cérebro cristão, além do capacete da esperança na salvação" (Fonte Viva, 94);

6) "Aguarda as surpresas do tempo, agindo sem precipitação. Não te esqueças de que o êxito seguro não é de quem o assalta, mas sim daquele que sabe agir, perseverar e esperar por ele" (Fonte Viva, 103);

7) "Lembremo-nos: contribuir para que a coletividade aprenda a pensar na extensão do bem é colaborar para que se efetive a sintonia da mente terrestre com a Mente Divina" (Fonte Viva, 144);

8) Antes de alcançar a esperança, o sonho, o projeto, é necessário liquidar com paciência as dívidas que contraímos perante a LEI" (Fonte Viva, 129).

8. CONCLUSÃO

A Esperança, sendo algo infuso, faz com que o nosso pensamento ultrapasse tempo e espaço e penetre na imensidão do espaço infinito. Assim, de posse desta virtude, esquecemo-nos momentaneamente das dores, dos sacrifícios, das doenças, das dificuldades e lembramo-nos somente da felicidade regida pela paz e tranqüilidade de nossas tensões. Isso não é utopia, é a dimensão do eu que se transcende a si mesmo rumo à espiritualidade superior.

9. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ÁVILA, F. B. de S.J. *Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo*. Rio de Janeiro, M.E.C., 1967.
Bíblia Sagrada, traduzida por João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro, Sociedade Bíblica do Brasil, 1966
KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 39. ed., São Paulo, IDE, 1984.
LAIN ENTRALGO, P. *La Espera y la Esperanza: Historia y Teoría del Esperar Humano*. 2. ed., Alianza Editorial Madrid, 1984.
Polis - Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado.
SANTOS, M. F. dos. *Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais*. 3. ed., São Paulo, Matese, 1965.
XAVIER, F. C. *Fonte Viva*, pelo Espírito Emmanuel. Rio de Janeiro, FEB, s.d.p.
XAVIER, F. C. *Vinha de Luz*, pelo Espírito Emmanuel. 3. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1971.

Caridade

SUMÁRIO: 1. Introdução. 2. Conceito. 3. Noção de Caridade. 4. Discernimento para a Ação. 5. Necessidade da Caridade Segundo Paulo. 6. Fora da Caridade não há Salvação. 7. Caridade Moral e Caridade Material. 8. A Caridade Desconhecida. 9. Conclusão. 10. Bibliografia Consultada

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é analisar os princípios que regem a prática da caridade, no sentido de ampliar a nossa noção acerca desta palavra, desgastada pela repetição excessiva.

2. CONCEITO

Caridade - do latim *caritas* (amor), de *carus* (caro, de alto valor, digno de apreço, de amor). Identifica-se hoje, freqüentemente, a caridade com um afeto piegas que se traduz por gestos de assistência paternalista. O termo evoca, imediatamente, a idéia de esmola, tanto que a expressão viver de caridade pública, significa viver de esmolas. No entanto, caridade é algo bem mais profundo (Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo).

Etimologicamente, **caridade** sugere dom, preciosidade, intimidade. De fato, caridade é oblação, virtude, atitude de comunhão. Mais ainda, é vida. Por isso mesmo, comporta exigências e é objeto de preceito. Refletimo-la em perspectiva cristã, pois de realidade eminentemente cristã se trata.

Pode identificar-se com amor se este está despido de ambigüidades. Supera, em objeto e motivação, a filantropia. Relaciona-se proximamente com a justiça enquanto esta é, primeiro que tudo, justificação e inculca *ordem* na comunhão de caridade, impedindo que esta degenera em confusão. A sua área coincide em grande parte com a graça, pois tanto o ser do homem que esta atinge e sobrenaturaliza como as faculdades e ações que aquela beneficia e dinamiza constituem uma mesma e única realidade pessoal (Polis - Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado).

Definição de **Caridade**: "Não olvides que a caridade é o coração no teu gesto" (Emmanuel).

3. NOÇÃO DE CARIDADE

A noção de caridade está posta na parábola do bom samaritano. (Lucas cap. 10, 25 a 37) Nela narra-se que "Um homem, que descia de Jerusalém para Jericó, caiu nas mãos de ladrões que o despojaram, cobriram-no de feridas e se foram, deixando-o semi-morto. Aconteceu, em seguida, que um sacerdote descia pelo mesmo caminho e tendo-o percebido passou do outro lado. Um levita, que veio também para o mesmo lugar, tendo-o considerado, passou ainda do outro lado. Mas um Samaritano que viajava, chegando ao lugar onde estava esse homem, e tendo-o visto, foi tocado de compaixão por ele. Aproximou-se, pois, dele, derramou óleo e vinho em sua feridas e as enfaixou; e tendo-o o colocado sobre seu cavalo, conduziu-o a uma hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte, tirou duas moedas e as deu ao hospedeiro, dizendo: Tende bastante cuidado com este homem, e tudo o que spenderdes a mais, eu vos restituirei no meu regresso".

A caridade está simbolizada na ação do samaritano que, embora menos esclarecido que os outros, quanto à lei de Deus, concretiza o auxílio.

4. DISCERNIMENTO PARA A AÇÃO

Da definição de Emmanuel, deduz-se, por analogia, que a "Caridade é o amor em ação". Assim, cabe-nos povoar a mente de pensamentos de amor. Não somente para cultivá-los dentro de nós, mas para convertê-los em gestos de amor. Todo o conhecimento do Espírito requer esforços de pesquisas, de estudos, de meditação constante. Contudo, se todo esse esforço não redundar em ação benéfica, ele torna-se inútil. "O exercício, a prática, a realização de obras que o conhecimento preconiza, são os que o consagram, consolidam suas conquistas, abrem-lhe caminho para novas aquisições, novas reformulações, os que estabelecem mútuo revigoramento, que a todos faz crescer. Permanecer adstrito às aquisições de conhecimentos, sem a correspondente realização de obras, é dirigir-se para a inutilidade, afastar-se da realidade, adentrar-se nos domínios da fantasia; é construir falsos valores para a possibilidade de se melhorar" (Curti, 1981, cap. 11, p. 110).

5. NECESSIDADE DA CARIDADE SEGUNDO PAULO

"Ainda que eu falasse todas as línguas do homens, e mesmo a língua dos anjos, se não tivesse caridade não seria senão como um bronze sonante, e um címbalo retumbante; e quando eu tivesse o dom da profecia, penetrasse todos os mistérios, e tivesse uma perfeita ciência de todas as coisas; quando tivesse ainda toda a fé possível, até transportar montanhas, se não tivesse caridade eu nada seria. E quando tivesse distribuído meus bens para alimentar os pobres, e tivesse entregue meu corpo para ser queimado, se não tivesse caridade, tudo isso não me serviria de nada.

A caridade é paciente; é doce e benfazeja; a caridade não é invejosa; não é temerária e precipitada; não se enche de orgulho; não é desdenhosa; não procura seus próprios interesses; não se melindra e não se irrita com nada; não suspeita mal; não se regozija com a injustiça, mas se regozija com a verdade; tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre.

Agora, essas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade permanecem; mas, entre elas, a mais excelente é a caridade" (São Paulo, 1.^a Epístola aos Coríntios, cap. 13, 1 a 7 e 13).

Allan Kardec comentando essa passagem evangélica diz que Paulo compreendeu tão bem essa verdade que "coloca a caridade acima mesmo da fé, porque a caridade está ao alcance de todo o mundo, do ignorante e do sábio, do rico e do pobre, e porque independe de toda crença particular" (1984, p. 201).

6. FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

A máxima "fora da caridade não há salvação" apoia-se sobre um princípio universal e abre a todos os filhos de Deus acesso à felicidade suprema: é a consagração do princípio da igualdade diante de Deus e da liberdade de consciência; com esta máxima por regra, todos os homens são irmãos, e, qualquer que seja sua maneira de adorar a Deus, eles se estendem as mãos e oram uns pelos outros.

Na máxima "fora da caridade não há salvação" estão contidos os destinos dos homens na Terra e no céu; na Terra, porque à sombra desse estandarte eles viverão em paz; no céu, porque aqueles que a tiverem praticado, encontrarão graça diante do Senhor (Kardec, 1984, cap. 15, it. 8 a 10, p. 201 a 203).

7. CARIDADE MORAL E CARIDADE MATERIAL

A caridade pode ser feita de muitas maneiras: por pensamentos, palavras e ações

Em **pensamentos** — orando pelos pobres abandonados que morreram sem ter podido mesmo ver a luz;

Em **palavras** — dirigindo palavras de ânimo aos irritados pelo desespero, às crianças e aos velhos descrentes de Deus;

Em **ações** — doando nosso tempo, nossos recursos financeiros, nossa boa vontade para os nossos semelhantes.

A caridade material, que consiste em fornecer roupas, alimentos e recursos financeiros aos mais necessitados não é tão difícil.

A caridade moral, porém, já é mais difícil, porque consiste em suportarmos-nos uns aos outros. Há, assim, grande mérito em calarmos-nos para deixarmos falar um mais tolo; sabermos ser surdos quando uma palavra de zombaria escapa de uma boca habituada a escarnecer (Kardec, 1984, cap. 13, it. 9 e 10, p. 173 a 175).

8. A CARIDADE DESCONHECIDA

"Um sincero devoto da Lei foi exortado por determinações do Céu ao exercício da beneficência; entretanto, vivia em pobreza extrema e não podia, de modo algum, retirar a mínima parcela de seu salário para o socorro aos semelhantes... Magoava-lhe o coração a impossibilidade de distribuir agasalho e pão com os andrajosos e famintos à margem de sua estrada... Reconheceu, todavia, que, se lhe era vedado o esforço na caridade pública, podia perfeitamente guerrear o mal, em todas as circunstâncias de sua marcha pela Terra...

... Assim é que passou a extinguir, com incessante atenção, todos os pensamentos inferiores que lhe eram sugeridos; quando em contato com pessoas interessadas na maledicência, retraía-se, cortês, e, em respondendo a alguma interpelação direta, recordava essa ou aquela pequena virtude da vítima ausente; se alguém, diante dele, dava pasto à cólera fácil, considerava a ira como enfermidade digna de tratamento e recolhia-se à quietude... Era tão fortemente minucioso que chegava a retirar detritos e pedras da via pública, para que não oferecessem perigo aos transeuntes...

... Nessa posição, a morte buscou-o ao tribunal divino, onde o servidor humilde compareceu receoso e desalentado. Temia o julgamento das autoridades celestes, quando, de improviso, foi aureolado por brilhante diadema, e, porque indagasse, em lágrimas, a razão do inesperado prêmio, foi informado de que a sublime recompensa se referia à sua triunfante posição na guerra contra o mal, em que se fizera valoroso empreiteiro" (Xavier, 1966, cap. 20).

9. CONCLUSÃO

A caridade, esse sentimento interior, que no parecer de Paulo é mais excelente do que a fé e a esperança, deve ser diariamente praticada. Dar de comer a que tem fome, no exato momento que a pessoa está com fome, vale mais do que a multidão palavras que estimulam a paciência e a resignação.

10. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ÁVILA, F. B. de S.J. *Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo*. Rio de Janeiro, M.E.C., 1967.
CURTI, R. *Espiritismo e Reforma Íntima*. 3. ed., São Paulo, FEESP, 1981.
Polis - Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado. Lisboa/São Paulo, Verbo, 1986.
XAVIER, F. C. *Jesus no Lar*, pelo Espírito Néio Lúcio. 5. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1966.

Pena de Morte

SUMÁRIO: 1. Introdução. 2. Conceito. 3. Histórico. 4. Pena De Morte, Uma Questão Controvertida. 5. O Homicídio. 6. Contribuição do Espiritismo. 7. Conclusão. 8. Bibliografia Consultada.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é mostrar que o Espiritismo, que é um libertador de consciências, pode ser usado como um poderoso veículo para a reeducação da personalidade humana delinqüida.

2. CONCEITO

Pena – do gr. *poine*, pelo lat. *poena* significa castigo, punição. **Pena de morte** significa, assim, a punição máxima imposta pelo Estado aos crimes considerados hediondos. Foi instituída com a finalidade de eliminar o delinqüente da sociedade.

3. HISTÓRICO

A **pena de morte**, grave problema ligado à conceituação dos direitos humanos, existe há muito tempo. O Código de Hamurabi (1750 a.C.) e o Código Draconiano da Grécia Antiga são suficientes para mostrar que a morte era o castigo indicado para diversos crimes cometidos naquela época.

No **âmbito do Velho Testamento**, há prescrição de morte para mais de 30 tipos diferentes de crime, desde o assassinato até a fornicação. O “Levítico”, terceiro livro do “Pentateuco”, relaciona as faltas pelas quais se deveria apedrejar ou decapitar os culpados; o povo judeu, aliás, desde os tempos de sua formação castigava com morte a idolatria, a infidelidade, a pederastia e o homicídio. Moisés, por exemplo, provocou uma verdadeira hecatombe, ao tomar conhecimento do culto ao Bezerro de Ouro.

A **dimensão do Novo Testamento** é visualizada pela presença de Jesus, o arauto da Boa Nova, e como tal, combatente da pena de morte. Isso, contudo, não o eximiu de morrer na cruz, em virtude de sua condenação pelos doutores da lei. Quer dizer, o Novo Testamento não corrige legalmente essas normas jurídicas. O que faz é destacar um novo **espírito de caridade e amor** que deve levar à superação de toda a vingança e de todo o castigo. Enfim, Jesus contrapõe à lei do talião o amor pelos inimigos.

A Idade Média foi pródiga em execuções: delinqüentes comuns eram executados na roda ou por enforcamento, hereges queimados vivos, nobres e militares decapitados e criminosos políticos esquartejados. A *Inquisição* eliminava todo aquele que representasse um perigo para a manutenção de sua instituição. Realmente, um período negro de nossa história, em que a crítica e a reflexão filosófica ficaram obscurecidas, cedendo lugar às injunções do absolutismo estatal.

A Idade Contemporânea é caracterizada pela presença de diversos filósofos e pensadores. Montesquieu e Voltaire (e com este os enciclopedistas) condenaram a tortura e os julgamentos sumários. Cesare beccaria, humanista italiano, no livro “Dos Direitos e das Penas” (1764), pede simplesmente a anulação da pena de morte, por considerá-la bárbara e inútil. As idéias de Beccaria frutificaram lentamente. Hoje, apesar de muitos países adotarem a pena de morte, reflete-se mais criticamente sobre a legitimidade desse tipo de condenação (Idígoras, 1983).

4. PENA DE MORTE, UMA QUESTÃO CONTROVERTIDA

A pena de morte é uma das mais controvertidas questões dos nossos dias, ou seja, a de saber se a sociedade tem o direito de privar da vida um criminoso.

Entre os **argumentos a favor**, citam-se: há crimes tão hediondos que só a morte resolve; a sociedade não deve trabalhar para sustentar os facínoras; só a pena de morte tem valor exemplativo bastante para coibir a brutalidade humana.

Entre os **argumentos contra**, citam-se: ninguém tem o direito de privar o outro da vida; a prisão perpétua tem suficiente poder de coerção da criminalidade, oferecendo, além disto, a vantagem da plena recuperação do criminoso (Ávila, 1967).

5. O HOMÍCIDIO

Cientistas sociais do mundo todo vêm se preocupando com a pena de morte. Nos Estados Unidos, país que mais aplica essa alternativa, há estudos estatísticos relacionando os efeitos da *pena de morte* sobre os índices de *homicídios* em uma sociedade. A **inibição** e a **brutalização** são as suas hipóteses de trabalho. Na primeira, querem verificar se o risco da execução induz os possíveis assassinos a desistirem do crime pelo receio do castigo; na segunda, se a convicção da condenação leva certas pessoas a considerá-la uma atraente alternativa ao suicídio.

Esses cientistas, nos Estados Unidos, para comprovar uma das duas teorias, utilizaram dois métodos de pesquisa: o **método comparativo** e o **método de análise por série temporal**. No método comparativo, tentam controlar as demais variáveis analisando os Estados vizinhos, com e sem pena de morte. No método de análise por série de tempo, estudam um só Estado ao longo de períodos extensos, no sentido de observarem a variação dos homicídios no momento em que eles adotam a pena de morte e deixam de utilizá-la. Os resultados a que chegaram são insuficientes para determinar com segurança se uma das teorias é correta.

O resultado inconclusivo das pesquisas revela a enorme dificuldade, de ordem metodológica, em se isolar a variável pena de morte das outras que afetam as taxas de criminalidade, como desempenho econômico, fatores demográficos, índices de urbanização, características histórico-culturais e graus de qualidade dos agentes impositores da lei (Folha de São Paulo, 31/10/93, p. 1-9).

6. CONTRIBUIÇÃO DO ESPIRITISMO

Os números estatísticos mostram os efeitos. Mas a causa da criminalidade fica obscura. Somente um estudo acurado da personalidade humana pode oferecer-nos uma pista segura ao entendimento da questão. Nesse sentido, a crença na existência e preexistência da alma tem grande peso. Pela teoria da reencarnação, o criminoso é um ser que traz dentro de si uma **tendência ao crime**. E é essa tendência (causa) que deve ser modificada, a fim de eliminar o efeito.

O mundo é violento porque somos violentos. E há maior violência do que matar alguém legalmente? Não é a Lei de talião, da Antiguidade, com outra roupagem? Precisamos repensar os critérios de justiça aplicados aos delinquentes. Se a justiça estiver sendo demasiadamente influenciada pelos usos e costumes da atualidade, dificilmente teremos condições de vislumbrar os matizes de uma justiça mais excelsa e divina.

O Espírito Irmão X, no capítulo 21 do livro *Cartas e Crônicas*, psicografado por Francisco Cândido Xavier, tece alguns comentários sobre o assunto, baseando-se na avaliação dos Espíritos desencarnados. Diz-nos, que para os que estão além-túmulo, o problema de subtrair o corpo ao Espírito que se fez criminoso é contra a lei natural, no sentido de que a execução de uma sentença de morte, na maioria dos casos, é a libertação prematura da alma que se arrojou ao despenhadeiro da sombra. Lembra-nos, ainda, que um assassinado quando não possui energia suficiente para desculpar a ofensa e esquecê-la, habitualmente passa o

obsidiar aqueles que lhe arrancaram a vida, transformando-se em quisto vivo de fermentação da discórdia e da indisciplina.

Orienta-nos, ainda para a **reeducação do delinqüente**. Se locupletássemos as nossas prisões com livros educativos, palestras edificantes e tratamentos específicos da personalidade humana, estaríamos contribuindo eficazmente para a solução da questão criminal. Como educar com êxito tirando a vida do malfeitor? É preciso que ele fique no “campo das causas”, a fim de melhor refletir sobre a sua condição. Com isso adquirirá forças psicológicas suficientes para enfrentar as provações que o esperam. E quanto mais tempo permanecer no “campo das causas”, mais oportunidades terá de consertar e reajustar, melhorando as conseqüências (1974).

7. CONCLUSÃO

O binômio *pena de morte-homicídio* somente terá uma solução satisfatória quando a humanidade atingir um estado de perfeição mais evoluído. Nesse novo *status quo*, cada indivíduo responsabilizar-se-á por si mesmo, eliminando naturalmente a causa que engendra os crimes hediondos.

Lembremo-nos de que o progresso é inexorável. Cuidemos, pois, de não subtrair a vida de um criminoso. Há sempre a possibilidade de o indivíduo, mesmo confinado numa prisão, ser despertado pelos atos de fraternidade de seus semelhantes.

8. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ÁVILA, F. B. de S.J. *Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo*. Rio de Janeiro, MEC, 1967.
IDÍGORAS, J. L. *Vocabulário Teológico para a América Latina*. São Paulo, Edições Paulinas, 1983.
XAVIER, F. C. *Cartas e Crônicas*, pelo Espírito Irmão X. 3. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1974.
Folha de São Paulo, 31/10/93, pág. 1-9.

Desigualdade das Riquezas

SUMÁRIO: 1. Introdução. 2. Conceito. 3. Histórico. 4. Doutrina Comunista e Igualdade de Renda. 5. Estatística sobre a Distribuição de Renda. 6. Desigualdade e Reencarnação. 7. Desigualdade e Diversidade de Aptidões. 8. Prova da Riqueza e da Pobreza. 9. Riqueza para o Céu. 10. Conclusão. 11. Bibliografia Consultada.

1. INTRODUÇÃO

Por que uns são ricos e outros são pobres? Por que uns ganham 5.000 dólares ao ano enquanto outros 500? Por que a sorte sorri para uns e fecha a cara para os outros? Por que uns nascem em berço de ouro e outros numa choupana? Estas são algumas, das muitas questões, que ainda não encontramos uma resposta satisfatória. Nosso propósito é, pois, refletir sobre estas questões, analisando-as sob a ótica espírita.

2. CONCEITO

Riqueza - de *rico*, que vem da raiz gótica *riks*. É o conjunto de bens, materiais ou imateriais, exteriores ao homem, que contribuem para o seu bem-estar, individual ou coletivo, direta ou indiretamente, para que é indispensável que sejam possuídos, ou, pelo menos, usados pelo homem (Polis Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado).

Em *sentido lato* é tudo quanto pode satisfazer uma necessidade ou um desejo.

Em *sentido restrito*, são os bens ou *riquezas*, que têm um valor econômico, que são, por isso, chamados de *bens econômicos*.

Diz-se mais *restritamente* a abundância de riquezas (Santos, 1965).

3. HISTÓRICO

Ao longo do tempo histórico e até o limiar da época moderna, só era tida como riqueza a posse de bens materiais (como casas, terras e certos objetos mais úteis); com o incremento da atividade comercial dos princípios da Idade Média, o *dinheiro* adquiriu, também e definitivamente, o estatuto de riqueza a ponto de se tornar o seu sinônimo para a generalidade das pessoas, passando a sua *acumulação* a ser um dos principais objetivos das atividades econômicas e que mais caracterizou o fenômeno capitalista. É que o dinheiro ganhou uma autonomia de movimento, produtora de toda a espécie de *mais-valia*, conducentes ao enriquecimento. Em economia, no entanto, nem só o dinheiro e os outros bens materiais são englobados no conceito de riqueza; nela são incluídos, ainda, todos os fatores de produção e o produto acabado, as reservas acumuladas, os recursos naturais, as infra-estruturas etc. (Polis Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado).

Os primeiros economistas davam ao termo *riqueza* um sentido muito geral. Turgot intitulou o seu tratado *Reflexões sobre a Formação e a Distribuição de Riquezas*; Adam Smith deu à sua célebre obra (1776) a designação de *Pesquisa sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações*. No tempo de Turgot e Adam Smith tinha-se em mente enriquecer o povo e formar estados opulentos; modernamente, foi-se substituindo o termo *riqueza* pelo de "bens".

Assim, o tema a que os antigos economistas chamavam "distribuição de riquezas" é aquilo de que mais tarde se ocuparam os cultores da ciência sob a designação de "distribuição de rendimentos" (Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira).

4. DOCTRINA COMUNISTA E IGUALDADE DE RENDA

Marx, em seu materialismo histórico, prevê o surgimento do comunismo como a síntese perfeita da evolução materialista da sociedade, onde não haverá barreiras de classe, onde não haverá exploração do homem pelo homem, nem mesmo poder estatal sobre o indivíduo; em que os recursos produtivos serão de posse comum; onde a escassez será superada e haverá uma abundância de riqueza material. Em termos do nosso estudo, pressupõe a igualdade da renda.

Mas, será possível essa igualdade absoluta? Ela já existiu?

Auxiliemo-nos, porém, da utilidade marginal da renda para aclarar nossas idéias. De acordo com essa teoria, a igualdade de utilidade marginal não implica rendas iguais. Importa apenas a maximização da utilidade social. Isso significa que cada um de nós, por sermos diferentes, precisamos de diferentes níveis de renda. Para que quer renda o eremita no deserto?

As rendas deveriam ser iguais somente se todos os homens fossem semelhantes. Mas como isso é impossível, precisamos encontrar um grau ótimo de desigualdade, pois à medida que nos afastamos deste ideal imaginário em outra direção, no sentido de maior desigualdade, perdemos a democracia, a fraternidade, o interesse e responsabilidade de todos por todos, que é o que faz a organização tolerável.

Em termos monetários, o princípio evangélico "àquele que tem dar-se-lhe-á" deveria ser substituído por "aquele que mais desfruta o que tem, mais se lhe dará". Numa sociedade em que os indivíduos são dessemelhantes em face das inclinações das curvas de sua utilidade marginal, presumindo que as utilidades marginais de indivíduos diferentes sejam mais ou menos as mesmas para níveis de subsistência de renda, então um aumento na renda total da sociedade resultaria em distribuição mais desigual, visto como o aumento de renda iria principalmente para aqueles que mais desfrutarão (Bouding, 1967, p. 107 a 111).

5. ESTATÍSTICA SOBRE A DISTRIBUIÇÃO DE RENDA

Os dados abaixo relacionados (referentes ao período de outubro de 1990 a outubro de 1991) revelam a disparidade de renda existente no Brasil e no mundo:

- o salário no Brasil varia de 1/100; no Japão, de 1/10;
- a renda **per capita** no Brasil é US\$ 2.550; na Suíça é US\$ 30.270;
- 20% dos mais ricos, no Brasil, ganham 26 vezes mais do que os 20% mais pobres;
- o Brasil é a 8ª economia em termos de Produto Interno Bruto (PIB) e 70ª quanto ao Índice de Desenvolvimento Humano;
- os 10% mais ricos, no Leste Europeu, recebem 7 vezes mais do que os 10% mais pobres (Estado de São Paulo, 1992, p.12).

6. DESIGUALDADE E REENCARNAÇÃO

De que maneira a Doutrina Espírita pode auxiliar-nos na compreensão da desigualdade de renda apontada acima? O princípio da reencarnação, adotado pelo Espiritismo, é um forte argumento, que pode oferecer-nos alguma pista. É possível que os Espíritos que ora estão encarnados neste país já tenham vivido nos outros países mais desenvolvidos. Como não souberam utilizar a riqueza em favor do próximo, foram enviados para esta região para se reequilibrarem na lei do amor, passando pela prova da pobreza.

A reencarnação mostra a justiça divina. No que tange à riqueza, todos passaremos por ela, quer seja nesta vida ou em outras.

7. DESIGUALDADE E DIVERSIDADE DE APTIDÕES

"A desigualdade das riquezas é um desses problemas que se procura em vão resolver, se não se considera senão a vida atual. A primeira questão que se apresenta é esta: Por que todos os homens não são igualmente ricos? Não o são por uma razão muito simples: *é que eles não são igualmente inteligentes, ativos e laboriosos para adquirir, nem moderados e previdentes para conservar*. Aliás, é um ponto matematicamente demonstrado que a fortuna, igualmente repartida, daria a cada qual uma parte mínima e insuficiente; que, supondo-se essa repartição feita, o equilíbrio estaria rompido em pouco tempo, pela diversidade de caracteres e das aptidões" (Kardec, 1984, cap. 16, it. 8, p. 210).

8. PROVA DA RIQUEZA E DA POBREZA

Pergunta 815. Qual dessas duas é a mais perigosa para o homem, a da desgraça ou a da riqueza?

— Tanto uma quanto a outra. A miséria provoca a lamentação contra a Providência, a riqueza leva a todos os excessos.

Pergunta 816. Se o rico sofre mais tentações, não dispõe também de mais meios para fazer o bem?

— É justamente o que nem sempre faz; torna-se egoísta, orgulhoso e insaciável; suas necessidades aumentam com a fortuna e julga não ter o bastante para si mesmo.

Comentário de Kardec: "A posição elevada no mundo e a autoridade sobre os semelhantes são provas tão grandes e arriscadas quanto a miséria; porque quanto mais o homem for rico e poderoso mais obrigações tem a cumprir, maiores são os meios de que dispõe para fazer o bem e o mal. Deus experimenta o pobre pela resignação e o rico pelo uso que faz de seus bens e do seu poder. A riqueza e o poder despertam todas as paixões que nos prendem à matéria e nos distanciam da perfeição espiritual. Foi por isso que Jesus disse: "Em verdade vos digo, é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do um rico entrar no reino dos céus"" (1995, p. 306)

9. RIQUEZA PARA O CÉU

"Quem se aflige indebitamente, ao ver o triunfo e a prosperidade de muitos homens impeditos e egoístas, no fundo dá mostras de inveja, revolta, ambição e desesperança. É preciso que assim não seja!

Afinal, quem pode dizer que retém as vantagens da Terra, com o devido merecimento?

Se observarmos homens e mulheres, despojados de qualquer escrúpulo moral, detendo valores transitórios do mundo, tenhamos, ao revés, pena deles.

A palavra do Cristo é clara e insofismável. — "Amontoa tesouros no Céu" — disse-nos o Senhor.

Isso quer dizer "acumulemos valores íntimos para comungar a glória eterna!"

Efêmera será sempre a galeria de evidência carnal.

Beleza física, poder temporário, propriedade passageira e fortuna amoadada podem ser simples atributo da máscara humana, que o tempo transforma, infatigável.

Amealhemos bondade e cultura, compreensão e simpatia.

Sem o tesouro da educação pessoal é inútil a nossa penetração nos céus, porquanto estaríamos órfãos de sintonia para corresponder aos apelos da Vida Superior.

Cresçamos na virtude e incorporemos a verdadeira sabedoria, porque amanhã serás visitado pela mão niveladora da morte e possuirás tão somente as qualidades nobres ou aviltantes que houveres instalado em ti mesmo" (Xavier, cap. 177, s.d.p.).

10. CONCLUSÃO

Tenhamos cuidado com o excessivo desejo de posse; reflitamos, primeiro, sobre os pressupostos espíritas. Eles foram codificados para auxiliar o pensamento do homem, a fim de que este se liberte das paixões materiais, conduzindo-o à conquista dos bens espirituais, os únicos que poderá levar ao partir para a vida dos Espíritos.

11. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- Polis - Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado*. Lisboa/São Paulo, Verbo, 1986.
SANTOS, M. F. dos. *Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais*. 3. ed., São Paulo, Matese, 1965.
Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa/Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, s.d. p.
BOULDING, K. E. *Princípios de Política Econômica*. São Paulo, Meste Jou, 1967.
Jornal o Estado de São Paulo, 18/05/92.
KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 39. ed., São Paulo, IDE, 1984.
KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. 8. ed., São Paulo, FEESP, 1995.
XAVIER, F. C. *Fonte Viva*, pelo Espírito Emmanuel. Rio de Janeiro, FEB, s.d.p.

Toxicomania

SUMÁRIO: 1. Introdução. 2. Conceito. 3. Toxicomania e Droga. 4. Atuação dos Psicotrópicos no cérebro. 5. Produção e Consumo de Drogas. 6. O Alcoolismo: 6.1. Estatística; 6.2. Prevenção e Tratamento. 7. Veneno Livre. 8. Alcoolismo, tabagismo e Espiritismo. 9. Conclusão. 10. Bibliografia Consultada

1. INTRODUÇÃO

O homem tem, desde tempos imemoriais, se utilizado das drogas, tanto as estimulantes como as depressoras, para alterar o seu humor, a sua mente e as suas sensações. Mas quais as razões que estão por detrás desta busca? Serão de ordem material? Espiritual? Ou ambas? Qual o enfoque espírita para o encaminhamento deste problema social?

2. CONCEITO

Toxicomania - do gr. *tocsicon* = veneno + *mania* = loucura, demência. É a escravização ao uso de entorpecentes. Há entorpecentes naturais, retirados de vegetais, e sintéticos, produzidos pela Química moderna. Os mais conhecidos são: o ópio, resultante da coagulação do suco de algumas espécies de papoulas; a coca, extraída de plantas eritrofiláceas; a maconha, neconha, diamba ou liamba, que é retirada da resina produzida pela floração e frutos do cânhamo "cannabis sativa". Segundo sua classificação química, os entorpecentes podem ser classificados em três grandes grupos: os alcalóides (drogas alucinógenas), os barbitúricos (drogas depressoras) e as anfetaminas (drogas estimulantes) (Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo).

3. TOXICOMANIA E DROGA

Eliminando-se as drogas, elimina-se o problema? É preciso ser desfeita a impressão de que o problema da toxicomania está só na droga. "A idéia de que, eliminando o psicotrópico, a toxicomania ficaria conseqüentemente eliminada tem a sua origem na idéia de que ela (a toxicomania) explica-se através do tripé: agente, hospedeiro e ambiente. Este é um modelo muito em saúde pública e que se aplica bem a várias doenças que acometem o ser humano. É só pensar no caso da tuberculose: o *agente* é o bacilo de Koch, o *hospedeiro* é o homem. Dependendo de circunstâncias específicas de *ambiente* na qual o hospedeiro está vivendo (condições de alimentação e de higiene, por exemplo) a doença tuberculose se manifesta ou não. Uma das formas de se evitar a doença é eliminar o agente... O problema em relação às drogas e que vem questionar o modelo do tripé (agente, hospedeiro e ambiente) é que drogas não são vírus nem bactérias, nem mosquitos transmissores que picam o homem sem que ele se aperceba disso nem deseje suas conseqüências. No caso de drogas, o homem é ao mesmo tempo o hospedeiro e o agente. Na medida em que tem parte ativa na procura da droga, ele compartilha com ela a função de agente" (Masur, 1993, p. 9 e 10).

Significa dizer, que não devemos atribuir às drogas, toda a culpa da toxicomania. Esta representa uma gama enorme de problemas econômicos, sociais, psicológicos e espirituais.

4. ATUAÇÃO DOS PSICOTRÓPICOS NO CÉREBRO

O nosso cérebro possui bilhões de neurônios que se interligam através dos neurotransmissores. Imaginar uma fechadura e a sua chave auxilia o nosso raciocínio. Se não houver nenhum incômodo (algum detrito), a chave abrirá a fechadura; caso haja algum grão de areia, por exemplo, o ajuste não se concretiza. As drogas psicotrópicas, por serem moléculas químicas, atuam por interferir na química cerebral (assemelham-se ao grão de areia), impedindo que a chave verdadeira (o neurotransmissor) exerça a sua ação.

Euforia, sentir-se "apagado", mudança do humor, intensificação dos sentidos, percepção de sons e visões são a tradução comportamental da desorganização da química cerebral (Masur, p. 15 a 22).

Do ponto de vista espiritual, temos de supor a epífise ou glândula pineal, localizada no centro de força coronário. Aí localiza-se a sede do Espírito. É daí que partem as ordens para os demais centros de força. Portanto, máquina poderosa que, quando violentada por pensamentos malsãos ou idéias de desencarnados ou algo forte como o tóxico, faz com que o cérebro trabalhe com sobrecarga, muitas vezes causando sérias lesões. Daí o viciado não trabalhar ou andar pouco e suas cordas vocais ficarem deficientes falando pausadamente (Machado, 1991, p. 42 e 43).

5. PRODUÇÃO E CONSUMO DE DROGAS

Os países ricos, em muitos aspectos, são responsáveis pela produção de droga nos países em desenvolvimento. Como as atividades econômicas dos países pobres são insuficientes para gerar renda e emprego que atendam às necessidades básicas, as populações destes países acabam aceitando o apelo de um poder aquisitivo mais elevado. Embora sujeitos aos riscos de tal empreendimento, para muitos é a porta de salvação monetária, levando muitos a renegar o valor moral de tal trabalho.

A questão das drogas tem sido muito mais uma questão de **repressão** do que de **educação**. Observe a guerra que se trava tanto do lado dos produtores como do lado dos consumidores. A comissão das Nações Unidas que trata das drogas e narcóticos está discutindo "a minuta de declaração sobre os princípios que irão guiar a redução da demanda por drogas". Além da redução da demanda, essa abordagem tem outra característica meritória: o afastamento de uma postura fortemente punitiva. Alega-se que se os países que têm uma alta concentração de renda, especialmente os Estados Unidos, pararem de confiar apenas na restrição brutal da oferta e na punição, igualmente brutal da demanda, muito se terá conseguido.

6. O ALCOOLISMO

6.1. ESTATÍSTICA

Pesquisas realizadas pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, Cebrid, da Universidade Federal de São Paulo e pela Inter Science Informação e Tecnologia revelaram um aumento substancial do consumo de bebidas alcoólicas entre os jovens. A Cebrid, por exemplo, na pesquisa feita em escolas estaduais de 1º e 2º grau de dez Estados brasileiros, constatou que 19% dos jovens entre 10 e 18 anos tomam bebida alcoólica mais de seis vezes por mês, o que em termos médicos já caracteriza uso freqüente da substância. Há sete anos, esse índice era de 14%. Por outro lado, em 1995, a Inter Science entrevistando 600 adolescentes de São Paulo e do Rio de Janeiro, constatou que 42% deles tomam bebidas alcoólicas de vez em quando. Um índice bem superior ao dos que usam maconha (4%) e cocaína (1%).

6.2. PREVENÇÃO E TRATAMENTO

1) Caso tomemos bebidas alcoólicas, útil se tornar fazer o teste Cage, iniciais das palavras **cut-down** (diminuir), **annoyed** (aborrecido), **guilty** (culpado) e **eye-opener** (olho aberto). O resultado não é conclusivo, mas serve para indicar grau de dependência com relação à bebida. Assim, quando acharmos que deveríamos parar de beber, porque bebemos demais, quando ficarmos chateados porque alguém achou que bebemos muito, quando nos sentimos culpados pela maneira de beber, ou quando bebemos logo que levantamos, devemos considerar-nos **dependentes do álcool**, que precisa de tratamento.

2) A medicina terrestre tem feito esforços para resolver o problema. Nos Estados Unidos, em 1984, descobriu-se a *ReVia*, nome comercial da Naltrexone, remédio que deveria ser usado por pessoas viciadas em heroína e que se mostrou eficaz no combate ao alcoolismo. Os

pesquisadores acreditam que o medicamento deve se ligar a receptores específicos (chamados de receptores opióides) no cérebro. Essa ligação atua no mecanismo "craving" (compulsão, desejo incontrolável) de beber. Remédio ainda pouco eficaz, porque só atua nos momentos de crise aguda.

7. VENENO LIVRE

O Espírito Irmão X, em *Cartas e Crônicas*, traça alguns comentários sobre o alcoolismo. Ele começa por situar a cobra, cujo bote comumente não alcança mais que uma só pessoa, é combatida a vara de ferro, porrete, pedra, armadilha etc., "mas o álcool, que destrói milhares de criaturas, é veneno livre, onde quer que vá, e, em muitos casos, quando se fantasia de champanhe ou de uísque, chega a ser convidado de honra, consagrando eventos sociais. Escorrega na goela de ministros com a mesma sem-cerimônia com que desliza na garganta dos malandros encarapitados na rua. Endoidece artistas notáveis, desfibra o caráter de abnegados pais de família, favorece doenças e engrossa a estatística dos manicômios...

... Entretanto, nós, meu amigo, integrados no conhecimento da reencarnação, estamos cientes de que o álcool, intoxicando temporariamente o corpo espiritual, arroja a mente humana em primitivos estados vibratórios, detendo-a, de maneira anormal, na condição de qualquer bicho" (Xavier, 1974, cap. 18, p. 81 a 83).

8. ALCOOLISMO, TABAGISMO E ESPIRITISMO

O vício do fumo e do álcool, do ponto de vista espiritual, é uma responsabilidade do próprio Espírito. Muitas vezes culpamos o meio ambiente, a televisão, o rádio e o cinema, mas esquecemo-nos de que temos o livre-arbítrio e a vontade de o evitar. O espírita tem outras razões para serem analisadas: uma delas, é o fato de poder ter sido um viciado numa encarnação anterior. Quando reencarna, reencarna com tendência ao alcoolismo ou ao tabagismo; a outra, não menos importante, é a influência dos Espíritos obsessores que nos induzem a consumir esta ou aquela droga com a intenção de usufruírem das substâncias que delas são emanadas.

9. CONCLUSÃO

A prece, a boa leitura e os bons conselhos ajudam. Mas, somente conseguiremos bom êxito, quando nos conscientizarmos de envidar todos os esforços necessários para nos libertarmos da escravidão que tais vícios nos engendram.

10. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ÁVILA, F. B. de S.J. *Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo*. Rio de Janeiro, M.E.C., 1967.

MACHADO, I. P. *Driblando a Dor*, pelo Espírito Luiz Sérgio. Brasília, Recanto, 1991.

MASUR, J. *O Que é Toxicomania*. 5. ed., São Paulo, Brasiliense, 1993. (Coleção Primeiros Passos, n.º 149)

XAVIER, F. C. *Cartas e Crônicas*, pelo Espírito Irmão X. 3. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1974.

Bibliografia Consultada

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo, Mestre Jou, 1970.
- ÁVILA, F. B. de S.J. *Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo*. Rio de Janeiro, M.E.C., 1967.
- BATISTA, A. *Tempo, Comunicação e Liberdade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.
- BATTAGLIA, O. *Introdução aos Evangelhos — Um Estudo Histórico-crítico*. Rio de Janeiro, Vozes, 1984.
- Bíblia Sagrada*, traduzida por João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro, Sociedade Bíblica do Brasil, 1966
- BOULDING, K. E. *Princípios de Política Econômica*. São Paulo, Mestre Jou, 1967.
- CHALLAYE, F. *As Grandes Religiões*. São Paulo, IBRASA, 1981.
- CURTI, R. *As Epístolas de Paulo e o Apocalipse de João (Segundo o Espiritismo)*. São Paulo, FEESP, 1983.
- CURTI, R. *As Epístolas de Paulo e o Apocalipse de João (Segundo o Espiritismo)*. São Paulo, FEESP, 1983.
- CURTI, R. *Bem-Aventuranças e Parábolas*. São Paulo, FEESP, 1982.
- CURTI, R. *Espiritismo e Evolução*. São Paulo, FEESP, 1980.
- CURTI, R. *Espiritismo e Questão Social (Problemas da Atualidade I)*. São Paulo, FEESP, 1983.
- CURTI, R. *Espiritismo e Reforma Íntima*. 3. ed., São Paulo, FEESP, 1981.
- CURTI, R. *Monoteísmo e Jesus*. São Paulo, FEESP, 1980.
- DENIS, L. *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*. 18. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1995.
- Enciclopédia Brasileira Mérito*.
- Enciclopédia Combi Visual*. Barcelona (Espanha), Ediciones Danae, 1974.
- Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa, Verbo, s. d. p.
- Enciclopédia Mirador Internacional*. São Paulo, Encyclopaedia Britannica, 1987.
- EQUIPE DA FEB. *O Espiritismo de A a Z*. Rio de Janeiro, FEB, 1995.
- Estado de São Paulo*, 18/05/92.
- Estado de São Paulo*, 28/11/93, pág. 3 A.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s/d/p.
- Folha de São Paulo*, 20/03/95, pág. C2.
- Folha de São Paulo*, 31/10/93, pág. 1-9.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa/Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, s.d. p.
- GRIBBIN, J. *Gênese: As Origens do homem e do Universo*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983.
- IDÍGORAS, J. L. *Vocabulário Teológico para a América Latina*. São Paulo, Edições Paulinas, 1983.
- JERPHAGNON, L. *Dicionário das Grandes Filosofias*. Lisboa, Edições 70, 1982.
- Jornal da Tarde*, 06/03/94, pág. 11.
- KARDEC, A. *A Gênese - Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo*. 17. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1975.
- KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 39. ed., São Paulo, IDE, 1984.
- KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. 8. ed., São Paulo, FEESP, 1995.
- KRISHNAMURTI, J. *Fora da Violência*. São Paulo, Cultrix, 1976.
- LAIN ENTRALGO, P. *La Espera y la Esperanza: Historia y Teoría del Esperar Humano*. 2. ed., Alianza Editorial Madrid, 1984.
- LALANDE, A. *Vocabulário Técnico e Crítico de Filosofia*. [tradução de Fátima Sá Correia ... et al.]. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- MACHADO, I. P. *Driblando a Dor*, pelo Espírito Luiz Sérgio. Brasília, Recanto, 1991.
- MACKENZIE, J. L. (S. J.) *Dicionário Bíblico*. São Paulo, Edições Paulinas, 1984.
- MASUR, J. *O Que é Toxicomania*. 5. ed., São Paulo, Brasiliense, 1993. (Coleção Primeiros Passos, n.º 149)
- MELO, J. M. de. *Telemania, Anestésico Social*. São Paulo, Loyola, 1981. (Série Comunicação, 13)
- MICHAUD, Y. *A Violência*. São Paulo, Ática, 1989.
- ODALIA, N. *O Que é a Violência*. 6. ed., São Paulo, Brasiliense, 1991 (Coleção Primeiros Passos, n.º 85)
- PIRES, J. H. *Introdução à Filosofia Espírita*. São Paulo, Paidéia, 1983.
- Polis - Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado*. Lisboa/São Paulo, Verbo, 1986.
- ROHDEN, H. *Mahatma Gandhi - Idéias e Ideais de um Político Místico*. 6. Ed., São Paulo, Alvorada, 1982
- SANTOS, M. F. dos. *Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais*. 3. ed., São Paulo, Matese, 1965.
- SCHUTEL, C. *Parábolas e Ensinos de Jesus*. 11. ed., São Paulo, O Clarim, 1979.

TAYLOR, R. *A Evolução*. Lisboa, Verbo, 1983.
VIEIRA, W. *Conduta Espírita* (pelo Espírito André Luiz). 8. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1981.
XAVIER, F. C. *A Caminho da Luz - História da Civilização à Luz do Espiritismo*, pelo Espírito Emmanuel. Rio de Janeiro, FEB, 1972.
XAVIER, F. C. *Ação e Reação*, pelo Espírito André Luiz. 5. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1976.
XAVIER, F. C. *Boa Nova*, pelo Espírito Humberto de Campos. 11. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1977.
XAVIER, F. C. *Caminho, Verdade e Vida*, pelo Espírito Emmanuel. 6. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1973.
XAVIER, F. C. *Cartas e Crônicas* (pelo Espírito Irmão X). 3. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1974.
XAVIER, F. C. e VIEIRA, W. *Evolução em Dois Mundos*, pelo Espírito André Luiz, 4. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1977.
XAVIER, F. C. *Emmanuel (Dissertações Mediúnicas)*, pelo Espírito Emmanuel. 9. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1981.
XAVIER, F. C. *Fonte Viva*, pelo Espírito Emmanuel. Rio de Janeiro, FEB, s.d.p.
XAVIER, F. C. *Jesus no Lar*, pelo Espírito Néio Lúcio. 5. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1966.
XAVIER, F. C. *Lázaro Redivivo*, pelo Espírito Irmão X. 6. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1978.
XAVIER, F. C. *No Mundo Maior*, pelo Espírito André Luiz. 7. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1977.
XAVIER, F. C. *O Consolador*, pelo Espírito Emmanuel. 7. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1977.
XAVIER, F. C. *Paulo e Estêvão*, pelo Espírito Emmanuel. Rio de Janeiro, FEB, 1963.
XAVIER, F. C. *Pontos e Contos*, pelo Espírito Irmão X. 4. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1978.
XAVIER, F. C. *Roteiro*, pelo Espírito Emmanuel. 5. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1980.
XAVIER, F. C. *Vinha de Luz*, pelo Espírito Emmanuel. 3. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1972.

São Paulo, 2000